

O CORPO DISCIPLINADO PELA MÍDIA: O CORPO QUE MALHA¹

Christiane Soares Silva

Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí (UFG/CAJ)
christianesoaresilva@yahoo.com.br

Orientadora: Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago

Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí (UFG/CAJ)
lurdinhapaniago@gmail.com.br

Resumo: Adotando como referencial teórico a Análise do Discurso de linha francesa, especialmente a influência exercida por algumas formulações do método arqueogenealógico proposto por Michel Foucault, o presente artigo analisa práticas de subjetivação desenvolvidas pela revista Men's Health na tentativa de fabricar um tipo específico de corpo masculino. Por meio das análises realizadas no presente trabalho, verificou-se que a revista Men's Health, nas matérias sobre práticas de exercícios físicos, produz discursos carregados de verdades e saberes acerca de como deve ser o corpo masculino, elegendo um modelo de corpo ideal, a saber, um corpo saudável, malhado, belo e atraente. A revista funciona, portanto, como um dispositivo de subjetivação, na tentativa de moldar os corpos de seus leitores ao padrão de corpo ideal estabelecido como verdadeiro desta época, utilizando-se de tecnologias de poder.

Palavras-Chave: Análise do discurso; Foucault; Práticas de subjetivação; corpo; mídia; fitness

Introdução

Tendo como embasamento teórico a Análise do Discurso derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e, especialmente, algumas formulações de Michel Foucault, discute-se no presente artigo, as técnicas de subjetivação adotadas pela revista Men's Health, por meio de discursos verbais e imagéticos, na tentativa de construir um tipo específico de corpo masculino. Para tanto, partimos da hipótese de que o discurso da revista Men's Health elege um modelo de corpo específico como o mais apropriado e como o único tipo aceitável e desejável para os homens de acordo com a vontade de verdade desta época, de modo que,

¹ Artigo revisado pela orientadora.

funciona como um dispositivo de subjetivação na tentativa de moldar o corpo de seus leitores para que se enquadrem nesse padrão.

Metodologia

A Análise do Discurso (AD) foi a área da linguística escolhida para guiar nossas análises, sobretudo, a AD derivada de Michel Pêcheux e de contribuições de Michel Foucault. A AD constituída através do trabalho de Pêcheux foi influenciada por diversas perspectivas, e formou-se como um campo transdisciplinar para o estudo do discurso, pois une a linguística a outras áreas das ciências humanas. Nesse sentido, Pêcheux efetua um cruzamento de diversas regiões do conhecimento, articulando contribuições teóricas formuladas por Freud, Althusser, Foucault, Lacan e Bakhtin, para “possibilitar a abordagem das relações entre linguagem, sujeito, discurso e história” (GREGOLIN, 2007, p.14). Pêcheux, portanto, compreende o discurso como prática que não pode ser desvinculada da história e de sua exterioridade.

Foucault prestou importantes contribuições para a formação da análise do discurso, principalmente no que concerne às suas formulações em *Arqueologia do saber*, acerca de uma “teoria do discurso”, que pode ser sintetizada nas palavras de Gregolin da seguinte forma:

- a) O discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas;
- b) Os dizeres e fazeres inserem-se em *formações discursivas*, cujos elementos são regidos por determinadas regras de formação;
- c) O discurso é um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual constituem-se os saberes de um momento histórico;
- d) O discurso é o espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente);
- e) A produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em um certo momento histórico (GREGOLIN, 2007, p. 15).

O discurso possui uma unidade elementar, o enunciado. De acordo com Foucault o enunciado não é uma unidade, mas sim uma função, daí deriva o termo função enunciativa. O que caracteriza um enunciado como tal é o fato dele ser “produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado” (GREGOLIN, 2004, p. 26). Assim, o discurso é definido por Foucault como:

conjunto de enunciados, na medida que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciado, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência; é, de parte a parte, histórico – fragmentado de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus

cortes, de sua transformação, dos modos específicos de sua temporalidade (FOUCAULT, 1986, p.135-36 apud. GREGOLIN, 2004, p.36).

O enunciado sempre está inserido em um campo associado, isto é, “sempre tem suas margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 1986, p. 112 apud. GREGOLIN, 2004, p.28). Gregolin (2004, p.28) percorrendo sobre campo associado, afirma:

- a) Ele é constituído pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve;
- b) Ele é constituído, também, pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não) seja para repeti-las, seja para modificá-la ou adaptá-las; seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas. Por isso, todo enunciado liga-se a uma memória e, assim, não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados;
- c) Ele é constituído, ainda, pelo conjunto das formulações cuja possibilidade ulterior é propiciada pelo enunciado e que podem vir depois dele como consequência, sua sequência natural ou sua réplica;
- d) Ele é constituído, finalmente, pelo conjunto das formulações cujo *status* é compartilhado pelo enunciado em questão, em relação às quais se apagará ou tomará um lugar (será valorizado, conservado, sacralizado e oferecido como objeto possível a um discurso futuro). Por estar imerso nesse movimento que institui sua enunciabilidade, pode-se dizer, de modo geral, que uma sequência de elementos linguísticos só é enunciado se estiver emersa em um campo enunciativo em que apareça como elemento singular (FOUCAULT, 1986, p.113 apud. GREGOLIN, 2004, p.28).

Desse modo, conclui-se que “não há enunciado em geral livre, neutro e independente, mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo” (FOUCAULT, p. 114 apud. GREGOLIN, 2004, p. 30).

Há que se destacar que, existe um “princípio de dispersão e de repartição dos enunciados”. Foucault nomeia esse princípio ao qual o enunciado é submetido de *formação discursiva*. De acordo com ele, a formação discursiva corresponde a um sistema que delimita aquilo que pode ser dito em um determinado espaço social e em determinada época (GREGOLIN, 2004, p.33). De acordo com Foucault,

no caso em que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhantes sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*.[...] Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidades de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva (FOUCAULT, 2007, p.43 apud. BELOTI, 2011, p.59).

Foucault nos proporciona ferramentas conceituais importantes para entender como a mídia se posiciona para subjetivar seus leitores, pois esse filósofo tem como foco de suas investigações o sujeito e sua constituição histórica através das complexas relações entre verdade, saber e poder, que se dão no e pelo discurso. Para ele, o sujeito é produto do discurso, desse modo, a identidade e os corpos dos sujeitos são construídos através das estratégias e mecanismos empregados pelas práticas discursivas para estabelecer e legitimar processos de subjetivação.

Para realizar as análises discursivas deste trabalho, adotou-se como *corpus* de análise matérias jornalísticas publicadas em exemplares da Revista Men's Health (publicação da Editora Abril voltada para o público masculino), no decorrer do período que vai do mês de abril de 2009 até o mês de janeiro de 2013.

O poder sob a ótica de Foucault

Ao longo de seus estudos, Foucault se dedica a investigar as relações de poder na sociedade. Ele aborda o poder de maneira diferente das teorias advindas das ciências políticas e jurídicas. Nessas áreas, o poder é tratado como uma essência, como um bem ou direito que se possa possuir ou alienar. No entanto, para esse filósofo o poder não é algo que se detém, mas sim que se exerce de forma relacional. Ele não se localiza em um ponto específico, e não segue uma estrutura hierárquica na qual há os indivíduos que têm e os que não têm poder, desse modo, todos na estrutura social podem exercer poder ou sofrer os efeitos de sua ação (FOUCAULT, 2011d).

Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social (MACHADO, 2011, p.XIV).

De acordo com Foucault, existe um feixe de relações de poder, portanto, o poder não está localizado somente nos aparelhos de Estado. Para ele não há um foco ou centro absoluto de onde emana o poder.

As relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre os que sabem e os que não sabem, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade existem milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo (FOUCAULT, 2004a. p. 231).

Foucault alerta para a existência de uma microfísica do poder. Formas de poder que não se situam no Estado, micropoderes que se dispersam por toda a sociedade, que assumem formas regionais, moleculares, e se aplicam sobre o corpo dos indivíduos através de tecnologias de poder para atingir um controle minucioso dos seus “gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos” (MACHADO, 2011, p.XII).

As relações de poder se estabelecem por meio de tecnologias, e não por meio de opressão e dominação, tendo em vista que tais situações são formas extremas de exercício do poder. O poder se exerce por meio de relações de força, de enfrentamento, de forma que haja sempre possibilidade de resistências. Ou seja, para Foucault, só existem possibilidades de exercício de poder onde há possibilidades de resistência (FOUCAULT, 2004a).

Há que se observar que nas análises foucaultianas o poder não pesa somente como algo negativo, opressor, repressivo, e não se estabelece somente por meio de violência, pois o poder possui um caráter positivo, produtivo e transformador. Ele produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso e rituais de verdade. É este aspecto produtivo do poder que faz com que ele recaia sobre os corpos dos indivíduos para geri-los, aumentar e aperfeiçoar suas potencialidades a fim de torná-los dóceis e úteis para a sociedade (FOUCAULT, 2011b).

De acordo com Foucault, nos séculos XVII e XVIII, apareceram técnicas de poder essencialmente centradas no corpo do indivíduo. Ele nomeou esse tipo de relação de poder de tecnologia disciplinar. Através destas, o corpo passou a ser investido como objeto do poder para exercer sobre ele um controle. Nas palavras de Foucault (2009, p.133), “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Segundo Foucault as técnicas disciplinares referem-se a

[...] procedimentos pelos quais se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais (sua separação, seu alinhamento, sua colocação em série e em vigilância) e organização, em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade. Eram também técnicas para aumentar a força útil dos corpos através de exercícios, treinamento e etc. Eram ainda técnicas de racionalização e de economia estrita de um poder que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios. Portanto essa técnica se aplica sobre os corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, e eventualmente punidos. Ela manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar dócil e útil ao mesmo tempo (FOUCAULT, 1999, p.288).

Para tanto, o poder disciplinar implica um registro contínuo de conhecimento, e em contrapartida resulta em uma produção de saber. Deste modo, o poder disciplinar fabrica os indivíduos e os tomam como objetos de saber (FOUCAULT, 2009).

As disciplinas proporcionam uma manipulação do corpo para torná-los exercitados, treinados, modelados, dóceis e úteis. Para Foucault (2009, p.132) “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” e é útil um corpo que tem suas forças aumentadas em termos econômicos.

Foucault discorre acerca de outra tecnologia de poder que surge na segunda metade do século XVIII, o biopoder. Esse não exclui a tecnologia disciplinar, mas a perpassa e articula-se a ela, pois se aplica em outro nível, e é auxiliada por instrumentos diferentes. Enquanto a disciplina se dirige ao “homem-corpo”, o biopoder se dirige “homem-espécie” (1999, p.289).

De acordo com Foucault (1999, p.289), o objetivo do biopoder é gerir a multiplicidade dos homens na medida em que estes formam “uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc”. Ou seja, seu foco são “os fenômenos coletivos que só aparecem com seus efeitos políticos e econômicos, e que só se tornam pertinentes no nível da massa” (FOUCAULT, 1999, p. 293).

Instala-se concomitantemente ao biopoder uma biopolítica, estratégias e ações concretas por meio das quais o biopoder se exerce. A biopolítica inaugura “a noção de população” abordando-a “como um problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder”. A biopolítica se ocupa dos fenômenos da população como foco de “previsões, de estimativas, estatísticas, de medições globais” (FOUCAULT, 1999, p.292-293).

As primeiras áreas de intervenção de poder e de produção de saber dessa biopolítica foram às taxas de natalidade, de morbidade, de fecundidade, etc. Essas estatísticas nasceram para atender a finalidade de fixar estados globais de equilíbrio, assegurar compensações e aprimorar a vida da população. Além disso, tais procedimentos propiciaram o surgimento das primeiras demografias e a formação de uma “ciência de Estado”. Em suma, o biopoder e a biopolítica visam assegurar uma regulamentação que possibilite a maximização da força da população (FOUCAULT, 1999).

Foucault discorre sobre as características da técnica disciplinar e do biopoder, afirmando que:

Uma técnica que é pois, disciplinar: é centrada no corpo, produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo. E, de outro lado, temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população, que procura controlar a série de ventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva. Uma tecnologia que procura controlar (eventualmente modificar) a probabilidade desses eventos, em todo caso em compensar seus efeitos (FOUCAULT, 1999, p.297).

A tecnologia disciplinar e o biopoder têm a norma como aspecto em comum, pois “a norma é o que pode tanto se aplicar ao corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar” (FOUCAULT, 1999, p.302). A norma delimita a normalidade ou anormalidade, de forma que um sujeito que corresponde a um modelo previamente estabelecido por um discurso de saber como regra, como norma, é considerado normal. Por outro lado, se diverge da regra, é considerado anormal. Deste modo o que escapa a norma precisa ser normalizado por meio das técnicas de poder (MACHADO, 2011).

Foucault concebe o poder como um fenômeno produtor e não estritamente negativo. Tal concepção de poder se faz relevante para problematizar a mídia como um dispositivo de poder produtor de subjetividades em nossa sociedade.

Governamentalidade

No curso ministrado no Collège de France, em 1 de fevereiro de 1977, Foucault (2006b) discorre sobre a governamentalidade. Ele relata que, no século XVI, viu-se uma ascensão da problematização sobre o governo. Além disso, houve o surgimento de tratados sobre a arte de governar. Diversas questões referentes ao tema foram colocadas em foco, como a preocupação em como governar-se a si mesmo, aos outros, às condutas, às crianças, à família, dentre outras.

Foucault analisou uma vasta literatura que versava sobre a arte de governar. Com base nestas análises, ele afirma que houve uma ruptura com o modelo de governo de Soberania, para dar lugar a um tipo de governo no qual se estabelecia uma continuidade ascendente e descendente entre o governo do Estado e outros tipos de governo. Ascendente, no sentido de que, para bem governar o Estado, primeiro o governante deveria saber governar a si próprio, sua família, e seus bens. Nesse há também uma continuidade descendente, pois se o Estado é bem governado todas essas outras formas de governo estarão asseguradas de modo eficaz. Um bom governo do Estado refletiria em uma boa conduta dos indivíduos, logo esses saberiam

como bem governar suas famílias, suas propriedades e seus bens. Nesse cenário, o governo adequado da família torna-se um modelo quimérico para o bom governo do Estado (FOUCAULT, 2006b).

Foucault reporta-se às pesquisas de La Perrière sobre a definição de governo e demarca a diferença que ele estabelece entre soberania e governo. A soberania fundamentava-se sobre o fim de assegurar o bem comum, porém em sua essência pregava a obediência à lei do soberano, isto é a submissão absoluta das pessoas as leis. Por sua vez o governo, nas palavras de La Perrière, tem como finalidade dispor das coisas de modo a conduzi-las a um fim conveniente, o que equivale a ocupar-se dos homens em suas relações com outras coisas, como riquezas, recursos, território, e etc. Ademais, o governo utiliza-se de táticas diversas ao invés de leis para dirigir as coisas e alcançar suas finalidades (FOUCAULT, 2006b).

Foucault (2006b) afirma que pouco a pouco o Estado foi se tornando governamentalizado, permitindo a instalação dessa arte de governar em detrimento do poder absoluto do soberano. O que possibilitou essa governamentalização do Estado foi a percepção dos problemas da população. Isso levou ao exercício do poder como prática de governo e ao desenvolvimento de um saber do Estado que pudesse ser usado como táticas de governo. Logo, surgiram as estatísticas políticas que mostraram as regularidades dos problemas específicos da população, como trabalho, expansão demográfica, número de doenças, de mortes, de acidentes, de expansão endêmica, de epidemias, e, além disso, os respectivos efeitos desses fenômenos na economia.

Instaura-se, portanto, no século XVIII, essa nova forma de governo tendo como objeto a população e os processos econômicos. Em decorrência dessas mudanças, a família deixa de ser um modelo para o bom governo do Estado e torna-se somente um instrumento de intervenção do mesmo. Acerca da governamentalidade, Foucault diz

[...] Por “governamentalidade” entendo, o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bem específica, bem complexa, de poder, que tem como alvo principal a população, como forma mais importante de saber, a economia política, como instrumento técnico essencial, os dispositivos de segurança [...] (FOUCAULT, 2006b, p.303).

A governamentalidade se dá por meio do exercício do poder e pode ser entendida como uma condução da ação dos outros, ou seja, é a capacidade que alguns sujeitos possuem se determinar a conduta de outrem por meio do exercício do poder. Nas palavras de Foucault,

O traço distintivo do poder é que alguns homens podem mais ou menos determinar inteiramente a conduta de outros homens – mas nunca de maneira

exaustiva ou coercitiva. Um homem acorrentado e espancado é submetido à força que se exerce sobre ele. Não ao poder. Mas se se pode levá-lo a falar, quando seu último recurso poderia ter sido o de segurar a sua língua, preferindo a morte é porque o impelimos a comporta-se de uma certa maneira. Sua liberdade foi sujeitada ao poder. Ele foi submetido ao governo. (FOUCAULT, 2006b, p. 384)

Há que se observar que, de acordo com Foucault, esta forma de governo nunca se dá através da repressão ou coação. Isso se justifica pelo fato de que, só existem relações de poder quando os indivíduos sobre os quais o poder é exercido são indivíduos livres, capazes de agir e que possuem diversas possibilidades de ação, isto é, possuem um campo de respostas e reações aberto. Deste modo, só há possibilidade de exercício do poder e, por conseguinte, de governo sobre os indivíduos livres. (PANIAGO, 2005). Foucault (2004b, p. 285) salienta que “é preciso distinguir as relações de poder como jogos estratégicos entre liberdades – jogos estratégicos que fazem com que uns tentem determinar a conduta dos outros”. Em suma, Foucault argumenta que

Quando definimos o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo "governo" dos homens, uns pelos outros - no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre "sujeitos livres", enquanto "livres" - entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer (FOUCAULT, 1995, p. 244).

No terceiro volume de *História da Sexualidade*, Foucault discorre acerca de outra forma de governo, o governo de si. Foucault relata que na Antiguidade greco-romana houve uma intensa problematização dos comportamentos sexuais através de “práticas de si”. Ao explorar esse tema, o filósofo efetua uma análise sobre as formas de relações consigo mesmo pelas quais os indivíduos se constituíam enquanto sujeito, e os jogos de verdade que guiam essa constituição de si por si mesmo (FOUCAULT, 1985).

Para tratar do assunto, Foucault reporta-se aos primórdios da emergência de um fenômeno na reflexão moral da Antiguidade, a “cultura de si”. Esse fenômeno se caracterizou por uma intensificação das relações de si para consigo mesmo, nas quais os sujeitos deveriam tomar a si como um objeto de conhecimento, de autotransformação e autoformação. Nessa perspectiva “para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer” e “para se formar e superar-se a si mesmo”. Enfim, para se constituir enquanto sujeito moral e ético (FOUCAULT, 2004b, p.268).

O princípio que rege e determina a prática da “cultura de si” é o “cuidado de si”, isto é, a necessidade, de cuidar de si mesmo, da alma e do corpo a fim de corrigir-se e purificar-se. Para cuidar de si é necessário conhecer-se a si mesmo e também conhecer as “regras de condutas ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades” (FOUCAULT, 2004b, p.269).

De acordo com Foucault o cuidado de si,

[...] tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas, ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber (Foucault, 1985, p. 50).

O cuidado de si tem como preceito as “práticas de si” ou “técnicas de si”, isto é, a elaboração de um conjunto de práticas e procedimentos específicos para transformar-se a si. Para Foucault (2004a, p.198-199) as práticas de si são “práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformas-se, modificar-se em seu singular”. Ainda de acordo com Foucault (1985, p.62), “a prática de si implica que o sujeito se constitua face a si próprio”. Ou seja, refere-se a um exercício de si sobre si mesmo para adequar-se as regras de princípios e condutas que são legitimados como verdades. Em síntese, as técnicas de si são:

Procedimentos que existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si. Em suma, trata-se de recolocar o imperativo do “conhecer-se a si mesmo”, que nos parece tão característico de nossa civilização na interrogação mais ampla e que lhe serve de contexto mais ou menos explícito: que fazer de si mesmo? (FOUCAULT, 1997, p. 109 apud. BELOTI, 2011, p. 85).

Foucault nos alerta que o cuidado de si envolve relações complexas com o cuidado dos outros. Isso decorre do fato de que, para cuidar de si, é necessária uma relação com outro que forneça conselhos, e que diga a verdade. Ademais, aquele que bem cuida de si, deve também devido a sua boa conduta saber cuidar do outro, portanto, o cuidado de si é uma arte de governar os outros. Desse modo, um sujeito que deseja governar uma cidade, deve antes saber governar a si, ou seja, ele deve primeiro adotar o cuidado de si. Foucault (1985, p. 95-96) afirma que, “na difícil arte de governar, no meio de tantas ciladas, o governante terá que se guiar por sua razão pessoal: é sabendo se conduzir bem que ele saberá conduzir, como

convém, os outros”, por conseguinte, a “racionalidade do governo dos outros é a mesma que a racionalidade do governo de si próprio”.

A concepção foucaultiana de governamentalidade se faz operante nas nossas análises, pois viabiliza compreender como a revista Men’s Health adota esse mecanismo para tentar subjetivar seus leitores por meio do governo de si e dos outros.

Verdade, poder e saber

Em entrevista com S. Hasumi em 13 de outubro de 1977, Foucault traça uma importante problematização sobre a interface do poder e do saber e da verdade e do poder. De acordo com Foucault (2011a, p.13) verdade é “o conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos de poder”.

Segundo esse filósofo toda sociedade produz efeitos de verdade e tal produção não pode ser desvinculada do poder, pois ambos se implicam mutuamente. São os mecanismos de poder que induzem a produção de verdades e por sua vez essas verdades que são produzidas acarretam em si novos efeitos de poder, logo, não existe verdade sem poder e nem exercício do poder sem verdades. (FOUCAULT, 2011d). O poder induz a produção de discursos de verdades,

Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade” (FOUCAULT, 2011a, p.179-180).

Os discursos científicos e determinadas instituições são legítimas a produzir e propagar verdades. A produção de discursos verdadeiros é submetida às vontades de verdades de determinada época, que por sua vez são oriundas de necessidades dos aparelhos econômicos e políticos da sociedade. Foucault salienta que:

[...] a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação sob controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação), enfim, é objeto de debate político e de confronto social [...] (FOUCAULT, 2011a, p.13).

Há, destarte, na estrutura social um regime de verdade no qual se encontram os procedimentos de produção, transmissão e funcionamento de enunciados verdadeiros.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2011a, p.12).

Em síntese, Foucault afirma que a verdade corresponde ao “conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros”(FOUCAULT, 2006a, p.232-233).

Para esse filósofo saber e poder também se implicam de forma mútua, pois não é possível que o poder se exerça sem a constituição de um campo de saber, e por sua vez, todo saber constitui novas relações de poder. Dessa forma, onde há o exercício de poder há a formação de saberes que ocasionam efeitos específicos de poder, logo, o saber em si é dotado de poder. Para que o poder se exerça é necessário produzir, acumular e por em circulação saberes na sociedade, através de instrumentos como “métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de inquérito e de pesquisa, aparelhos de verificação” (FOUCAULT, 2011c, p.186). O poder, portanto, para que possa ser exercido elege objetos de saber. Em suma, Foucault estabelece uma articulação entre verdade, poder e saber, pois a complexa relação entre poder e saber faz com que verdades sejam estabelecidas, de modo que, o poder incita a produção de saberes e verdades na sociedade, e estes, acarretam novos efeitos de poder.

Discussão

As noções aqui explicitadas, sobre a Análise do discurso e sobre formulações do método arqueogenealógico de Michel Foucault, são operantes para a nossas análises, tendo em vista o nosso objetivo de problematizar o processo de subjetivação do corpo masculino por meio dos discursos produzidos pela revista Men's Health. Elegemos para efetivar nossas análises discursivas reportagens que versam sobre temas relacionados à prática de exercícios físicos. Norteados pelas discussões aqui traçadas, analisamos os enunciados materializados nesse veículo midiático para elucidar seus efeitos na produção de subjetividades. Ademais, investigamos as estratégias que a revista utiliza para tentar subjetivar seus leitores.

A mídia é um veículo legitimado na sociedade, autorizado a produzir e a propagar enunciados postos como verdade. Nesse sentido, consideramos que a revista Men's Health se posiciona em lugar privilegiado para difundir discursos a respeito do corpo masculino,

portanto, se constitui como um grande dispositivo de subjetivação. A revista Men's Health, portanto, toma os sujeitos como objeto de saber e de poder para tentar subjetivá-los aos moldes das vontades de verdade desta época.

A noção de função enunciativa formulada por Foucault nos fornece arcabouço teórico para analisar a reportagem intitulada “Força no Pedal!”, publicada da edição de julho de 2012 da Revista Men's Health. A referida reportagem oferece dicas de como ficar em forma por meio da prática de ciclismo. Além de apontar benefícios desse tipo de atividade para o corpo, a reportagem ainda reproduz um discurso do “politicamente correto”, por exemplo, no seguinte enunciado: “Sobre duas rodas, você não gasta com combustível e estacionamento, foge de engarrafamentos, preserva o meio ambiente e ainda chega relax aos lugares”.

Nesse enunciado, podemos encontrar diversos outros enunciados que ecoam de outros lugares da sociedade, mas que fazem parte do mesmo campo associado. O discurso da revista em defesa do uso do ciclismo para melhorar a forma física e preservar o meio ambiente, retoma, de certa forma, discursos em pró da preservação do meio ambiente e diminuição da poluição provocada por veículos automobilísticos, produzidos e difundidos por instituições governamentais de controle ambiental como o IBAMA e CONAMA. Dessa forma, o enunciado sobre o politicamente correto se apoia em outros enunciados, de modo que não tem uma existência isolada, mas sim dentro de um campo associado do qual faz parte.

Ao reproduzir o discurso do politicamente correto, a revista tenta produzir um tipo de homem consciente, descolado e que cuida do meio ambiente. O texto verbal da reportagem diz “Seja como meio de transporte ou como exercícios físicos, pedalar está cada vez mais ligado a um estilo de vida saudável, moderno. Use uma bike no seu dia a dia e você será visto como descolado, consciente e esportista”. A revista, por meio desses enunciados, vale-se de mecanismos de biopoder para tentar subjetivar seus leitores. Tenta produzir homens conscientes, que vão preservar o meio ambiente e, desse modo, contribuir com uma regulamentação no âmbito da população, aumentando o grau de saúde e o bem-estar dos sujeitos de forma global. Esse biopoder materializa-se através do governo de si, pois a revista oferece representações que indicam para os leitores como eles devem se portar com relação ao meio ambiente, na intenção de que os mesmos adotem tais prescrições como um referencial para modelar-se, e se encaixar nos padrões propostos.

No lead da reportagem “Força no Pedal” encontra-se o seguinte enunciado: “Ganhe músculos e um corpo sarado andando de bicicleta e mostre que você é um homem descolado e

esportista”. A revista utiliza nessa reportagem o termo “corpo sarado”. O adjetivo *sarado* provém do verbo *sarar*, que remete a ideia de curar, tornar-se saudável. Logo, o termo *corpo sarado* equivale a um corpo saudável. Entretanto, observamos que no discurso da revista o termo *corpo sarado* possui uma dupla conotação, pois ao mesmo tempo em que se refere a um corpo saudável, também faz referência a um corpo sem excessos, malhado, turbinado, forte, bonito e atraente. É este tipo de corpo que a revista elege como um corpo ideal. Isso pode ser verificado em outros trechos da reportagem que apontam para os benefícios de se adotar a prática de ciclismo, por exemplo:

- “A musculatura fica definida, a gordura diminui e condicionamento físico melhora”.
- “Além dos músculos, a imagem agradece!”
- “Além de melhorar o sistema cardiovascular, andar de bike ainda garante músculos”.

Os benefícios apontados nos trechos da referida reportagem convergem para formar um tipo de corpo específico, um “corpo sarado”, que é ao mesmo tempo um corpo saudável e esteticamente belo.

Na reportagem intitulada “Treino Antidoenças!”, publicada da edição de julho de 2012, também é possível perceber que a revista promove em seus discursos um tipo de corpo como o ideal. Este é, ao mesmo tempo, saudável, belo e atraente. No início da reportagem nos deparamos com o seguinte enunciado: “Com este plano de malhação, além de dar um up no visual, você fortalece suas defesas contra Alzheimer, câncer de próstata, diabetes, doenças cardíacas e artrose”. A revista oferece ao leitor um plano de exercícios a ser seguido para se proteger de doenças e ficar mais atraente. Nesse sentido a revista enuncia, “Sim, os efeitos da malhação podem ir bem além de trincar seu shape e levantar seu look. Podem deixar você muito mais saudável, protegendo-o de doenças graves”.

Esse modelo de corpo ideal, também está presente no discurso imagético da revista, que sempre ilustra suas capas e reportagens por homens de corpos fortes, malhados, belos e atraentes. Além disso, os homens estão sempre sorridentes e ativos o que passa uma impressão de saúde e bem-estar. Desse modo, as imagens materializadas nas capas da revista retratam homens que correspondem ao modelo de corpo que a revista pretende produzir.

Há que se destacar ainda, que as capas da revista sempre apresentam, a imagem de uma mulher seminua associada a um texto verbal que faz a chamada de uma reportagem geralmente com temas que envolvem dicas sobre como conquistar uma mulher ou sobre sexo. O texto verbal associado ao texto não-verbal permite a leitura de que o modelo de corpo

masculino que esse veículo midiático promove como ideal está relacionado a um maior poder de atração e de sedução.



Capa 1: edição de Abril, 2009



Capa 2: edição de setembro de 2012

Na capa número 1, há o seguinte texto verbal: “Conquiste o corpo que ela curte”. Tal texto, associado à imagem do homem ilustrada na capa sugere que esse tipo específico de corpo pode auxiliar os homens a conquistar e atrair mulheres. Essa leitura é ainda propiciada pelo texto não-verbal da capa número 2, que retrata a cena de um casal seminu abraçado, na qual, o homem está com uma de suas mãos no seio e a outra no quadril da mulher. A configuração da imagem nos autoriza a enxergar nela uma conotação sexual. Desse modo, possibilita a interpretação de que esse homem forte, belo e atraente seduziu sexualmente essa mulher. Logo, sugere que esse tipo de corpo auxiliou nesse processo de conquista.

A revista por meio destas reportagens estabelece como verdadeiro desta época que os homens devem ter um corpo saudável e ao mesmo tempo malhado, belo e atraente. E, ainda, se posiciona como autorizada a falar de como deve ser o corpo masculino, a ensinar como os leitores devem proceder e que práticas de exercícios físicos devem adotar para atingir o modelo de corpo elegido como ideal. A revista funciona, portanto, como um dispositivo de poder disciplinar na tentativa de subjetivar os seus leitores para que se encaixem em seu modelo de corpo ideal. A revista por meio dos discursos sobre as práticas de exercícios físicos tenta fabricar corpos treinados, exercitados, dóceis e úteis.

Nas reportagens supramencionadas, a revista se vale dos mecanismos de gorvenamentalidade para tentar subjetivar seus leitores. A Men's Health se posiciona como

autorizada a falar como os homens devem proceder para atingir o modelo de corpo ideal, por meio de dicas e fórmulas, planos e sugestões de treinos. No trecho retirado da reportagem “28 exercícios-chave para chegar ao shape ideal” publicada na edição de março de 2011 da Men’s Health, essa postura adotada pela revista fica evidente. O texto diz “A fim de facilitar a sua busca pelo corpo ideal, a gente reuniu em uma única reportagem 28 movimentos que resolvem qualquer parada. Eles foram divididos e combinados em cinco simples planos para que todo mundo possa fazer um pitstop nestas páginas: o cara gordo, o que não consegue trincar, o sujeito que quer ganhar tamanho, aquele que começou a musculação ontem”. Percebe-se, nesse texto, que a revista sugere planos de exercícios físicos que qualquer tipo de homem pode seguir para atingir um corpo ideal. Por meio dessas dicas, a revista tenta estruturar o campo de ação de seus leitores, e determinar as condutas que eles devem adotar em relação ao próprio corpo.

Há que se destacar, no entanto, que a revista não se utiliza de meios coercitivos, mas sim de estratégias de poder. Através da enunciação de saberes e verdades, relacionados ao corpo masculino e a práticas de exercícios físicos, a revista exerce poder sobre seus leitores. O discurso produzido pela Men’s Health objetiva convencer os leitores de que é necessário e natural ter o modelo de “corpo ideal” que ela elege, e consequentemente, de que é necessário seguir os treinos e planos sugeridos para conseguir alcançar esse padrão de corpo. Tenta, portanto, exercer um governo sobre as ações dos leitores. No entanto, os leitores podem ou não optar por adotar os treinos de exercícios físicos sugeridos nas reportagens para se adequar ao modelo de corpo ideal elegido pela revista. Isso se deve ao fato de que os leitores podem oferecer resistência, pois são sujeitos livres que possuem todo um campo de respostas e comportamentos possíveis.

A Men’s Health oferece verdades e saberes acerca de como deve ser o corpo masculino, e sobre como o sujeito deve proceder para conseguir atingir esse corpo. Desse modo, ela indica para o leitor como ele deve cuidar de si. Na reportagem “Treino Antidoenças!”, publicada na edição de julho de 2012, a revista coloca o sujeito diante de si, tenta fazer com que ele avalie o seu próprio corpo e observe o seu estado físico e de saúde, a fim de que o leitor encontre discrepâncias entre o atual estado de seu corpo e o modelo oferecido de corpo ideal. O seguinte trecho exemplifica essa postura da revista: “Nas próximas páginas, está o programa que engloba essas estratégias e leva apenas 45 minutos – dá para mandar ver nesse plano até na hora do almoço! Será que você pode se dar ao luxo de não fazê-lo?”.

Na reportagem “Corpo novo em nove passos”, publicada na edição de janeiro de 2013, também é possível verificar mecanismos de subjetivação fundamentados no cuidado de si, por exemplo, no trecho: “Você está em forma? Deu uma escorregada no fim de ano? Quer aproveitar 2013 para se cuidar mais? Se a resposta for sim para qualquer uma das perguntas, este programa é para você. Aqui, a MH mostra como alinhar hábitos, treino, e cardápio para melhorar a saúde e o shape, seja qual for seu ponto de partida”.

Ao realizar essas perguntas a revista coloca o leitor diante de si, tenta fazer com que ele realize uma avaliação de si mesmo, e adote as técnicas de si para transformar-se e modelar-se. Ou seja, a revista tenta fazer com que o leitor exerça um exercício de si sobre si mesmo, para moldar-se ao padrão de corpo oferecido por ela como ideal, e como verdadeiro desta época. A revista, portanto, tenta subjetivar seus leitores por meio do *governo de si*.

A Men’s Health usa como estratégia para subjetivar os leitores o aval científico para endossar o discurso acerca das práticas de exercícios físicos. Em suas reportagens, sempre estão presentes opiniões de especialistas e referências a estudos realizados em universidades renomadas, que legitimam as narrações apresentadas aos leitores como verdades. Os discursos provenientes do meio científico servem como suporte para que a revista possa falar sobre o corpo masculino com maior credibilidade, pois a ciência é um campo legitimado na sociedade a produzir e propagar saberes e verdades.

Conclusão

As análises discursivas aqui realizadas através do viés da Análise do Discurso enunciada por Michel Foucault nos possibilitam responder aos questionamentos que suscitaram a elaboração desta pesquisa. Propusemo-nos a investigar as práticas de subjetivação que estão sendo produzidas pela revista Men’s Health, na tentativa de construir um tipo específico de corpo masculino.

As análises revelaram que a revista produz um discurso sobre como deve ser o corpo masculino, e promove um modelo de corpo como o único possível e desejável para os homens. Por meio das reportagens publicadas na Men’s Health, percebeu-se que o modelo de corpo ideal masculino é um corpo saudável, malhado, belo e atraente. Foi possível notar que há uma preocupação por parte da revista em moldar os corpos dos homens para que se enquadrem no modelo de corpo ideal proposto, por meio de discursos “verdadeiros” sobre a prática de exercícios físicos.

Dessa forma, conclui-se que a revista Men's Health produz e coloca em circulação discursos carregados de verdades e de saberes acerca do corpo masculino, na tentativa de moldar os corpos de seus leitores para que se encaixem no padrão de “corpo ideal”.

Referências

BELOTI, Adriana. A Revista Nova Escola e a construção de identidades do professor. Tese de Doutorado: Universidade Estadual de Maringá, 2011.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: _____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011a. p. 1-14.

_____. Poder e corpo. In: _____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011b. p. 145 -152.

_____. Genealogia e poder. In: _____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011c. p. 167 -177.

_____. Soberania e Disciplina. In: _____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011d. p. 179 -191.

_____. O Uso dos Prazeres e as Técnicas de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Tradução Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. p. 192 – 217. (Ditos e escritos V).

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Trad. Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. p. 264 – 287. (Ditos e escritos V).

_____. Poder e saber. In: _____. **Estratégia, Poder- Saber**. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. p. 223 – 240. (Ditos e escritos IV).

_____. A “Governamentalidade”. In: _____. **Estratégia, Poder- Saber**. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. p. 281 – 305. (Ditos e escritos IV).

_____. Aula de 17 de março de 1976. In: _____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975 – 1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 285 – 315. (Coleção tópicos).

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. História da sexualidade III: o cuidado de si. Tradução Raquel Ramalhete. 36 . ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Rev. Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v.4, n.11, p. 11-25, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: _____. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. Org. Vanice Sargentini, Pedro Navarro-Barbosa. São Carlos: Claraluz, 2004.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011, p.vii-xxiii.

PANIAGO, Maria de Lourdes F. S. Práticas discursivas de subjetivação em contexto escolar. Tese de Doutorado: Araraquara: UNESP, 2005.

Corpus citado:

Men's Healt, São Paulo: Abril, n 77, setembro, 2012.

Men's Healt, São Paulo: Abril, n 36, abril, 2009.

Força no Pedal: _____. In: Revista Men's Health, n 75, São Paulo: Abril, julho, 2012.

Treino Antidoenças!: _____. In: Revista Men's Health, n 75, São Paulo: Abril, julho, 2012.

Corpo novo em nove passos: _____. In, Revista Men's Health, n 81, São Paulo: Abril, janeiro, 2013.

Arte Pública em Goiânia: Bosque dos Buritis¹

Autores:

Orientando: Daniel Rodrigues Naves

Orientador: Prof.^a Dr.^a Márcia Metran de Mello

Unidade acadêmica: FAV - UFG

danielnaves@hotmail.com

marciametran@yahoo.com.br

Resumo

Esta pesquisa trata sobre a arte pública, ou arte urbana, presente no Bosque dos Buritis na cidade de Goiânia como elemento de comunicação com o espaço urbano circundante, apresentando análise e reflexão do tema e a identificação das obras ali presentes. Para isso propõe-se leitura e análise de livros, textos e fontes bibliográficas sobre a temática e sobre a história do local, além de visitas constantes, ensaio fotográfico das obras e reuniões para orientação e discussão do tema. Dessa forma pode-se perceber que a arte pública tem um papel importante na formação do imaginário urbano da cidade. O Bosque dos Buritis acomoda diversas obras de arte pública, comparando-o a outros locais da capital, apresenta obras de boa qualidade com profundo significado, que mudam a paisagem em que estão inseridas, tornando-se marcos e pontos de referência para os transeuntes. Porém, tais obras passam por um grande problema de manutenção e acabam se deteriorando, perdendo, assim, seu significado original e a sua qualidade.

Palavras-chave: arte pública, arte urbana, Goiânia, Bosque dos Buritis,

¹ “revisado pelo orientador”

1 - Introdução

Na década de 1930 ergueu-se em meio ao cerrado uma nova capital, idealizada por Pedro Ludovico Teixeira, com traçado planejado pelo arquiteto Atílio Corrêa Lima e pelo engenheiro Armando Augusto de Godói. Nela “pretendia-se uma nova cidade sintonizada com o moderno, antenada com o mundo veloz e cosmopolita” (MANSO, 2004, p. 15). Goiânia é conhecida como a capital do *agro business* e também pelos parques ecológicos que conservam espécies da flora e fauna do Centro-Oeste.

O Setor Oeste, um dos bairros mais antigos e nobres da capital goianiense, foi construído para ligar a antiga cidade de Campinas ao Centro. É caracterizado por vários aspectos, dentre eles, a alta concentração populacional, uma grande quantidade de hotéis, bancos e praças. Além disso, dispõe de dois dos principais parques da capital: o Parque Lago das Rosas, que abriga o Jardim Zoológico, e o Bosque dos Buritis que é o mais antigo patrimônio paisagístico de Goiânia.

Propõe-se, neste trabalho, analisar e discutir a arte pública no Bosque dos Buritis, tendo sempre em vista suas relações com o espaço circundante e como marco no imaginário urbano. Vera Maria Pallamin (2000, p. 24) conceitua a arte urbana e faz uma reflexão sobre as práticas artísticas e suas relações com os espaços públicos. Dessas interações surgem as transformações qualitativas do espaço. Para a autora “[...] arte urbana é adentrar a cidade a partir de planos do imaginário de seus habitantes, incorporando-os, por princípio, à compreensão da sua materialidade”.

No bojo desse entendimento faz-se necessária a identificação das obras de arte urbana ali presentes. Nelas deve ser observado se incorporam ou não o significado pretendido em sua concepção e se correspondem aos anelos culturais do Bosque dos Buritis, da região oeste e da cidade de Goiânia.

2 - Metodologia

A pesquisa realizou-se em algumas etapas dentro do período vigente, dentre elas: leitura de livros e de textos dedicados à arte pública, levantamento e leitura das fontes bibliográficas que abordam a arte pública em Goiânia, no Bosque dos Buritis e seu contexto. Além disso, a história do local, visitas ao bosque, levantamento da arte pública nele existente e levantamento fotográfico.

Todo o desenvolvimento da pesquisa sobre a produção da arte pública do Bosque dos Buritis foi realizado paralelamente às reuniões de orientação para o aprofundamento do tema.

3 - Resultados

Este plano de trabalho PIVIC 2012/2013 permitiu a compreensão do papel da arte pública ou arte urbana, como elemento importante na formação do imaginário urbano da cidade, sendo ela formadora de criticidade e apreciação.

O Bosque dos Buritis é um local que exemplifica a boa relação do transeunte com a arte urbana, pois apresenta obras de boa qualidade.

4 - Discussão

A definição de arte pública, ou arte urbana, é bastante complexa. O tema é abordado por arquitetos, urbanistas, artistas plásticos, filósofos, historiadores, paisagistas, ambientalistas, entre outros que investigam a relação entre arte e o espaço público.

Alguns estudiosos da arte urbana discorrem sobre o tema, objetivando defini-lo. Segundo Fernando Pedro da Silva (2005, p. 51)

Até os anos 1960, arte pública significava colocar obras monumentais em praças abertas, a exemplo das esculturas de Picasso e Calder nos Estados Unidos. A partir dos meados dos anos 1970 instaura-se a reinvenção da arte pública, procurando potencializar as iniciativas locais e levando em conta a participação comunitária.

Silva (2005, p. 52) também observa:

O deslocamento da obra de arte do sistema privado das galerias ou museus para o espaço público da cidade agrega a esta novos valores e também questões. O artista passa a levar em conta o contexto, o local específico para o qual a obra foi criada, devendo considerar também o impacto da mídia, bem como a recepção e expectativa pública.

Vanessa Bordin (2011) define a arte pública como “arte que dialoga diretamente com as pessoas, pois é criada e pensada para estar nas ruas, não em museus ou espaços fechados. [...], vai além da criação, dá movimento e cor para o meio urbano, além de ter importante papel na democratização da arte”.

José Francisco Alves (2008, p. 5) ao analisar o termo arte pública percebe várias contradições, dentre elas a união entre o "elitizado" e o "democrático", que para o autor pode ser explicado pelo fato das palavras "arte" e "público" não se juntarem facilmente na época em que o termo foi cunhado.

Alves (2008, p. 5) constata que para o enquadramento de obras de arte na categoria “arte pública”, deve-se observar duas características: sua localização em espaços de circulação de pessoas e a conversão forçada desses observadores em público de arte.

Ricardo Jorge dos Reis Silva (2007, p. 02) analisa a arte pública como recurso educativo. Nesse sentido realizou uma pesquisa com 240 alunos do 2º ciclo em seis escolas espalhadas por Portugal, considerando que uma parte dos alunos mantinha contato com arte pública e outra parte não. Ao final da pesquisa constatou que os estudantes que dispunham de um maior contato cotidiano com a arte pública demonstraram um desenvolvimento maior na percepção do espaço urbano. Assim, o autor define arte pública

[...] como um conjunto dos objetos artísticos que estão colocados em contextos urbanos, de forma permanente ou temporária, facilmente acessíveis aos cidadãos, e que têm a capacidade de promover a identidade de um lugar junto dos seus fruidores, involuntários e maioritariamente não especialistas, proporcionando-lhes um maior contacto com a arte. (SILVA, 2007, p. 02)

Por meio dessas constatações, pode-se dizer que a arte urbana tem como objetivo modificar o espaço urbano total ou parcialmente, alterando a paisagem em que está inserida, gerando um novo olhar ao local e promovendo diálogo visual com o transeunte.

4.1 - História de Goiânia, Setor Oeste e Bosque dos Buritis

A mudança da capital goiana era um sonho que percorria a história há 180 anos. A edificação da nova cidade teve como objetivo acelerar o progresso e a ocupação do Centro-Oeste. Esse ideal vinha ao encontro da “Marcha para o Oeste”, política empreendida pelo governo do presidente Getúlio Vargas, no sentido de ocupação do país rumo ao Amazonas.

Os interesses políticos e econômicos na construção de um novo centro de poder estadual prevaleceram sobre a proposta de reformar a velha Vila Boa já que, de fato, o que se buscava era a dinamização de uma capital voltada para os interesses do sul/sudeste de Goiás, ou, em outras palavras, para o centro econômico do estado. (PINTO² *apud* DINIZ, 2007, p. 26)

²PINTO, Rúbia-Mar Nunes. **Contornos da relação estado, sociedade e intelectuais em Goiás na década de 1930**. Programa de Pós Graduação em Educação FE/UFG, 2005.

Pedro Ludovico Teixeira (TEIXEIRA³*apud* DINIZ, 2007, p. 113), interventor de Getúlio Vargas e político responsável pelo empreendimento da nova capital, encarregou o arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima de elaborar o projeto de Goiânia. Nas palavras do interventor:

O Estado de Goiás ainda muito atrasado, muito falho de recursos de toda espécie, para se pensar em construir uma cidade moderna. Técnicos especializados não existiam. Tivemos que contratá-los em São Paulo e no Rio, mas sempre tendo em vista a insignificância de nossas rendas. De sorte que, sendo informado de que havia chegado ao Rio, diplomado em curso de pós-graduação na Sorbonne, um arquiteto brasileiro, o dr. Correia Lima. Que se tinha distinguido em uma das de nossas escolas, psemonos em contato com ele e o contratamos para fazer a planta e supervisionar todas as atividades necessárias à construção da cidade.

O projeto abrangia não apenas o centro, mas se expandia para outros bairros, tais como o Setor Oeste, que foi planejado para ser margeado por dois grandes parques: o Bosque dos Buritis que se localiza na parte leste e o Capim Puba, área que hoje se situa o zoológico, na divisa oeste do setor.

O Setor Oeste tem uma característica muito incomum em Goiânia: desde seu surgimento foi povoado por pessoas da classe média, sendo, portanto, um bairro elitizado. Suas primeiras construções foram residências de alto padrão, além de uma igreja e o Colégio Ateneu Dom Bosco (GOIÁS DE NORTE A SUL).

Infelizmente o projeto do Setor Oeste foi descaracterizado, assim como todo planejamento inicial feito por Atílio C. Lima para Goiânia. Segundo Ackel (1996, p.92), o plano urbanístico, que inclui o bairro em questão, contaria com 35% de área destinada à espaços públicos, sendo exatamente 375 ha. Destes, 162 ha seriam usados exclusivamente para lazer e recreação. O Parque Capim Puba não foi implantado, e em seu lugar foi construído o Parque Zoológico, porém em uma área muito menor do que foi reservada inicialmente. O Bosque dos Buritis, como informa Streglio e Oliveira (2011, p. 327), teve “uma redução de aproximadamente 70% em relação a sua área original”.

Segundo Ackel (1996, p. 92) “Atílio Corrêa Lima que era um grande paisagista, valorizava muito a função dos parques e dos jardins em uma cidade. Ele propôs em Goiânia,

³TEIXEIRA, Pedro Ludovico. **Memórias Goianas**. O popular, 1973.

um parque denominado dos ‘Buritis’, que seria formado ao longo do córrego do mesmo nome”.

O buritizal localizado na extremidade da rua 26 será transformado em pequeno parque. Para isso será necessário drená-lo convenientemente, conduzindo as águas pelo *talweg*, em canal descoberto tirando partido deste para os efeitos de pequenos lagos decorativos. Este parque que denominamos dos Buritis se estenderá por faixas ao longo do *talweg* e medirá 50 metros para cada lado deste, no mínimo. Formando o que americanos denominam *park-way*. (MONTEIRO, 1938, p. 144)

Tal Bosque é de grande aceitação pelo público, prova disso foi ter vencido um concurso realizado pelo Banco Itaú em 1999 pra eleger o “símbolo” da cidade de Goiânia, saindo vitorioso com uma vantagem de 30% dos votos, certamente um indício de uma aproximação aos anseios da população.

O Bosque dos Buritis se localiza entre as Ruas 1, 29, Avenida Assis Chateaubriant e Alameda dos Buritis, abrigando a Assembleia Legislativa – inaugurada e ocupada em 1962 –, o Museu de Arte de Goiânia, o Centro Livre de Artes da Prefeitura, o Orquidário, além de playgrounds.

O mobiliário, ali presente, é composto por: bancos, postes de iluminação, placas informativas, lixeiras, pontos de ônibus, cabines telefônicas, quiosques e fontes, uma delas com 50 metros de altura, projetada pela EMOP⁴. Essa fonte é considerada a segunda maior da América Latina, tornando-se uma das atrações turísticas do bosque. (EM, 1991, arquivo da SEPLAM)

4.2 - Arte pública no Bosque dos Buritis

O Bosque dos Buritis soma às suas atrações diversas obras de arte pública. São elas: o “Monumento aos perseguidos pela Ditadura Militar” de Marcus Gebrim; o painel “Goiás em Cores” de Luiz Olinto e o busto de Alfredo Nasser de Angelos Ktenas, ambos presentes na entrada da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás; o “Monumento à Paz Mundial” e a “Calçada da Fama” do artista plástico Siron Franco; a escultura de aço inox da serie Edroesfero de Darlan Rosa; o “Ventania” de Lúcio Bittencourt e as esculturas metálicas de Léo Pincel.

⁴ - Empresa de Obras Públicas.

O "Monumento aos perseguidos pela Ditadura Militar" foi concebido pelo artista plástico Marcus Gebrim.

Este monumento tem a sua concepção orientada na representação simbólica dos seus objetivos. A esfera composta por quinze lâminas de aço é uma referência a forma do planeta Terra, onde vive a humanidade. Do seu ponto mais alto brota água, princípio da vida, que escorre entre suas partes constitutivas até um sereno espelho d'água. Nele a esfera parece flutuar, e dentro dela arde a chama das idéias de justiça e liberdade defendida e propagadas por quinze goianos que, por isso, perderam suas vidas." (Segundo placa de identificação do monumento).



Figura 1 - "Monumento aos perseguidos pela Ditadura Militar"
Foto: Daniel Rodrigues Naves, 2013.



Figura 2 - "Goiás em Cores"
Foto: Daniel Rodrigues Naves, 2013.

O referido monumento está instalado na Avenida Assis Chateaubriant, em frente ao Bosque dos Buritis. Hoje a obra encontra-se em processo de deterioração devido à exposição ao tempo e falta de manutenção. Ela continua sendo um marco, porém perdeu seu significado inicial, tornando-se uma esfera metálica em uma avenida e um criadouro do mosquito da dengue.

Luiz Olinto, mineiro, reside em Goiânia, foi o criador do painel "Goiás em Cores", feito em cerâmica vitrificada, de dimensões 5,20m de largura por 3,80m de altura. "Obra que sintetiza um estudo de várias partes de Goiás, caracterizando a fauna, flora, povos e arquitetura. Destaca o povo indígena, as cidades de Pirenópolis, Cidade de Goiás com os farricocos, Rio Araguaia e a indústria caracterizando o progresso." (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA - ESTADO DE GOIÁS).

Segundo Cabral (2008, p. 69), a Assembleia Legislativa recebeu o nome de Palácio Alfredo Nasser em homenagem ao político que foi um dos fundadores da UDN⁵ em Goiás e Presidente regional goiano do PSP⁶. O rosto de Alfredo Nasser está eternizado em um busto em frente à Assembleia, nele encontra-se uma placa em bronze com a seguinte inscrição: [...] honrado, justo, bom, Alfredo Nasser, dignificou Goiás numa legenda de lutas oposicionistas, cravando-se na memória coletiva como o grande defensor das liberdades públicas [...].

O responsável pela criação do busto de Alfredo Nasser foi o especialista em escultura Angelos Ktenas, que nasceu na Grécia, mas reside em Goiânia desde 1957. Ele traz para suas esculturas a influência de seu país de origem, buscando a perfeição do corpo humano. É conhecido pelos seus bustos presentes em 57 cidades goianas, além de cidades de outros estados brasileiros, tendo executado mais de 170 obras deste tipo.



Figura 3 - Busto de Alfredo Nasser
Foto: Daniel Rodrigues Naves, 2013.



Figura 4 - "Monumento à Paz Mundial"
Foto: Daniel Rodrigues Naves, 2013.

O pintor, desenhista e escultor goiano Siron Franco foi o autor da obra “Monumento à Paz Mundial” que se localiza ao lado do grande lago do bosque. A obra foi assim descrita por Carlos Brandão (1991, arquivo da SEPLAM) do jornal “Diário da Manhã”: “[...] guarda dentro de si porções de terra vindas de vários países, dos cinco continentes e que, juntas, pretendem mostrar ao homem que a convivência pacífica entre os povos é uma questão de

⁵ - União Democrática Nacional

⁶ - Partido Social Progressista

querer, de passar por cima das diferenças de raça cor e credo, e dos interesses políticos internacionais.”

Esse monumento construído em 1988 e a fonte tornaram-se as primeiras atrações para o Bosque dos Buritis. Infelizmente ele também passa por um processo de descaso da prefeitura, pois não está conservado. Pode-se perceber isso na incompletude da frase inscrita no monumento: "A terra é um só país, e os seres humanos seus cidadãos".

O Museu de Arte de Goiânia, localizado no interior do Bosque dos Buritis, abriga um acervo de diversas obras: gravuras, desenhos, fotografias, instalações, objetos, pintura e arte pública. Fazem parte deste último conjunto a instalação “Calçada da Fama”, criação de Siron Franco e a obra de Darlan Rosa, composição semelhante a um portal, feita de aço inox da série “Edroesfero”. Ambas feitas para instigar o visitante a adentrar o Museu. Outras obras que fazem parte desse acervo são as esculturas metálicas do artista plástico, também goiano, Leo Pincel: “Flutuante” e “Árvore” da série “Dobraduras”.



Figura 5 - Escultura da série Edroesfero e "Calçada da Fama".
Foto: Daniel Rodrigues Naves, 2013.



Figura 6 - "Flutuante"
Foto: Daniel Rodrigues Naves, 2013.



Figura 7 - "Árvore"
Foto: Daniel Rodrigues Naves, 2012.



Figura 8 - "Ventania"
Foto: Daniel Rodrigues Naves, 2012.

Lucio Bittencourt, nascido em Mogi das Cruzes SP e formado em artes plásticas, explora a sucata de metal criando novas formas. Conta em sua carreira com uma produção de mais de 12 mil peças (LUCIO BITTENCOURT), dentre elas, “Ventania”, que chega à uma altura de aproximadamente de 2,70m e está localizada em frente ao MAG, Museu de Arte de Goiânia no Bosque dos Buritis.

4.3 - Arte pública efêmera no Bosque

Efêmero é um termo que pode ser aplicado a alguns tipos de arte pública, sendo, portanto, consideradas obras temporárias. Seu objetivo relaciona-se às mudanças no imaginário urbano por gerarem novos significados para a cidade.

Entre os dias 14 de março de 2012 e 8 de maio do mesmo ano, Goiânia recebeu em suas ruas 62 esculturas de vacas feitas em fibras de vidro, idealizadas por 49 artistas regionais. A "Cow Parade", nome da exposição, surgiu em 1999 na Suíça, percorrendo mais de 50 cidades do mundo. O Brasil teve a primeira exposição da "Cow Parade" em 2004, percorrendo as cidades de Florianópolis, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Belo Horizonte, entre outras (G1 GO, 2012).

O evento em Goiânia teve um custo de R\$ 1,5 milhões, o mesmo valor das exposições realizadas em outras cidades (QUEIROZ, p. 03, 2012). Cada artista, selecionado por um júri, recebeu uma contribuição de R\$ 1000,00. Ao final da exposição nas ruas da cidade, as esculturas foram leiloadas e o valor arrecadado, quase R\$ 4 milhões, foi destinado a obras sociais das comunidades envolvidas (CowParadeBrasil, 2011).

Sandro Tôrres (2012, p. 03) descreve "Cow Parade" como "[...] um evento internacional, o maior de arte de rua do mundo, particular, caro (com razão, tamanha a produção envolvida), ou seja, uma grife, mas amada pela imensa maioria, provocativa, lúdica e um sucesso incontestável."

Tôrres (2012, p. 03) afirma que a mostra teve um sucesso incontestável ao relatar a reação do público: "Pessoas fazem peregrinação para ver o maior número de vacas quando conseguem; crianças abrem o sorriso quando visualizam as vacas; famílias e turmas de amigos se confraternizam, tiram fotos, brincam, interagem, se divertem, tudo isso em frente às vacas."

O Bosque dos Buritis foi um dos lugares escolhidos para a exposição de duas esculturas, a "Cow Pequizeira" de Eliezer Ricardo e Francisco Santos e a "Cow City" do artista Aio G. Esta última, infelizmente, foi umas das obras degradadas. Ela foi arrancada de seu suporte por um vândalo, porém não foi furtada, graças à denúncia de um morador.



Figura 9 - "Cow Pequizeira".
Foto: Daniel Rodrigues Naves, 2012.



Figura 10 - "Cow City".
Foto: Daniel Rodrigues Naves, 2012.

Outra mostra temporária a céu aberto que esteve presente no Bosque dos Buritis foi a exposição de esculturas do artista Américo Poteiro Filho entre os dias 24 de abril a 20 de maio de 2012. " [...] Nas 34 esculturas feitas em argila é possível ver como o artista retrata a fauna e flora brasileira, os trabalhadores rurais, pessoas simples e mulheres. Algumas levaram quase um ano para serem finalizadas" (G1 GO, 2012).



Figura 11 - Obras de Américo Poteiro
Foto: Daniel Rodrigues Naves, 2012.

Poteiro prioriza, em suas obras, as mãos e os pés, uma das suas principais características. "Para ele, a mão é um dos instrumentos mais importantes do nosso corpo, com ela temos a escolha de fazer o bem ou o mal. Já o pé, na opinião do artista, é o equilíbrio da vida e o caminho que devemos seguir" (G1 GO, 2012).

5 - Conclusões e Considerações Finais

Pode-se afirmar que o Bosque dos Buritis tem um bom acervo de arte pública, se tomarmos como base a maioria dos espaços semelhantes da cidade de Goiânia. As obras ali presentes contribuem para o bosque de forma positiva, levando os usuários a percorrerem e usufruírem mais do local, tornando-se elementos pertinentes para o imaginário urbano da capital.

Entretanto, as obras presentes no Bosque dos Buritis passam por um processo de degradação devido ao tempo e o descaso da prefeitura. Em algumas faltam partes, levando à perda de significado. Um exemplo disso é o monumento feito pelo artista Marcos Gebrim, "Monumento aos perseguidos pela Ditadura Militar". Nele a água, representando o princípio

da vida e as lágrimas derramadas pelos homenageados da ditadura militar, foi desativada, alterando o sentido proposto pelo artista em sua criação. Além disso, perdeu-se a impressão de que a esfera está flutuando.

Essa indiferença com o zelo das obras pode ser solucionada. Tem-se como exemplo a cidade de São Paulo, onde o Desenvolvimento do Patrimônio Histórico (DPH) tem como uma de suas atividades garantir a conservação e limpeza periódicas das obras de arte pública, cerca de 400 obras (PREFEITURA DE SÃO PAULO).

A cidade de São Paulo acomoda diversas obras de boa qualidade, sendo uma das referências do país. Entre elas pode-se destacar a obra "Monumento às Bandeiras" presente no Parque Ibirapuera, inaugurada em 1954 e executada pelo italiano Victor Brecheret. A obra representa os bandeirantes, destacando sua diversidade étnica e o esforço para desbravar o Brasil (PARQUE IBIRAPUERA).

Segundo Mello "As cidades com boas estruturas profundas brindam habitantes e turistas com arte pública marcante, muitas vezes emblemáticas para o imaginário de todo o mundo". O termo "estruturas profundas", criado por Roland Barthes (2001⁷apud MELLO, 2001, p. 107) refere-se aos elementos que têm a capacidade de marcar o imaginário urbano de modo contínuo e intenso.

Levando isso em consideração pode-se destacar no âmbito internacional a "Estátua da Liberdade" na cidade de Nova York, presenteada pela França na comemoração do centenário da independência dos Estados Unidos em 1876, tornando-se o símbolo da cidade.

Além da conservação e manutenção da arte pública existente, seria coerente que a Prefeitura de Goiânia realizasse concursos para a elaboração de novas obras idealizadas por artistas locais, nacionais e internacionais para o Bosque dos Buritis. Isso proporcionaria um maior destaque tanto para o bosque, que já é um grande marco da capital, quando para a cidade.

6 - Referências

CABRAL, Maria Madalena Roberto. *Iconografia: documentação histórica e fotográfica do acervo artístico no município de Goiânia*. Goiânia: Organização Maria Madalena Roberto Cabral, 2008.

⁷ BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MELLO, Márcia Metran de. *Arte pública e performance cultural: Imagine, um convite à meditação*. In.: CAMARGO, Robson Corrêa de; REINATO, Eduardo Jose; CAPEL, Heloisa Selma Ferandes. Performances Culturais. São Paulo: Hucitec Goiânia, GO: PUC-GO, 2011.

MELLO, Márcia Metran de. *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.

PALLAMIN, Vera Maria. *São Paulo: Região Central (1945-1998)*. São Paulo: Fapesp, 2000.

SILVA, Fernando Pedro da. *Arte pública: diálogo com as comunidades*. Belo Horizonte: C/Arte, 2005.

Dissertação

ACKEL, Luiz Gonzaga Montans. *Atílio Corrêa Lima: um urbanista brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Mackenzie. São Paulo, 1996.

DINIZ, Amamaria. *Goiânia de Atílio Corrêa Lima (1932-1935) – Ideal estética e realidade política*. / Anamaria Diniz – Brasília, 2007.

SILVA, Ricardo Jorge dos Reis. *Arte pública como Recurso Educativo*. Mestrado em Educação Artística –Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007.

Artigos de Jornais e Revistas

EM breve, Bosque dos Buritis terá atrações. *O Popular*, Goiânia, 29 mai. 1991. (arquivo fornecido pela SEPLAM - Secretária de Estado de Gestão e Planejamento).

BRANDÃO, Carlos. Lazer e ecologia no Bosque dos Buritis. *Diário da Manhã*, Goiânia, 25 dez. 1991. (arquivo fornecido pela SEPLAM - Secretária de Estado de Gestão e Planejamento).

STREGLIO, Carolina Ferreira da Costa; OLIVEIRA, Ivanilton José de Oliveira. Parques Urbanos de Goiânia-GO: papel social e potencial turístico. *RA'E GA – O Espaço Geográfico em Análise*. Curitiba, Departamento de Geografia – UGPR, v. 23, p. 317-339, 2011.

TÔRRES, Sandro. Valeu a pena a prefeitura de Goiânia investiu R\$ 1,5 milhão na Cowparade? *O Popular*, Goiânia 25 mar. 2012. Debate, p. 03.

Internet

ALVES, José Francisco. Arte Pública: produção, público e teoria. In: ALVES, José Francisco (Org.) *Experiências em arte pública: memória e atualidade*. Porto Alegre: Artfolio e Editora da Cidade, 2008. Disponível em <http://www.public.art.br/wordpress/wp-content/uploads/Experiencias_ARTEPUBLICA_download.pdf>. Acesso: 21/02/2013.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA - ESTADO DE GOIÁS. *Centro de cultura e intercâmbio*. Disponível em: < <http://www.assembleia.go.gov.br/instituicao/centrodecultura/pagina/destaque/id/1>> Acesso: 04/04/2013.

BORDIN, Vanessa. *Arte de rua além da arte*. (Ideias - 2011). Disponível em <[http:// revista ideias.com.br/ideias/materia/arte-de-rua-alem-da-arte](http://revistaideias.com.br/ideias/materia/arte-de-rua-alem-da-arte)>. Acesso:24/03/2013.

G1 GO. *Museu de Arte de Goiânia recebe exposição de Américo Poteiro Filho*. G1, Goiânia, 06 mai. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/05/museu-de-arte-de-goiania-recebe-exposicao-de-americo-poteiro-filho.html>> Acesso: 30/05/2013.

G1 GO. *Vacas e bezerros da exposição CowParade vão a leilão em Goiânia*. G1, Goiânia, 25 mai.2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/05/vacas-e-bezerros-da-exposicao-cowparade-vao-leilao-em-goiania.html>> Acesso: 30/05/2013.

GOIÁS DE NORTE A SUL. *Goiânia - Setor Oeste*. Disponível em: <http://www.goiasdenort easul.com.br/programa_goiania--setor-oeste_5>. Acesso: 25/05/2013.

LÚCIO BITTENCOURT. *Bittencourt*. Disponível em: < http://bittencourtesculturas.com.br/site/?page_id=6> Acesso: 23/05/2013.

NOTÍCIAS. *Resultado seleção Cowparade Goiânia 2011*. CowParadeBrasil, Goiânia, 16 set.2011. Disponível em: < <http://www.cowparade.com.br/go/blog/?p=571> > Acesso: 30/05/2013.

PARQUE IBIRAPUERA. *Monumento às Bandeiras*. Disponível em: < <http://www.parqueibirapuera.org/areas-externas-do-parque-ibirapuera/monumento-as-bandeiras/>> Acesso: 18/07/2013.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Arte pública em São Paulo*. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/adote_obra/index.php> Acesso: 30/05/2013.

**AÇÕES AFIRMATIVAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UM ESTUDO
BIBLIOGRÁFICO EM PERIÓDICOS CIENTÍFICOS EDUCACIONAIS E NOS
ANAIS DA ANPED (2011 E 2012)¹**

Eduarda Assis Castro (Bolsista PIVIC/CNPq)²
Gina Glaydes Guimarães de Faria (Orientadora)³
NEPPEC-FE-UFG
eduarda.assiscastro@hotmail.com
ginaggfaria@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de um estudo bibliográfico realizado nos periódicos científicos nacionais: *Cadernos de Pesquisa, Educação e Sociedade, Educação e Pesquisa, Revista Brasileira de Educação* e nos Anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), nos anos de 2011 e 2012. Adotou-se como critério de seleção dos trabalhos, a leitura dos resumos sendo selecionados aqueles que tratassem, mesmo indiretamente, do tema das ações afirmativas. Foram consultados 264 resumos nos anais da ANPED e 379 resumos nos periódicos, sendo selecionados oito trabalhos da ANPED e dois do periódico *Educação e Sociedade*, perfazendo um total de oito trabalhos. Os trabalhos foram lidos, na íntegra, e analisados por meio de uma planilha de análise e documentação, objetivando, entre outros, a compreensão de questões relacionadas à concepção de políticas de ações afirmativas, ao posicionamento dos autores sobre a implantação destas ações nas universidades, à identificação dos referenciais teórico-metodológicos e à discussão acerca do sucesso/fracasso escolar dos estudantes que ingressam à universidade por meio do sistema de cotas. Os resultados mais significativos referem-se à necessidade de se implantar programas destinados à permanência destes estudantes nas universidades, à tendência a uma aproximação de ações afirmativas às medidas compensatórias e à presença dos “estudos culturais” como referência teórica predominante nos trabalhos selecionados.

Palavras-chave: Ações afirmativas. Cotas na universidade. Pesquisa bibliográfica.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva apresentar como o tema das ações afirmativas é tratado nos artigos publicados em periódicos científicos nacionais, *Qualis A1*, da área educacional, e nos trabalhos publicados nos anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), nos anos de 2011 e 2012. Trata-se da continuidade de um levantamento bibliográfico que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2009, objetivando subsidiar um conjunto de pesquisas em andamento no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Educação e Cultura (NEPPEC/FE/UFG), acerca das ações afirmativas implantadas na

¹ Trabalho revisado pela orientadora.

² Eduarda Assis Castro é graduanda do 3º período do curso de Pedagogia (FE/UFG).

³ Gina Glaydes Guimarães de Faria é profa. de Psicologia da Educação, na FE/UFG.

Universidade Federal de Goiás, desde o ano de 2009.⁴ Tem-se como objetivo indicar a concepção de ações afirmativas, o posicionamento dos autores acerca da implantação destas ações como um critério de ingresso nas universidades públicas brasileiras, os referenciais teóricos adotados e como as experiências acadêmicas dos estudantes são relatadas nos trabalhos selecionados.

A implantação do sistema de reserva de vagas nas universidades públicas, mais conhecida como “política de cotas”, tem se constituído um dos temas mais polêmicos na sociedade brasileira. Envolve discussões acerca da formação histórica do Brasil, no âmbito das questões raciais e étnicas, repondo o debate sobre pressupostos que sustentam a identidade nacional (STEIL, 2006) e seus desdobramentos no âmbito das políticas públicas educacionais. Cita-se, como exemplo, a chamada ambivalência do governo Fernando Henrique Cardoso quanto às políticas de ação afirmativa (MAIO, SANTOS, 2006) e as políticas adotadas no primeiro mandato do governo Lula, no âmbito da *diversidade* e seus múltiplos significados, conforme discutido por Moehleck (2009).

Para Maio, Santos (2006), a atuação de Fernando Henrique Cardoso foi significativa para o tema das ações afirmativas entrar na agenda política, especialmente devido à instituição, por decreto, em 1995, do Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra, no contexto da criação do Programa Nacional de direitos Humanos. Citam, ainda, a realização, em 1996, do seminário internacional Multiculturalismo e Racismo: o papel da “Ação Afirmativa” nos Estados Democráticos Contemporâneos, objetivando subsidiar políticas destinadas à população negra.

A ambivalência do então presidente da República seria decorrente de um posicionamento em que condenava a “hipocrisia em face da intolerância racial no Brasil, mas, ao mesmo tempo, valoriz[ava] a ambiguidade que faria parte da formação cultural brasileira” (MAIO, SANTOS, 2006, p.19). Tal ambiguidade teria implicações para a política das ações afirmativas e as questões raciais, à medida que a identificação de uma “ambiguidade racial”

⁴ Este trabalho está vinculado à pesquisa integrada intitulada: As contas da dialética inclusão-exclusão: a experiência das cotas na UFG, coordenada pela Profa. Dra. Anita C. Azevedo Resende. Vinculam-se a esse projeto três subprojetos: Programa UFG Inclui: mediações familiares e formação dos jovens, coordenado pela Profa. Dra. Edna Mendonça Oliveira de Queiroz; o projeto: O espetáculo das cotas e a imprensa: as ideias e debates sobre as políticas afirmativas nas universidades públicas (2009-2015), sob coordenação da Profa. Dra. Virgínia Salles Gebrin e o projeto: Estudo do sucesso/fracasso escolar na trajetória acadêmica dos estudantes que ingressaram na UFG por meio do Programa UFG Inclui, sob coordenação da Profa. Dra. Gina Glaydes Guimarães de Faria.

exigiria “criatividade para solucionar desigualdades sem necessariamente eliminar a ambiguidade” (idem, ibidem).⁵

Moehlecke (2009), ao discutir as *políticas públicas de diversidade* no âmbito da educação, no primeiro governo Lula (2003-2006), de modo a observar de que forma a diversidade teria sido tratada no referido período, apresenta as concepções de diversidade existentes na literatura em ciências sociais, predominantes no Brasil, e quais seriam as mais próximas aos documentos produzidos pelo MEC. Identifica, nestes documentos, três concepções de diversidade: a) a ideia de inclusão social; b) de ações afirmativas; c) de políticas de diferença. Chama a atenção que, no Brasil, no âmbito da discussão sobre a inclusão social, predomina uma concepção de ações de inclusão como estratégias de governo, envolvendo processos de planejamento social em detrimento de uma concepção mais crítica, na perspectiva do movimento intrínseco entre inclusão e exclusão.

Apesar dos diferentes posicionamentos em relação às ações afirmativas como um critério de ingresso às universidades públicas brasileiras, tais ações fortaleceram-se, no Brasil, a partir da realização da III Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada na cidade de Durban, África do Sul, em 2001 (MAIO, SANTOS, 2006; LIMA, 2011; MOEHLECKE, 2002). Tratada como Conferência de Durban, teve como objetivo propor o combate efetivo ao racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata, por meio do engajamento dos países signatários, incluindo o Brasil, quanto à adoção de medidas anti-discriminatórias.

Compreendendo as ações afirmativas na perspectiva de uma ação que visa eliminar desigualdades e compensar as perdas provocadas pela discriminação em relação aos negros, os movimentos sociais articulados a acadêmicos engajados nas lutas antirracistas, entre outros, passaram a reivindicar, especialmente a partir dos anos de 1990, a adoção de políticas que reconhecessem a discriminação racial e social no Brasil. Denunciando o “mito” da democracia racial reivindicavam respostas do Poder Público acerca das questões raciais.⁶

⁵ Há um debate instigante acerca da subsunção da categoria raça à categoria classe na compreensão da questão racial no Brasil, posicionamento de autores como Carlos Hasenbalg e Nelson de Valle e Silva, citados por Maio, Santos (2006), favoráveis ao posicionamento destes autores. Aqui é necessário o aprofundamento deste estudo, especialmente porque, segundo o posicionamento das autoras deste trabalho, é preciso reafirmar com Octavio Ianni que “mais frequentemente, as desigualdades sociais compreendem e mesclam diversidades raciais e de classes sociais” (IANNI, 2004, p.354). Moehlecke (2002), por exemplo, analisa a eficiência de políticas sociais para garantir a igualdade racial e parecer indicar que políticas unicamente sociais não conseguiriam solucionar problemas de cunho racial, pois não dissolveriam a relação entre raça e classe.

⁶ Premido, sobretudo, por movimentos sociais é que o poder público estabeleceu, na Constituição de 1988, a inclusão da mulher e de deficientes no mercado de trabalho, demonstrando o reconhecimento da discriminação. Assim, a primeira política de cotas adotada nacionalmente foi no ano de 1995, através da reserva de um número mínimo de vagas para mulheres nos partidos políticos.

Comprometidos com as recomendações da Conferência de Durban, num contexto de fortalecimento das reivindicações dos movimentos sociais, especialmente do movimento negro, quanto ao maior acesso dos negros à educação superior, alguns estados brasileiros, já envolvidos com ações destinadas à população negra, passaram a adotar as ações afirmativas como uma forma de ingresso às universidades estaduais, sendo seguidas, posteriormente, por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Moheleck (2002) discute as políticas de ações afirmativas, situando-as no âmbito da redemocratização do ensino superior.⁷ Segundo a autora, a necessidade de se investir em políticas públicas que reconhecessem a discriminação no acesso ao ensino superior chegou ao Brasil, oriundas especialmente dos Estados Unidos, a partir de reivindicações por parte de movimentos que exigiam do Estado uma postura mais ativa que melhorassem as condições da população negra.

Países como Índia, Malásia, Austrália, entre outros, adotaram políticas afirmativas semelhantes, variando o formato e o público alvo, de acordo com a realidade de cada país. O sistema de cotas é um dos formatos mais conhecidos, consistindo no estabelecimento de “um determinado número ou percentual a ser ocupado em área específica por grupo(s) definido(s), o que pode ocorrer de maneira proporcional ou não, e de forma mais ou menos flexível” (MOEHLECKE, 2002, p. 199).

Para distinguir diferentes concepções de ações afirmativas, a autora cita James Jones Júnior que ao discutir a relação entre discriminação e desigualdades sociais, afirma que há diferença entre o que seria uma divisão entre os conceitos antigo e moderno das ações afirmativas. O antigo seria na perspectiva reparatória, que se baseia na violação de uma lei, ou seja, após a discriminação ter acontecido. Já o conceito moderno teria caráter preventivo, remediando uma situação indesejável socialmente. Contudo, ambos os conceitos, para Moehleck, reconhecem a existência da discriminação. A diferença ocorreria no momento e na maneira como a discriminação fosse tratada no âmbito das políticas públicas.

A autora ainda se reporta ao debate acerca das políticas focalizadas e universalistas e à questão da igualdade. A discussão em torno da igualdade permite situar o debate sobre ações afirmativas nos âmbitos do privilégio e do direito. A ação afirmativa como direito indicaria a correção de uma situação real de desigualdade, caracterizando-se como uma política que

⁷ Para Moehleck há questões que necessitam ser debatidas como, por exemplo, em relação, (...) à permanência de condições adscritas, isto é, características não mutáveis inerentes a um indivíduo, como cor e sexo, a influir na definição de oportunidades de ingresso no mercado de trabalho, progressão na carreira, desempenho educacional, acesso ao ensino superior, participação na vida política (MOEHLECKE, 2002, p. 198).

objetivaria atingir a igualdade, afirmando a constitucionalidade destas ações, pois a desigualdade de condições de acesso seria responsabilidade da sociedade brasileira. A concepção das ações afirmativas como um privilégio seria inconstitucional pelo favorecimento de um grupo em detrimento do outro, desconsiderando a ideia do mérito individual, inferiorizando e discriminando o grupo beneficiado.

Quanto ao debate acerca das políticas de cunho universal ou focalizadas, estas visariam ao melhor tratamento de determinado grupo em detrimento de outro, se contrapondo às políticas chamadas universalistas, que abrangeriam toda a sociedade. Assim, um melhor investimento na educação básica e a expansão da educação superior caracterizariam políticas universalistas e a adoção das cotas, uma política focalizada. Essa discussão abrange, também, alguns autores cujos posicionamentos consideram estas políticas como complementares. Moehlecke (2002) tende a se posicionar junto aqueles que afirmam a pertinência de uma complementação entre políticas universalistas e focalizadas.

Ainda, de acordo com Moehlecke (2002), no âmbito das políticas de ações afirmativas, haveria um consenso no que tange a uma certa perspectiva assistencialista, entre aqueles que se posicionam à direita e à esquerda do espectro político:

Historicamente, as políticas públicas brasileiras têm-se caracterizado por adotar uma perspectiva social, com medidas redistributivas ou assistenciais contra a pobreza baseadas em concepções de igualdade, sejam elas formuladas por políticos de esquerda ou direita (MOHELECKE, 2002, p. 203).

É possível encontrar uma leitura assistencialista das políticas de ações afirmativas mesmo em trabalhos que tratam indiretamente destas políticas. Gomes e Moraes (2012), por exemplo, fundamentando-se em Trow, analisam as políticas de expansão do ensino superior, considerando o cenário de transição da educação superior no Brasil, do sistema de elite para o sistema de massa. Indicam que o desenvolvimento de formas mais democráticas de participação nas instituições de ensino superior efetivam-se por meio da implantação de “políticas compensatórias e afirmativas”. Gomes (2012) aponta as ações afirmativas como parte do processo histórico brasileiro em que após o reconhecimento do racismo na sociedade, busca, através das políticas compensatórias, a superação da desigualdade no âmbito educacional.⁸

⁸ As relações entre tais políticas, suas aproximações e distanciamentos são questões que precisam ser aprofundadas em próximos estudos.

METODOLOGIA

O estudo bibliográfico foi realizado nos periódicos científicos nacionais mais relevantes na área da educação: *Cadernos de Pesquisa*, *Educação e Sociedade*, *Educação e Pesquisa* e *Revista Brasileira de Educação*, e, ainda, nos Anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), no período compreendido entre 2011 a 2012.⁹ Para a seleção dos artigos, adotou-se como critério a leitura dos resumos, investigando a presença do tema das ações afirmativas, mesmo que tratado indiretamente, considerando-se que a temática das ações afirmativas pode ser abordada através de questões amplas como a democratização da universidade, os processos de inclusão/exclusão nas trajetórias acadêmicas, a desigualdade social/escolar, entre outras.

Havendo dúvidas sobre a pertinência do trabalho em relação ao tema, incluía-se o resumo para posterior leitura do artigo, na íntegra. Foram lidos 379 resumos, sendo selecionados e identificados apenas dois artigos que tratam do tema das ações afirmativas, publicados no periódico intitulado *Educação e Sociedade*, conforme demonstrado no quadro 1:

Quadro 1 – Relação dos artigos que tratam direta ou indiretamente das ações afirmativas selecionados do periódico Educação & Sociedade (2011-2012)

Nº	Descrição
01	GOMES, A.M. e MORAES, K. N. de. Educação Superior no Brasil Contemporâneo: Transição para um Sistema de Massa. Campinas, v.33, n.118, p.171-190, jan./mar. 2012.
02	GOMES, N. L. Movimento Negro e Educação: Ressignificando e Politizando a Raça. Campinas, v.33, n.120, p. 727-744, jul./set. 2012.

Fonte: Levantamento para a pesquisa: “Estudo do sucesso/fracasso escolar na trajetória acadêmica dos estudantes que ingressarem na Universidade Federal de Goiás por meio do Programa UFG Inclui” (NEPPEC/FE/UFG), realizado por meio de consulta aos periódicos: (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0101-7330/Ing_pt), NEPPEC/FE/UFG, 2013.

Em relação aos trabalhos publicados na ANPED, o levantamento ocorreu no próprio site da Associação. A ANPED é uma associação sem fins lucrativos, criada em 1976, por um grupo de Programas de Pós-Graduação em Educação, constituindo-se de 23 Grupos de Trabalhos (GTs), organizados por temas e disciplinas e pelo Fórum de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação (FORPRED). É formada por dois grupos

⁹ Cadernos de Pesquisa: publicado pela Fundação Carlos Chagas desde o ano de 1971, objetivando qualificar e incentivar o debate acerca da educação; Educação e Pesquisa: publicado pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de São Paulo (USP) desde o ano de 1975, divulga resultados de pesquisas empíricas ou teóricas e revisões de literatura educacional; Educação & Sociedade: publicação do Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) desde o ano de 1978, objetiva incentivar pesquisas acadêmicas com o enfoque no ensino e suas diversas perspectivas; Revista Brasileira de Educação: publicação da ANPED através da publicação artigos acadêmico-científicos objetiva instigar e facilitar o intercâmbio entre professores, pesquisadores e alunos acerca da educação.

associados: o primeiro de sócios individuais, formados por professores e estudantes vinculados aos programas de Pós-Graduação em Educação e demais pesquisadores da área.

Ao longo dos anos, de forma ininterrupta, a ANPED tem divulgado pesquisas, qualificado o debate e a produção do conhecimento, possibilitando o intercâmbio entre pesquisadores na área educacional mediante as Reuniões Anuais e de suas publicações, especialmente por meio da *Revista Brasileira de Educação*. Por esses e outros aspectos, a própria ANPED tornou-se um campo fértil de pesquisas educacionais, contemplando diversos temas, analisados sob diferentes perspectivas.

Para a seleção dos trabalhos, foram adotados dois critérios: o primeiro referiu-se à seleção dos GTs em que foram consultados aqueles que teriam maior afinidade com a temática: Movimentos Sociais, sujeitos e processos educativos (GT03), Trabalho e educação (GT09), Política de Educação Superior (GT11), Sociologia da Educação (GT14), Educação e Comunicação (GT16), Filosofia da Educação (GT17), Psicologia da Educação (GT20), Educação e Relações Étnico-raciais (GT21). O segundo critério reportou-se à seleção dos trabalhos no âmbito dos GTs. Optou-se pela leitura dos resumos, selecionando-se aqueles que mesmo indiretamente tratassem do tema. Conforme adotado em relação aos periódicos, havendo dúvidas, o trabalho era selecionado para posterior leitura, na íntegra.

Foram lidos 264 resumos, sendo selecionados 11, conforme demonstrado na tabela 1. Constata-se que o GT que mais publicou trabalhos sobre o tema foi o GT 21, Educação e relações étnico-raciais, com um total de seis trabalhos, seguindo-se o GT 11, Política de Educação Superior, com três trabalhos e os GTs três e vinte, Movimentos Sociais e Educação e Psicologia da Educação, respectivamente, com um trabalho em cada um deles.

Tabela 1- Número de resumos dos Anais da ANPED que foram selecionados, por GTs e por ano de publicação (2011-2012)

GTs		Ano		Total
		2011	2012	
03	Movimentos Sociais e Educação	1	-	1
09	Trabalho e Educação	-	-	-
11	Política de Educação Superior	2	1	3
14	Sociologia da Educação	-	-	-
16	Educação e comunicação	-	-	-
17	Filosofia da Educação	-	-	-
20	Psicologia da Educação	-	1	1
21	Educação e relações étnico-raciais	4	2	6
Total		7	4	11

Fonte: Dados para a pesquisa: “Estudo do sucesso/fracasso escolar na trajetória acadêmica dos estudantes que ingressarem na Universidade Federal de Goiás por meio do Programa UFG Inclui” (NEPPEC/FE/UFG), organizados a partir do site da ANPED, disponível em: www.anped.org.br.

A leitura na íntegra dos trabalhos levou à exclusão de três¹⁰, perfazendo um total de oito trabalhos selecionados (3%), conforme expostos no quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Trabalhos completos publicados nos Anais da ANPED que tratam das ações afirmativas (2011-2012)

1	URQUIZA, A. H. A.; BRAND, A. J; NASCIMENTO, A. C. Acadêmicos Indígenas em Mato Grosso do Sul – Saberes Tradicionais e as lutas por autonomia de seus povos. GT11, Política de Educação Superior, 2011, 34ª Reunião Anual.
02	LIMA, P. G. A Inclusão Social à Universidade Brasileira: pontos de inflexão e encaminhamentos acerca das políticas de ações afirmativas. GT11, Política de Educação Superior, 2011, 34ª Reunião Anual.
03	QUEIROZ, E. M. O. de. e FARIA, G. G. G. de. F. Ações afirmativas e trajetórias escolares: com a palavra os sujeitos. GT20, Psicologia da Educação, 2012, 35ª Reunião Anual.
04	BARBOSA, V. A. e LIMA, E. G. dos S. Programa de Integração e de Inclusão Étnicorracial: ações afirmativas na UNEMAT – uma questão de (re) educação. GT21, Educação e relações étnico-raciais, 2011, 34ª Reunião Anual.
05	DOEBBER, M. B. Do ideário do branqueamento ao reconhecimento da negritude: biopolítica, educação e a questão racial no Brasil. GT21, Educação e relações étnico-raciais, 2011, 34ª Reunião Anual.
06	LIMA, S. F. A. Identidades/diferenças indígenas nas teias de um currículo universitário. GT21, Educação e relações étnico-raciais, 2011, 34ª Reunião Anual.
07	ESTÁCIO, M. A. F. Quotas, sim. Só quotas, não! Análise das ações afirmativas do tipo quotas para indígenas no Amazonas. GT21, Educação e relações étnico-raciais, 2012, 35ª Reunião Anual.
08	BARRETO, M. A. S. C. Ações afirmativas e sistema de cotas: um olhar a partir do movimento negro. GT21, Educação e relações étnico-raciais, 2012, 35ª Reunião Anual.

Fonte: Dados para a pesquisa: “Estudo do sucesso/fracasso escolar na trajetória acadêmica dos estudantes que ingressarem na Universidade Federal de Goiás por meio do Programa UFG Inclui” organizados a partir do site da ANPED, disponível em: www.anped.org.br.

A análise dos artigos e dos trabalhos selecionados orientou-se por meio de planilhas de análise e documentação, elaboradas segundo as especificidades de cada campo de investigação, com a finalidade de conduzir o estudo com maior clareza e objetividade. As planilhas envolvem, entre outros, dados de identificação, tema principal, área de referência, que possibilita situar o artigo e o autor no cenário educacional. Questões atinentes à temática como as concepções de ações afirmativas e de Universidade, questões relacionadas à trajetória acadêmica dos estudantes como desempenho objetivam compreender a perspectiva do texto acerca do tema. O enfoque teórico predominante e autores mais citados buscam apreender a fundamentação teórica dos artigos e trabalhos. O último tópico da planilha é uma questão

¹⁰Após a leitura dos artigos selecionados percebemos que três deles não tratavam do tema das ações afirmativas. São eles: Sujeitos do pró-jovem urbano: perfil, trajetórias e expectativas de seus alunos de Luis Carlos Gil Esteves, Democratização do acesso à educação superior: o REUNI no contexto da prática por Ana Lúcia Borba de Arruda e Alfredo Macedo Gomes, A Manifestação do preconceito e da discriminação racial na trajetória dos alunos negros bolsistas do PROUNI por Eugenia Portela de Siqueira Marques.

aberta para que fossem relatados outros aspectos significativos à pesquisa, não contemplados nos itens anteriores.

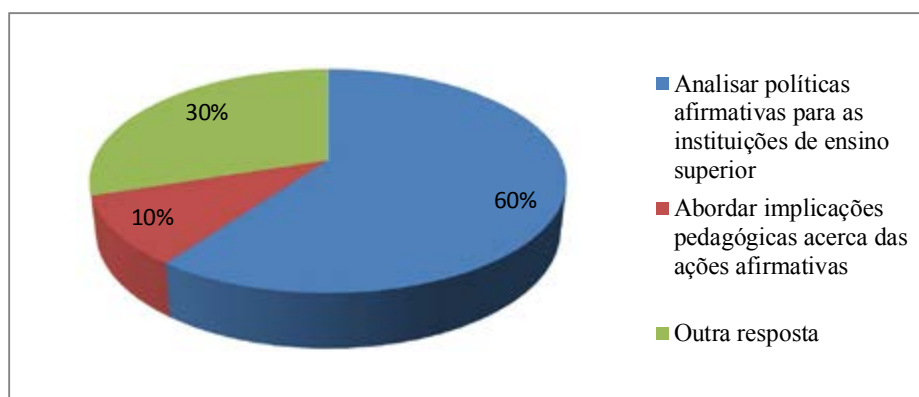
RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o levantamento realizado, estudos e pesquisas sobre o tema das ações afirmativas restringiram-se ao periódico intitulado *Educação e Sociedade*, constando dois artigos publicados no ano de 2012 (GOMES, MORAES, 2012; GOMES, 2012), já indicados na introdução deste artigo. Gomes, Moraes (2012) tratam das ações afirmativas ao discutirem a transição da Educação Superior no Brasil, do sistema de elite para o sistema de massa. Gomes (2012), ao discutir “o papel do movimento negro brasileiro na resignificação e politização da ideia de raça” (GOMES, 2012, p. 727), indica que as ações afirmativas expressariam uma forma de compensação, objetivando a superação da desigualdade educacional e, em última instância, contribuiria para a emancipação social dos negros.

Em relação aos trabalhos publicados na ANPEd, tendo como referência a localização geográfica da produção, constatou-se que em sua maioria são oriundos da Região Centro-Oeste, cinco, e da região Norte, três. Das regiões Sul e Sudeste, publicou-se apenas um trabalho em cada uma dessas regiões e, da região Nordeste, não foi identificado nenhum trabalho sobre o tema das ações afirmativas. Há uma ênfase às pesquisas sobre as políticas de ações afirmativas destinadas aos indígenas (URQUIZA, BRAND, NASCIMENTO, 2011; LIMA, 2011; ESTACIO, 2012) e aos negros (BARBOSA, LIMA, 2011; DOEBBER, 2011; BARRETO, 2012), evidenciando a preocupação dos pesquisadores com o acesso e especialmente a permanência desses estudantes na Universidade.

Considerando o conjunto dos trabalhos publicados na ANPEd e no periódico *Educação e Sociedade*, são apresentados os resultados atinentes aos objetivos dos artigos, ao posicionamento dos autores, aos referenciais teóricos e à concepção de sucesso/fracasso escolar indicados pelos autores.

Gráfico 1 - Objetivos identificados nos artigos e trabalhos que tratam direta ou indiretamente das ações afirmativas para a Universidade (2011-2012).



Fonte: Levantamento bibliográfico para a pesquisa “Estudo do sucesso/fracasso escolar na trajetória acadêmica dos estudantes que ingressaram na UFG por meio do Programa UFGInclui” (NEPPEC/FE/UFG).

Segundo o gráfico 1, evidencia-se o predomínio de trabalhos em que os objetivos dos autores relacionam-se à análise das políticas de ações afirmativas, 60%, tendo como ênfase o estudo e acompanhamento de programas de inclusão em universidades públicas, especialmente estaduais (BARBOSA, LIMA, 2011b; URQUIZA, BRAND & NASCIMENTO, 2011; DOEBBER, 2011; BARRETO, 2012; ESTÁCIO, 2012). LIMA (2011b), numa perspectiva crítica, constrói sua análise através da compreensão histórico-dialética da sociedade, atribuindo um caráter assistencialista a tais políticas, contribuindo, entre outros, para desmobilizar os movimentos sociais reivindicatórios.

Iniciadas oficialmente na década de 1990 as ações afirmativas seguiriam essa direção, numa aparência de justiça social, mas com o foco na desmobilização dos movimentos reivindicatórios e alargando a transferência de verbas para as instituições privadas de educação superior por meio de programas assistencialistas. (LIMA, 2011, p.3).

No item “Outra resposta” foram agrupados os trabalhos que analisam as ações afirmativas sob diferentes perspectivas, envolvendo a problematização da relação entre estudantes cotistas, universidade e suas famílias tendo como referência a trajetória acadêmica desses estudantes (QUEIROZ, FARIA, 2012), a expansão do ensino superior (GOMES, MORAES, 2012) e a análise de questões teóricas referentes aos movimentos sociais, especialmente em relação ao movimento negro no Brasil e implicações para “ações políticas de ressignificação e politização da raça (...) com especial enfoque nas suas demandas por educação” (GOMES, 2012, p. 733).

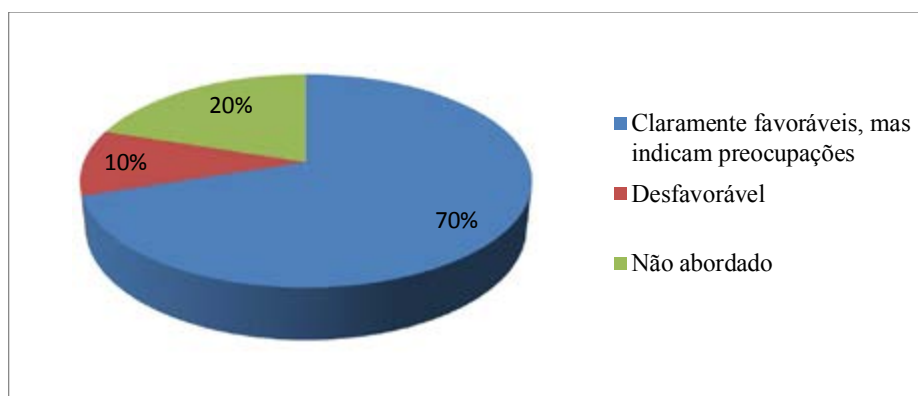
Quanto às implicações pedagógicas no âmbito das ações afirmativas, foi selecionado apenas um artigo (LIMA, 2011a) em que a autora objetiva discutir o currículo intercultural e suas implicações para a formação de estudantes indígenas que ingressaram a uma

universidade estadual pelo sistema de cotas. Analisa a experiência dos acadêmicos indígenas sob diferentes aspectos, voltando-se especialmente para a produção de identidades.

O estudo visa analisar o currículo vivido, considerando a inserção de alunos indígenas através do sistema de cotas, tendo em vista a busca pela construção de um currículo voltado para o reconhecimento e a desnaturalização das diferenças culturais. O objetivo deste texto é analisar as narrativas dos acadêmicos indígenas sobre o currículo vivido na universidade evidenciado pelas/nas práticas sociais e suas implicações para a produção de identidades e diferenças (LIMA, 2011a, p.1).

O posicionamento dos autores em relação às políticas de ações afirmativas está indicado no gráfico2, a seguir:

Gráfico 2 – Posicionamento dos autores identificados nos artigos e trabalhos que tratam direta ou indiretamente das ações afirmativas para a Universidade (2011-2012).



Fonte: Levantamento bibliográfico para a pesquisa “Estudo do sucesso/fracasso escolar na trajetória acadêmica dos estudantes que ingressaram na UFG por meio do Programa UFGInclui” (NEPPEC/FE/UFG).

Constata-se que 70% dos autores manifestam-se favoráveis à implantação das ações afirmativas na universidade, indicando, porém, preocupações como em relação aos chamados “negros de ocasião” que se autodeclaram negros com a finalidade de aproveitar a vaga oferecida (BARBOSA, LIMA, 2011; URQUIZA, BRAND & NASCIMENTO, 2011); ao “[...] despreparo e resistência interna em relação ao sistema de cotas” (LIMA, 2011a, p.2) e em relação às políticas destinadas aos negros, alertando para a permanência da mobilização dos movimentos sociais, na medida em que se mantém a cultura do embranquecimento na sociedade brasileira (BARRETO, 2012). Gomes (2012) posiciona-se favoravelmente às ações afirmativas, situando-as na reivindicação do movimento negro, especialmente a partir dos anos de 1980 quando tal movimento passa a posicionar-se a favor das políticas focalizadas, como as cotas:

É possível dizer que, até a década de 1980, a luta do movimento negro, no que se refere ao acesso à educação, possuía um discurso mais universalista. Porém, à medida que este movimento foi constatando que as políticas públicas de educação, de caráter universal, ao serem implementadas, não atendiam a grande massa da população negra, o seu discurso e suas reivindicações começaram a mudar. Foi nesse momento que as ações afirmativas, que já não eram uma discussão estranha no interior da militância, emergiram como uma possibilidade e passaram a ser uma demanda real e radical, principalmente a sua modalidade de cotas (GOMES, 2012, p. 738).

Alerta, entretanto, que “cabe ponderar que o processo de implementação de tais leis e políticas nem sempre corresponde à radicalidade emancipatória das reivindicações que o originaram” (GOMES, 2012, p.740). O posicionamento favorável da maioria dos autores indica que as políticas de ações afirmativas promoveriam o ingresso de estudantes até então excluídos da universidade, mas ressaltam que estas políticas não garantiriam a permanência destes estudantes. Este é o foco principal de alguns autores que afirmam que há necessidade de se problematizar e analisar essas políticas, a fim de promover melhores condições para a permanência dos estudantes no ensino superior como Doebber (2011) e Estácio (2012), entre outros.

No conjunto dos trabalhos, o posicionamento claramente desfavorável foi identificado em apenas um artigo (10%). LIMA (2011b), pautando sua discussão na contraposição de políticas universalistas e focalizadas no marco das relações sociais capitalistas, compreende as ações afirmativas como medidas paliativas e provisórias do governo que exclui um grupo gerando discriminação e necessidade contínua de reparação. A universalização e democratização da Universidade não acontecem através de políticas focalizadas, pois,

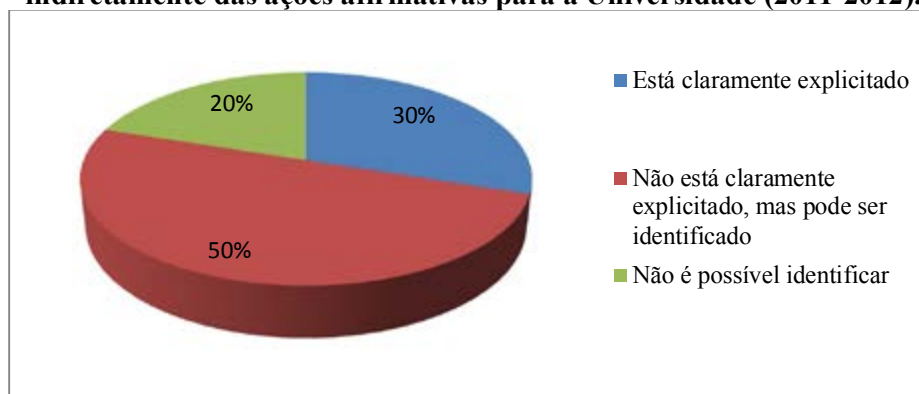
Em consonância com o sistema capitalista, qualquer “ação afirmativa” constituir-se-á num elemento paliativo e remediativo em que os grupos desfavorecidos continuarão nessa situação, [...] a menos que haja um despertar e mobilizações sociais significativas e suficientes para a reversão de sua estrutura (LIMA, 2011b, p. 8).

O posicionamento em relação às ações afirmativas não foi abordado por Queiroz e Faria (2012) e Gomes e Moraes (2012), perfazendo 20% dos trabalhos. Segundo Queiroz e Faria (2012), faz-se necessário perquirir sobre a implementação dessas ações nas universidades, especialmente no que tange aos processos constitutivos das experiências acadêmicas dos estudantes ingressantes à universidade por meio do sistema de cotas. Para Gomes e Moraes (2012), as ações afirmativas ressoam políticas mais amplas de

democratização da educação superior. O posicionamento claramente favorável não foi identificado em nenhum dos artigos analisados.

Quanto ao enfoque teórico adotado pelos autores, conforme indicado no gráfico 3, observa-se que em 50% dos artigos selecionados o enfoque teórico não está claramente explicitado, mas pôde ser identificado. Dentre o conjunto desses artigos foi possível apreender artigos que fazem a discussão sob a perspectiva “estudos culturais” como os trabalhos de Estácio (2011), Lima (2011a) e Gomes (2012) por meio de referências a autores como Stuart Hall, entre outros. Lima (2011b) e Queiroz e Faria (2012) problematizam a temática das ações afirmativas por meio das relações sociais capitalistas citando, entre outros, autores como Mészáros.

Gráfico 3 – Enfoque Teórico identificado nos artigos e trabalhos que tratam direta ou indiretamente das ações afirmativas para a Universidade (2011-2012).



Fonte: Levantamento bibliográfico para a pesquisa “Estudo do sucesso/fracasso escolar na trajetória acadêmica dos estudantes que ingressaram na UFG por meio do Programa UFGInclui” (NEPPEC/FE/UFG).

Ainda, de acordo com o apresentado no gráfico 3, os “estudos culturais” embasam explicitamente os trabalhos de Urquiza, Brand e Nascimento (2011), Doebber (2011) e Barreto (2012), perfazendo um total de 30% dos trabalhos selecionados. Voltam-se à questões étnico-raciais como a análise sobre o acesso indígena a uma universidade estadual (URQUIZA, BRAND & NASCIMENTO, 2011), às políticas afirmativas como resultado da atuação dos movimentos sociais (DOEBBER, 2011; BARRETO, 2012). Em relação ao conjunto de trabalhos que discutem o tema sob a referência dos “estudos culturais”, a preocupação com a permanência se expressa de forma recorrente por meio da questão da identidade e da diferença, como afirma Estácio (2012):

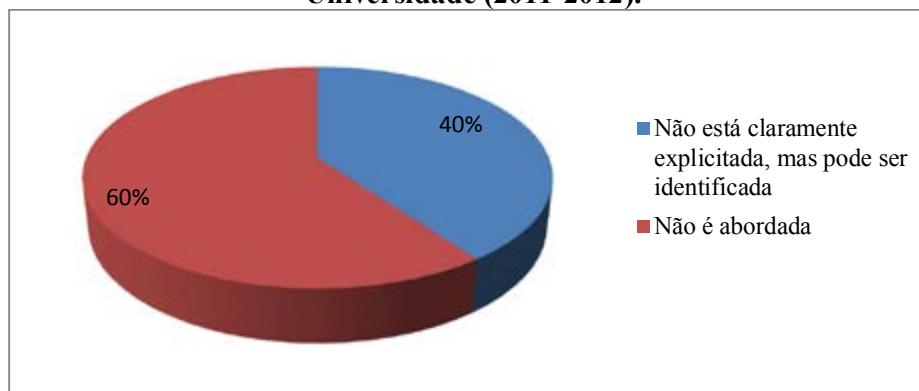
As quotas, enquanto um dos tipos de políticas afirmativas são, por nós compreendidas, enquanto ações compensatórias e distributivas voltadas para

determinado grupo, definido a partir de características adscritas como raça, etnia, origem, condição social ou, ainda, políticas de diversidade, as quais reivindicam não uma igualdade de bens materiais, mas sim, culturais, com a exigência do reconhecimento das múltiplas e particulares identidades (ESTÁCIO, 2012, p.15).

Constata-se, portanto, que 80% dos trabalhos adotam como referência em suas análises o que aqui agrupa-se como “estudos culturais”. Além do estudo da concepção de ações afirmativas, dos referenciais teóricos adotados e do posicionamento dos autores acerca destas políticas, objetivou-se com este trabalho a identificação dos relatos acerca das experiências acadêmicas dos estudantes que ingressaram à universidade por meio de algum tipo de ação afirmativa. Trata-se de compreender como os autores tratam tais experiências no âmbito do que se tem denominado de sucesso/fracasso escolar nos estudos e pesquisas educacionais.

Conforme indicado no gráfico 4, esta discussão não foi tratada na maioria dos artigos (60%), estando presente, mesmo que indiretamente, em 40% dos trabalhos (URQUIZA, BRAND & NASCIMENTO, 2011; DOEBBER, 2011; LIMA, 2011a; QUEIROZ & FARIA, 2012).

Gráfico 4 – Concepção dos autores sobre sucesso/fracasso escolar identificados nos artigos e trabalhos que tratam direta ou indiretamente das ações afirmativas para a Universidade (2011-2012).



Fonte: Levantamento bibliográfico para a pesquisa “Estudo do sucesso/fracasso escolar na trajetória acadêmica dos estudantes que ingressaram na UFG por meio do Programa UFGInclui” (NEPPEC/FE/UFG).

A concepção do sucesso/fracasso escolar apresentada pelos autores remetem à falta de diálogos entre saberes científicos e saberes indígenas, como a falta de relação entre o conhecimento apreendido na Universidade com a realidade dos estudantes oriundos das cotas, especificamente os indígenas (URQUIZA, BRAND & NASCIMENTO, 2011). A condição financeira é um aspecto determinante no sucesso/fracasso escolar de alunos que ingressaram a

universidade através das cotas o que acaba implicando na dificuldade para se acompanhar as disciplinas, devido à necessidade de conciliar o trabalho ao estudo (DOEBBER, 2011; LIMA, 2011a). A concepção de um dos artigos parte da análise de entrevistas e grupos focais.

Refere-se, aqui, à dificuldade de relacionar-se com os professores, o que acaba por constituir-se em obstáculo para sua formação. Muitos de seus objetivos são frustrados por não conseguirem persistir em sua realização. Apesar dos estudantes expressarem uma trajetória escolar de sucesso, o que lhes permitiu chegar à universidade, explicitam as dificuldades de relacionamento com os professores (QUEIROZ & FARIA, 2012, p.7).

Consubstancia-se um amplo leque de dificuldades para a permanência dos estudantes que ingressam à universidade por meio das cotas, indicando-se a necessidade de programas e ações que atendam a estes estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conjunto dos trabalhos que compõe a base de dados deste estudo, constatou-se a predominância das políticas de ações afirmativas como medidas de compensação, objetivando a inclusão de grupos sociais e étnico-raciais com histórico de exclusão em relação à universidade pública no Brasil. Há uma defesa destas ações, evidenciando-se preocupações quanto à permanência destes estudantes. Porém o que aproxima ou distancia as ações afirmativas de políticas assistencialistas são questões que necessitam de serem aprofundadas em próximos estudos.

Em relação ao referencial teórico, as análises orientam-se, sobretudo, pelos “estudos culturais”. Considerando o estudo realizado, faz-se necessário aprofundar, entre outros, o estudo do referencial que tem informado as pesquisas sobre o tema das políticas de ações afirmativas, os “estudos culturais”. Pretende-se compreender seus pressupostos teóricos e suas implicações para a compreensão das relações entre indivíduo e sociedade e, particularmente, apreender como estes estudos tratam as trajetórias acadêmicas dos estudantes que ingressam à universidade por meio das ações afirmativas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, V. A. e LIMA, E. G. dos S. Programa de Integração e de Inclusão Étnicorracial: ações afirmativas na UNEMAT – uma questão de (re) educação. Natal: **ANPED**, GT21, Educação e relações étnico-raciais, 2011. Disponível em: http://34reuniao.anped.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=133:trabalho-s-gt21-educacao-e-relacoes-etnico-raciais&catid=47:trabalhos&Itemid=59 Acesso em 27 fev.

2013.

BARRETO, M. A. S. C. Ações afirmativas e sistema de cotas: um olhar a partir do movimento negro. Porto de Galinhas: **ANPEd**, GT21, Educação e relações étnico-raciais, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/trabalhos/133-gt21> Acesso em: 10 mar. 2013.

DOEBBER, M. B. Do ideário do branqueamento ao reconhecimento da negritude: biopolítica, educação e a questão racial no Brasil. Natal: **ANPEd**, GT21, Educação e relações étnico-raciais, 2011. Disponível em: http://34reuniao.anped.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=133:trabalhos-gt21-educacao-e-relacoes-etnico-raciais&catid=47:trabalhos&Itemid=59 Acesso em: 26 fev. 2013.

ESTÁCIO, M. A. F. Quotas, sim. Só quotas, não! Análise das ações afirmativas do tipo quotas para indígenas no Amazonas. Porto de Galinhas: **ANPEd**, GT21, Educação e relações étnico-raciais, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/trabalhos/133-gt21> Acesso em: 11 mar. 2013.

GOMES, A. M.. MORAES, K. N. de. Educação Superior no Brasil contemporâneo: transição para um sistema de massa. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.33, n.118, p.171-190, jan./mar. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0101733020120001&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 06 mai. 2013.

GOMES, N. L. Movimento Negro e Educação: Ressignificando e Politizando a Raça. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.33, n.120, p. 727-744, jul./set. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0101733020120003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 08 mai. 2013.

IANNI, O. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LIMA, P. G. A inclusão social à universidade brasileira. Natal: **ANPEd**, GT11, 2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT11/GT11-331%20int.pdf> Acesso em: 27 fev. 2013.

LIMA, S. F. A. Identidades/diferenças indígenas nas teias de um currículo universitário. Natal: **ANPEd**, GT21, Educação e relações étnico-raciais, 2011. Disponível em: http://34reuniao.anped.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=133:trabalhos-gt21-educacao-e-relacoes-etnico-raciais&catid=47:trabalhos&Itemid=59 Acesso em: 28 fev. 2013.

MAIO, M. C.; SANTOS, R. V.. Política de cotas raciais, os “olhos da sociedade” e os usos da antropologia: o caso do vestibular da Universidade de Brasília (UnB). In: STEIL, Carlos Alberto (Org.). **Cotas na universidade**: um debate. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

MOEHLECKE, S. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. **Cadernos de Pesquisas**, São Paulo, n. 117, p.197-217, nov. 2002.

MOEHLECKE, S. As políticas de diversidade na educação no governo Lula. **Cadernos de Pesquisas**, São Paulo, 2009, v.39, n.137, p. 461-487, maio/ago., 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a08.pdf> Acesso em: 2 jul. 2013.

QUEIROZ, E. M. O. de. e FARIA, G. G. G. de. F. Ações afirmativas e trajetórias escolares: com a palavra os sujeitos. Porto de Galinhas: **ANPEd**, GT20, Psicologia da Educação, 2012, 35ª Reunião Anual. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/trabalhos/131-gt20> Acesso em: 12 mar. 2013.

STEIL, C. A. (Org.). **Cotas na universidade**: um debate. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

URQUIZA, A. H. A.; BRAND, A. J; NASCIMENTO, A. C. Acadêmicos Indígenas em Mato Grosso do Sul – Saberes Tradicionais e as lutas por autonomia de seus povos. Natal: **ANPEd**, GT11, Política de Educação Superior, 2011. Disponível em: http://34reuniao.anped.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=113:trabalhos-gt11-politica-de-educacao-superior&catid=47:trabalhos&Itemid=59 Acesso em: 01 mar. 2013.

Interação entre capacidade de memória de trabalho, atenção e fala em L2¹

Joelma Aguiar Rodrigues (orientanda)

joelma_aguia@hotmail.com

Elena Ortiz Preuss (orientadora)

elena.ortizp@yahoo.com.br

Faculdade de Letras

Resumo: Este artigo expõe as atividades de iniciação científica (PIVIC) desenvolvidas dentro do plano de trabalho “Memória de trabalho e atenção no processo de produção de fala bilíngue”, vinculado ao projeto de pesquisa “O processo de produção de fala em L2/LE”. A produção de fala é muito importante na aquisição de línguas, mas é uma habilidade complexa e pouco compreendida, em termos cognitivos. Assim, esta pesquisa buscou contribuir com a compreensão do papel da memória de trabalho e dos mecanismos atencionais na produção de fala em L2. Por meio de testes linguísticos e cognitivos, observou-se o processo de produção de fala em falantes de português, aprendizes de espanhol como L2. Os resultados preliminares evidenciaram algumas associações entre atenção, memória de trabalho e produção de fala.

Palavras-chave: fala; memória de trabalho; atenção; espanhol; português.

Introdução

Em termos de aquisição de línguas, a habilidade de produção oral exerce grande importância; saber outro idioma para muitos, é saber comunicar-se, principalmente, de forma oral. Por sua vez, a fala é uma habilidade complexa, imediatista, que envolve fatores cognitivos, emocionais, culturais e sociais, dentre outros. A fala ocorre em frações de segundos, o que faz com que pareça ser simples (COSTA, 2005, 2006; MCLAUGHLIN, 1990; LEVELT, 1989). Porém, o processo de produção de fala bilíngue envolve níveis diferentes de representação (conceitual, lexical e fonológico) e ativação de várias palavras em ambas línguas, de maneira que o sistema precisa ser capaz de selecionar a palavra adequada na língua-alvo. De acordo com Costa, Hernández & Sebastián-Gallés (2008), a produção de fala bilíngue requer que o falante controle a comunicação em somente uma das línguas, suprimindo a outra língua que também permanece ativada, ou seja, é preciso manter a atenção na comunicação ao mesmo tempo em que se evita a interferência da outra língua e se formula a mensagem na língua-alvo. Outra característica apontada por Skehan (1998) é o fato de que a fala envolve aspectos como fluência, precisão e complexidade gramatical e, principalmente

¹ Revisado pelo orientador.

em estágios iniciais de aquisição, a capacidade limitada de atenção se restringe a cada um deles no momento da produção. Em outras palavras, ao ser focada a complexidade gramatical, por exemplo, precisão e fluência são prejudicadas.

Costa, Santesteban & Ivanova (2006) argumentam que o acesso lexical é uma situação de conflito entre as palavras ativadas, na L1 e na L2, sendo que somente uma deve ser selecionada. Para esses teóricos (op.cit.) a facilidade de resolução do conflito pode depender da similaridade entre a representação a ser atendida (palavra na língua-alvo) e a que deve ser ignorada (palavra na língua não-alvo). O grau de similaridade linguística pode afetar a competição entre as línguas e a resolução de conflito, devido à sobrecarga no sistema atencional, que pode gerar interferências entre as línguas. O argumento de Costa et. al. (2006) destaca, portanto, o papel dos mecanismos atencionais na produção de fala bilíngue.

Para alguns teóricos (DE BOT, 1992; LEVELT, 1989), o falante é processador de informação e interlocutor e a produção de fala ocorre em, pelo menos, 3 etapas. Primeiro acontece a seleção e ordenamento da informação conceitual, depois a formulação da mensagem e, posteriormente, a articulação da fala. Em cada uma dessas etapas a memória de trabalho desempenha papel importante, pois retém as representações intermediárias de cada etapa, facilitando a continuidade do processo (FINARDI & WEISHEIMER, 2008). Ou seja, a memória de trabalho contribui com a produção de fala, pois controla a atenção e participa na tomada de decisões para a formulação da mensagem, além de auxiliar no processamento da informação (BERGSLEITHNER, 2011).

Por sua vez, Fortkamp & Bergsleithner (2007) afirmam que há indícios de relação entre a memória de trabalho e o bom desempenho na expressão oral na L2, e que a memória de trabalho pode dificultar o desenvolvimento da interlíngua. Assim, considerando a complexidade da fala e suas relações com a cognição, neste estudo, buscou-se verificar se havia associação entre capacidade de memória de trabalho, atenção e desempenho de aprendizes em tarefa de produção de fala em L2, bem como analisar o papel dos mecanismos atencionais e capacidade da memória de trabalho na produção de fala bilíngue. O experimento foi realizado com bilíngues de línguas muito similares (português e espanhol), mas que ainda estão em processo de aquisição da L2².

A seguir, se discutirá um pouco mais a problemática do processo de fala bilíngue e as concepções de memória de trabalho e atenção. Em seguida, será descrita a metodologia utilizada e depois será exposta a discussão preliminar dos resultados e considerações finais.

² Adotando-se uma compreensão mais ampla do conceito de bilinguismo, considera-se que estes aprendizes também são bilíngues.

Produção de fala bilíngue

É amplamente consensual a ideia de que a fala bilíngue envolve a ativação lexical, independente da língua de comunicação, por isso um processo de seleção lexical se torna necessário. A forma como a seleção lexical acontece tem sido foco de pesquisas que deram origem a duas hipóteses. Uma defende que a seleção é específica na língua-alvo (HSE) e que os outros nós lexicais ativados não são levados em consideração. A outra defende que a seleção não é específica (HSNE) e todas as palavras ativadas competem para a seleção.

As pesquisas sobre seleção lexical, dentro do paradigma de interferência desenho-palavra, têm focado diferentes tipos de interferência (semântica, de identidade, e de facilitação fonológica), a fim de compreender melhor a organização e funcionamento do léxico mental. No efeito de interferência semântica (IS), quando desenho e palavra distratora pertencem à mesma categoria semântica (cachorro e gato, por exemplo), espera-se que a nomeação seja lenta. No efeito de facilitação fonológica/ortográfica (FFO), quando a palavra distratora possui similaridade fonológica ou ortográfica com o nome do desenho, espera-se nomeação mais rápida das palavras com maior compartilhamento de segmentos fonológicos. No efeito de identidade interlinguística (II), quando a palavra distratora corresponde à tradução do nome do desenho, cada uma das hipóteses de seleção faz uma previsão: para a hipótese de seleção específica, a nomeação é rápida, porque só o léxico da língua-alvo será examinado (COSTA, MIOZZO & CARAMAZZA, 1999; COSTA & CARAMAZZA, 1999); para a seleção não específica, a nomeação será lenta, porque ambos léxicos serão examinados (HERMANS, BONGAERTS, DE BOT & SCHREUDER, 1998).

Há evidências experimentais que comprovam cada uma dessas hipóteses, inclusive com bilíngues português-espanhol, e espanhol-português com alto nível de proficiência (ORTIZ PREUSS, 2011). Porém a hipótese de seleção específica, ainda precisa esclarecer de que maneira o mecanismo garante a seleção na língua-alvo, por outro lado, a hipótese de seleção não-específica precisa explicar como o mecanismo seleciona a palavra na língua alvo dentre tantas palavras competidoras (COSTA, 2005, 2006). A seguir serão discutidas as concepções de memória de trabalho e atenção

Memória de trabalho e atenção

Em várias áreas da ciência, neurolinguística, neuropsicologia e neuropsicolinguística, por exemplo, atualmente há pesquisas para entender melhor a relação entre linguagem e cognição, sendo que o desempenho das funções executivas é um dos focos de interesse.

Conforme Diamond (2006), inibição, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva são habilidades cognitivas que integram as funções executivas. A inibição é responsável por ignorar estímulos irrelevantes e manter o foco; resistir a dar uma resposta e dar outra. A memória de trabalho é encarregada de reter temporariamente uma informação na mente e manipulá-la. E a flexibilidade cognitiva é responsável por mudar de perspectiva, foco de atenção ou mapeamento de resposta com flexibilidade (DIAMOND, 2006).

Neste estudo se enfocará principalmente a memória de trabalho, que diferentemente das outras memórias (de curto e longo prazo) não gera arquivos com armazenamento de dados. Por isso muitos a consideram somente como um gerenciador central que retém, por um período relativamente curto, e processa a informação relevante ao desempenho de tarefas cognitivas. É esta capacidade que permite às pessoas, por exemplo, guardar um número de telefone enquanto o digitam para realizar uma chamada. A memória de trabalho se relaciona com os demais sistemas mnemônicos para poder examinar a informação nova e compará-la com as informações já armazenadas e, assim, verificar o que precisa ser guardado e o que pode ser descartado. (BADDELEY, 2000, 2002).

Um dos modelos mais conhecidos de memória de trabalho é o de Multicomponentes (BADDELEY, 2002, 2002), em que a memória de trabalho é composta por quatro subcomponentes: o executivo central, a alça fonológica, o esboço visuoespacial, e o *buffer* episódico. O executivo central, semelhante a um controlador atencional de capacidade limitada, encarrega-se das tarefas cognitivamente complexas, coordena processos cognitivos, focaliza, divide ou desloca a atenção a determinados estímulos e inibe informações distratoras. É responsável pelo processamento de informações, integrando os dados processados pelos demais subcomponentes. A alça fonológica é um sistema de armazenamento temporário de informação de origem acústica. O esboço visuoespacial armazena e manipula as informações de origem visual e/ou espacial. O *buffer* episódico é um sistema de armazenamento que usa códigos multimodais e, assim, estabelece interface com os outros subcomponentes e a memória de longo prazo.

A Figura 1 ilustra o modelo de Multicomponentes proposto por Baddeley (2000).

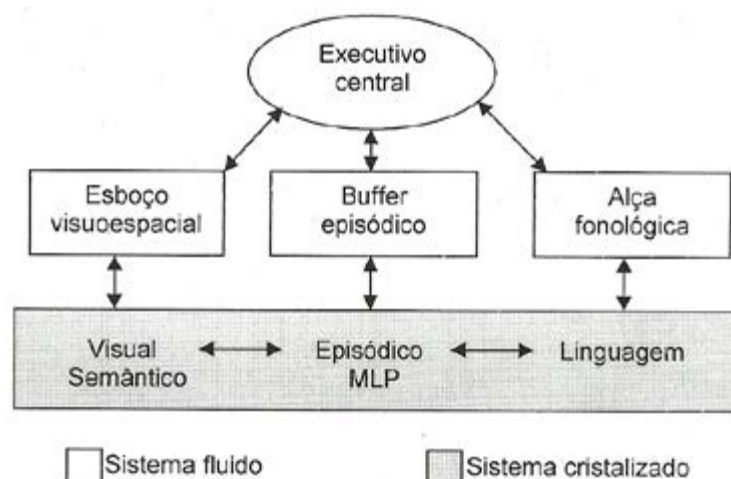


Figura 1: Modelo de memória de trabalho de Baddeley (2000)

Fonte: Baddeley (2002, p. 93)

No modelo de Baddeley (2000), a atenção é importante para o processamento, porém Cowan (1988, 1995, *apud* BADDELEY, ANDERSON, EYSENK, 2011) e Engle (1996, 2002, *apud* BADDELEY et. al. 2011) ressaltam o seu papel na relação com outros sistemas de memória. (BADDELEY et. al. 2011). Para Cowan (1995, *op.cit.*) mecanismos atencionais controlam a ativação que ocorre dentro da memória de longo prazo e da qual depende a memória de trabalho. Por sua vez, Engle (2002, *op.cit.*) defende que a memória de trabalho é um sistema integrado de memória e atenção que envolve armazenamento e controle executivo e é composta por um domínio geral, abrangendo um mecanismo de atenção executiva, e um domínio específico destinado à retenção temporária da informação.

Quanto à relação entre bilinguismo e as funções executivas, Bialystok, Craik, Green & Gollan (2009) argumentam que o uso regular de duas línguas pelo indivíduo bilíngue tem forte impacto sobre o funcionamento linguístico e cognitivo. O bilinguismo aprimora as funções do controle executivo, no processamento cognitivo não-verbal. Craik & Bialystok (2006, p.135) defendem que, devido à necessidade de monitorar a atenção a dois sistemas linguísticos ativos, que competem entre si, a prática constante do controle atencional nos bilíngues é bastante estimulada. Assim, os bilíngues conseguem melhor desempenho do que monolíngues em tarefas que requerem inibição de informação distratora, tarefas envolvendo trocar ou manter uma determinada informação na mente enquanto realizam uma tarefa. Ou

seja, o constante controle para gerenciar seu desempenho linguístico, parece aprimorar também para outros aspectos do processamento cognitivo.

Por sua vez, no que se refere à produção de fala bilíngue, Costa, Hernández & Sebastián-Gallés (2008) afirmam que é preciso compreender melhor os mecanismos linguísticos/atencionais que garantem a produção adequada, evitando interferências da língua não-alvo, assim como verificar o impacto do seu uso contínuo sobre outros mecanismos atencionais gerais. Para os pesquisadores (op. cit.), a rede atencional envolve três componentes, supostamente independentes: a rede de alerta, responsável por manter o estado de alerta; a rede de orientação, encarregada de selecionar informação; e a rede de controle executivo, responsável por monitorar e resolver conflitos (onde atua o controle inibitório em bilíngues). Para Hernández, Costa, Fuentes, Vivas & Sebastián-Gallés (2010), essas redes são distintas, mas trabalham de forma interrelacionada, uma vez que o nível de alerta pode facilitar os processos para ignorar uma informação irrelevante, bem como, a rede de orientação pode afetar o desempenho das funções executivas.

Costa et. al. (op.cit.) realizaram uma investigação com o propósito de avaliar o impacto do bilinguismo nas habilidades atencionais gerais, através de uma tarefa de rede de atenção (*Attentional Network task* - ANT)³. Para os pesquisadores (op. cit.) a tarefa ANT apresenta formatos padronizados, não sendo necessária a atuação da memória de trabalho, nem a supressão de resposta, mas exigindo um controle inibitório, devido à ativação de duas representações conflitivas como resposta, o que requer uma tomada de decisão do sujeito sobre o que produzir. A ANT também permite avaliar o processo de monitoramento, já que incluem estímulos congruentes e incongruentes.

Os resultados mostraram que os bilíngues foram mais rápidos do que os monolíngues, tanto na condição congruente como incongruente. Para os autores (op.cit.), o resultado mais importante, quanto à vantagem do bilíngue, refere-se à ocorrência de menos interferência na condição incongruente, pois nesse caso está envolvido o mecanismo de resolução de conflito, que parece ser mais eficiente para esses falantes.

A partir do exposto, considera-se que ainda não há limites bem definidos entre os construtos de memória de trabalho e de atenção. Ambos sendo importantes para o processamento da informação. Em vista disso, foi proposto o presente estudo, com a finalidade de avaliar a relação entre produção de fala, memória de trabalho e atenção.

³ Essa tarefa está descrita adiante, na seção de procedimentos metodológicos.

Procedimentos metodológicos

Nesta seção serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, expondo o perfil dos participantes e os instrumentos e procedimentos de coleta e análise de dados.

Participantes

Sete⁴ (7) participantes, sendo 3 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, com média de idade de 24 anos, participaram voluntariamente da pesquisa⁵. Os participantes eram aprendizes, com mais de três anos de estudo de espanhol como L2 e foram submetidos a um exame de proficiência (adaptado do DELE - *Diplomas de Español como Lengua Extranjera* – nível superior), no qual obtiveram mais de 50% de acertos. Para fins de classificação, considera-se que os participantes estavam num nível intermediário-avançado⁶ de proficiência. Além disso, no questionário, os participantes afirmaram usar frequentemente e ter um bom desempenho na L2 (num escala de 1 a 5, a média das respostas foi de 3,8 para a compreensão leitora; 3,1 para a produção escrita; 3,4 para a audição; e 3,2 para a fala).

Instrumentos e procedimentos

Nesta pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados:

- Questionário: para obtenção de informações pessoais e sobre o histórico linguístico dos participantes.
- Teste de proficiência: para melhor classificar os participantes quanto ao seu nível de proficiência na L2.
- Teste de produção de fala: para avaliar os efeitos de interferência na produção de fala em L2, a partir dos tempos de reação e da acurácia das respostas dos participantes. Os participantes foram orientados a nomear desenhos na L2 o mais rápido e corretamente possível, enquanto ignoravam as palavras distratoras que apareciam na sua L1 na tela imediatamente anterior ao desenho. Utilizando um computador e um microfone ligado a uma caixa de resposta, que registrava os tempos de reação, o teste tinha a seguinte ordem: primeiro aparecia a tela com o ponto de fixação (300ms), em seguida a tela com a palavra distratora na

⁴ O baixo número de participantes é devido a problemas operacionais, que provocaram o atraso na realização da coleta de dados. Além disso, nem todas as pessoas que se disponibilizaram a participar realizaram todos os testes. Para fins de análise, somente foram considerados os dados de participantes que cumpriram todas as etapas da pesquisa.

⁵ Todos assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

⁶ A opção por esta classificação é em razão de que o exame aplicado não seguiu todo o protocolo de aplicação para obtenção do nível superior.

L1 (300ms) e depois, a tela com o desenho a ser nomeado na L2 que permanecia aberta até que se iniciasse a nomeação ou após transcorridos 4000ms, pois, nesse caso, o programa avançava automaticamente para uma nova sequência de palavra e desenho. A tarefa continha 30 pares de desenho-palavra para cada tipo de interferência testado (IS, II, FFO). Somente foram analisadas as respostas corretas, que foram dadas num intervalo de tempo entre 300 e 4000 milissegundos. Também foram excluídas das análises dados com falhas de gravação e disfluências verbais (sons não-verbais, gagueira, reparos de fala). A Figura 2 ilustra o experimento, conforme a descrição anterior.

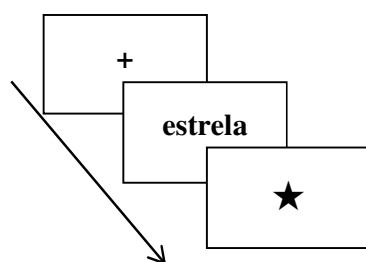


Figura 2: Esquema do experimento

- Teste de rede de atenção: para avaliar a rede atencional (*Attentional Network Task-ANT*). Nesse teste os participantes deviam indicar se a flecha central, numa sequência, apontava para a esquerda ou para a direita. Para isso, deviam pressionar no teclado do computador, o mais rápido e corretamente possível, a tecla determinada para a mão esquerda, se a flecha central apontasse para esse lado, e a tecla determinada para a mão direita, se a flecha central apontasse para esse lado. Nesse contexto, o estímulo-alvo era apresentado após o ponto de fixação (+), junto a mais quatro flechas, sendo duas em cada lado, apontando para a mesma direção (condição congruente: →→→→→) ou para direções diferentes (condição incongruente: →→←→→) da flecha-alvo. Havia também uma condição neutra, quando a flecha central não era acompanhada de outras flechas (— — → — —). As análises foram feitas com as respostas corretas dadas num intervalo de tempo de 200 a 1200 milissegundos.

- Teste Alcance de Computação e de Escuta (adaptado da Bateria de Avaliação da Memória de Trabalho, BAMT-UFGM, no software *e-prime*): para avaliar a capacidade da memória de trabalho. No teste de alcance de computação, os participantes ouviam uma série de problemas matemáticos e tinham que indicar a resposta ao problema e ao mesmo tempo memorizar o segundo número do problema. Por exemplo, ouviam “2+1 é igual a”, e tinham que indicar como resposta correta o número 3 e memorizar o número 1. No teste de alcance de compreensão na escuta, os participantes ouviam uma sequência de frases e tinham que

responder a perguntas e ao mesmo tempo memorizar a última palavra de cada frase. Por exemplo, ouviam “Ana foi ao mercado comprar maçã” e tinham que responder a pergunta “Onde?” e memorizar a palavra maçã. Os testes eram divididos em blocos e ao final de cada bloco, os participantes dispunham de um tempo determinado para recordar os números e/ou palavras memorizados. Optou-se por aplicar somente estes testes, por entender-se que os mesmos contemplam as capacidades de retenção e processamento que caracterizam a memória de trabalho. Foram analisadas as respostas corretas, dadas num intervalo de tempo de 300 a 5000 milissegundos e que tenham acertado aproximadamente 70% dos blocos de teste.

A coleta foi feita em dias diferentes e o tempo aproximado de coleta foi de 2h por participante. Após a coleta de dados os dados foram sistematizados e analisados estatisticamente.

Discussão dos resultados

As discussões serão feitas com base nos dados sintetizados e expostos nas tabelas. Trata-se de análises preliminares, pois ainda pretende-se padronizar os escores a fim de verificar com mais detalhe a possibilidade de correlação entre as variáveis. Inicialmente serão discutidos os resultados da produção de fala, depois da capacidade de memória de trabalho e de atenção; por último, será discutida a possibilidade de associação entre produção de fala e os dois construtos cognitivos testados.

Produção de fala

A tabela 1 apresenta as médias de tempo de reação (TR), acurácia e desvio padrão (DP), no teste de produção de fala.

Tabela 1: Média de tempo de reação e desvio padrão.

	ISR	ISNR	IIR	IINR	FFOR	FFONR
TR - Média	1372,22	1352,42	1122,35	1204,19	1300,97	1374,86
(DP)	(298,21)	(219,00)	(283,28)	(265,10)	(266,44)	(460,28)
ACC - Média	0,31	0,34	0,34	0,34	0,37	0,43
(DP)	(0,13)	(0,15)	(0,05)	(0,11)	(0,16)	(0,11)

Nota: N= 07; TR=tempo de reação, DP=desvio padrão; ACC=Acurácia; ISR=interferência semântica na condição relacionada; ISNR=interferência semântica na condição não-relacionada IIR=identidade interlinguística na condição relacionada; IINR=identidade interlinguística na condição não-relacionada FFOR=facilitação fonológica/ortográfica na condição relacionada; FFONR= facilitação fonológica/ortográfica na condição não-relacionada.

Conforme a tabela 1, no efeito de interferência semântica, o tempo de reação foi mais lento na condição relacionada (ISR, $M = 1372,22$), quando a palavra distratora é da mesma categoria semântica que o desenho (gato e cachorro, por exemplo), o que já era esperado devido à potencialização da competição lexical, provocada pela ativação de dois conceitos (o da palavra e o do desenho) e dois nós lexicais (um na L1 e outro na L2). Por outro lado, no efeito de identidade interlinguística, quando a palavra é a tradução do nome do desenho na L1 (estrela-estrella, por exemplo), os dados são consonantes com a hipótese de seleção específica, porque a nomeação foi mais rápida na condição relacionada (IIR, $M = 1122,35$). Segundo essa hipótese, somente o léxico ativado na língua-alvo é considerado para a seleção, por isso a nomeação deve ser mais rápida, além disso, nesse caso, o conceito compartilhado entre a palavra e o desenho é duplamente ativado, facilitando assim a nomeação. Por sua vez, no efeito de facilitação fonológica, quando a palavra compartilha segmentos fonológicos com o nome do desenho (barba-barco, por exemplo), também, conforme era esperado, a nomeação foi mais rápida na condição relacionada (FFOR, $M = 1300,97$). Isso significa que a ativação fonológica provocada pela palavra na L1, também facilita a seleção do nome do desenho na L2.

Esses resultados são compatíveis com aqueles obtidos por Ortiz Preuss (2011), porém, neste caso, todos os dados foram submetidos a análises estatísticas para verificar diferença entre as médias das condições relacionada e não-relacionada, mas não foi identificada comparação significativa estatisticamente. A falta de relevância estatística pode ter ocorrido devido ao baixo número de participantes. Os procedimentos metodológicos adotados previam uma série de requisitos e etapas, com isso, houve algumas desistências e exclusões de participantes nas análises. A Figura 3, abaixo, ilustra os dados de tempo de reação e acurácia das respostas.

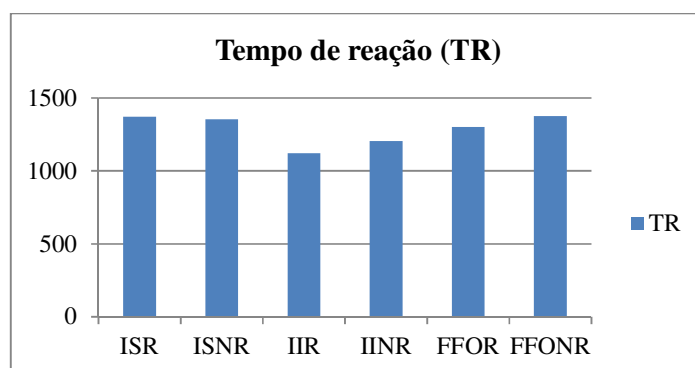


Figura 3: Médias de tempo de reação

Com relação à acurácia, é preciso esclarecer que foram consideradas como respostas incorretas, as falhas de gravação, as disfluências verbais e as respostas que foram dadas num intervalo de menor do que 300 milissegundos e maior do que 4000 milissegundos, embora estivessem linguisticamente corretas. Assim, a média de acurácia precisa ser avaliada, tendo em conta que se trata de bilíngues ainda em processo de aquisição da L2. Os dados mostram certa homogeneidade na média de acurácia, inclusive, porque não houve diferença significativa estatisticamente na comparação dessas médias.

A Figura 4 ilustra os dados de tempo de reação e acurácia das respostas,

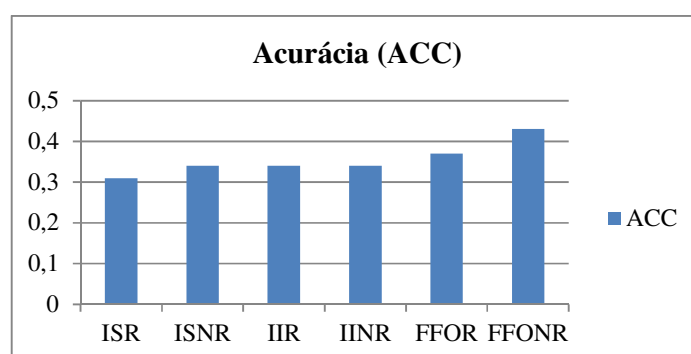


Figura 4: Médias de acurácia das respostas

Memória de trabalho

A tabela 2 apresenta as médias de tempo de reação (TR), acurácia e desvio padrão (DP), nos testes de capacidade de memória de trabalho.

	ALCCOM	ALCESC	GERAL
TR – Média	3624,59	3709,06	3666,82
(DP)	(175,36)	(469,14)	(296,89)
ACC – Média	0,80	0,87	0,83
(DP)	(0,88)	(0,83)	(0,63)
CMT – Média	3,17	2,71	2,94
(DP)	(1,58)	(1,30)	(1,12)

Nota: N= 07; TR=tempo de reação, DP=desvio padrão; ACC=Acurácia; ALCCOM=alcance de computação; ALCESC= alcance de compreensão da escuta.

Conforme a tabela 2, o desempenho dos participantes foi muito parecido nos dois tipos de teste, não havendo diferença significativa estatisticamente entre o teste de alcance de

computação (ALCCOM) e o de alcance de compreensão da escuta (ALCESC). Ressalta-se o bom desempenho em termos de acurácia das respostas (acima de 80% de acertos). Levando-se em consideração que o percentual de acurácia possa ter relação com a capacidade cognitiva de reter uma informação e ignorar distratores e a capacidade de suprimir uma língua e falar na outra, então, esses resultados poderiam ser interpretados como um indício dos efeitos do bilinguismo, no nível cognitivo conforme argumentaram Costa et. al. (2008) e Bialystok et. al. (2009). Entendendo-se que, mesmo com a complexidade da tarefa (processar e reter) o desempenho dos participantes pode ser considerado satisfatório.

Para fins de análise (preliminar) da capacidade de memória de trabalho, fez-se uma média geral entre a média de retenção (CMT) no ALCCOM e no ALCESC, assim, considera-se que a capacidade de retenção (CMT) foi de 2,94 itens na média geral⁷. Isso parece ser adequado, inclusive, porque nas análises estatísticas, comparando as duas médias não foram identificadas diferenças significativas. Mas isso também pode ter ocorrido devido ao número reduzido de participantes, como já foi mencionado anteriormente. Assim, considera-se importante analisar os dados com certa cautela, evitando generalizações. A seguir serão discutidos os dados específicos de atenção.

Atenção

A tabela 3 apresenta as médias de tempo de reação (TR), acurácia e desvio padrão (DP), no teste de atenção.

	Congruente	Incongruente	Neutra	Geral
TR – Média	557,50	597,99	550,69	568,73
(DP)	(90,63)	(132,04)	(75,27)	(98,23)
ACC – Média	0,78	0,75	0,79	0,77
(DP)	(0,02)	(0,07)	(0,01)	(0,03)

N= 07

Conforme os dados da tabela 3, o tempo de reação na condição incongruente foi o mais lento e o que obteve a menor acurácia, diferentemente da condição neutra, cujo tempo de reação foi o menor e acurácia foi a maior. Entretanto não houve diferença significativa na comparação das médias, o que possibilita inferir que a situação de conflito, representada pela condição incongruente, é facilmente resolvida pelos participantes. Isso pode ser interpretado,

⁷ Pretende-se fazer a padronização dos escores (escore z) para novas análises mais detalhadas, o que não foi possível, antes da produção do presente artigo.

conforme Costa et. al. (2008) e Bialystok et. al. (2009), como uma vantagem que o exercício bilíngue traz ao sistema cognitivo, também devido ao alto índice de acurácia das respostas (superior à 70%). Mas é preciso cautela, porque, como já havia sido mencionado antes, não houve relevância estatística nas análises. Além disso, como não está sendo feita uma comparação com participantes monolíngues, não se pode advogar pela vantagem bilíngue.

Um dos objetivos deste estudo era verificar a existência de correlação entre o desempenho de aprendizes em tarefas de produção de fala e suas capacidades de memória de trabalho e atenção. Optou-se por estabelecer uma média geral entre os dados de atenção nas três diferentes condições, para ser utilizado nos testes de associação, tendo em vista que não houve diferença significativa entre as médias.

Conforme os testes de Correlação de Pearson, observou-se a existência de correlação entre média de acurácia no efeito de interferência semântica na condição relacionada – ISR ($M = 0,31$) e média geral de acurácia no teste de memória de trabalho ($M = 0,83$) ($r = 0,836$, $p = 0,038$), sendo que a maior acurácia nas respostas dos testes de memória de trabalho está associada à maior acurácia no efeito de interferência semântica, que previa a ativação de dois conceitos semanticamente relacionados e competiam para a seleção. Parece que, de alguma forma, a memória de trabalho contribui para a rapidez da latência de nomeação e acurácia da resposta nesse contexto de efeito. Outra associação foi observada entre a média de acurácia ($M = 0,77$) e de tempo de reação ($M = 0,77$) no teste ANT ($r = -0,968$, $p = 0,000$), sendo que as maiores médias de tempo de reação (ou seja lenta latência de nomeação) estão associadas a menores escores de acurácia. Isso parece mostrar que o nível de atenção compromete tanto o tempo de reação como a acurácia das respostas

Também foi identificada correlação entre a média geral de acurácia no ANT ($M = 0,77$) e tempo de reação no efeito de identidade na condição relacionada – IIR ($M = 1122,35$) ($r = -0,823$, $p = 0,023$), sendo que os tempos de reação maiores estão associados a menor acurácia das respostas. Cabe lembrar que nesse tipo de efeito a palavra distratora era a tradução do nome do desenho na L2, ou seja, havia maior similaridade entre L1 e L2, pois palavra e desenho compartilhavam o mesmo conceito e na maioria das vezes compartilhavam traços fonológicos, mas ao que parece isso, de alguma forma sobrecarrega o sistema atencional. Costa, Santesteban & Ivanova (2006) já ressaltavam que o grau de similaridade linguística pode afetar a quantia de competição entre as línguas e a resolução de conflito. Talvez essa seja a razão para essa associação.

A última correlação observada foi entre a média geral de capacidade de memória de trabalho – CMT ($M = 2,94$) e média de acurácia no efeito de facilitação

fonológica/ortográfica na condição relacionada – FFOR ($M = 0,37$) ($r = 0,898$, $p = 0,006$), sendo que as maiores médias de retenção de informação (CMT) estão relacionadas com os maiores índices de acurácia no efeito de facilitação. Nessa condição, a palavra distratora na L1 compartilha traços fonológico/ortográficos com o nome do desenho na L2 e a maior rapidez de nomeação está relacionada com a facilitação da ativação da palavra na L2, a partir da palavra na L1. Essa situação de conflito parece depender da capacidade de retenção da memória de trabalho, pois a retenção de segmentos compartilhados parece facilitar a busca pela palavra-alvo na L2.

Considerações finais

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivos verificar se havia associação entre capacidade de memória de trabalho, atenção e desempenho de aprendizes em tarefa de produção de fala em L2, bem como analisar o papel dos mecanismos atencionais e capacidade da memória de trabalho na produção de fala bilíngue. Para isso, foram realizados testes com falantes de português, aprendizes de espanhol como L2.

As análises preliminares de correlação apontaram a existência de associação entre as médias de acurácia de memória de trabalho (CMT) e efeito de interferência semântica (ISR); entre acurácia de atenção (ANT) e tempo de reação de atenção (ANT); entre acurácia de atenção (ANT) e efeito de interferência de identidade (IIR); e entre acurácia no efeito de facilitação fonológica (FFOR) e capacidade de retenção de informação na memória de trabalho (CMT).

Esses resultados são indício de que tais construtos cognitivos desempenham papel importante na produção de fala em L2, mas ainda é preciso fazer uma análise mais detalhada. Além disso, as conclusões devem ser relativizadas, devido ao número reduzido de participantes. Tais limitações podem servir de motivação para a realização de mais pesquisas, nessa perspectiva.

Referências

BADDELEY, A; ANDERSON, M. C.; EYSENCK, M. W. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BADDELEY, A. D. Is working memory still working? **European psychologist**. V. 7, (2). 2002, p. 85–97.

BERGSLEITHNER, J. M. Atenção e memória de trabalho na produção oral em L2. In: BERGSLEITHNER, J. M.; WEISSHEIMER, J.; MOTA, M. B. (orgs.) **Produção oral em LE: múltiplas perspectivas**. Campinas: Pontes, 2011, p. 21-46.

COSTA, A.; HERNÁNDEZ, M.; SEBASTIÁN-GALLÉS, N. Bilingualism aids conflict resolution: evidence from the ANT task. **Cognition**. V. 106. Elsevier Science B.V. 2008. p. 59-86.

COSTA, A. Speech Production in Bilinguals. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, W. C. (Ed.). **The Handbook of bilingualism**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006, p. 201-223.

COSTA, A.; SANTESTEBAN, M.; IVANOVA, I.. How do highly proficient bilinguals control their lexicalization process? Inhibitory and language-specific selection mechanisms are both functional. **Journal of Experimental Psychology: learning, memory and cognition**, v.32, (5). American Psychological Association. 2006, p.1057-1074.

COSTA, A. Lexical Access in Bilingual Production. In: KROLL, J. F. DE GROOT, A. M.B. (Ed.). **Handbook of bilingualism: Psycholinguistic Approaches**. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 308-325.

COSTA, A.; CARAMAZZA, A. Is lexical selection in bilingual speech production languagespecific? Further evidence from Spanish-English and English-Spanish bilinguals. **Bilingualism: Language and Cognition**. 2, (3). Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 231-244.

COSTA, A.; MIOZZO, M.; CARAMAZZA, A. Lexical selection in bilinguals: Do words in the bilingual's two lexicons compete for selection? **Journal of Memory and Language**. 41. 1999, p. 365-397.

CRAIK, F. I.M.; BIALYSTOK, E. Cognition Through the lifespan: mechanisms of change. **TRENDS in cognitive sciences**. V. 10, (3). Science direct. 2006, p. 131-138.

DE BOT, K. A bilingual production model: Levelt's speaking model adapted. **Applied Linguistics**, 13, 1992, p. 1-24.

DIAMOND, A. The early development of executive functions. In: BIALYSTOK, E.; CRAIK, F. I. M. (eds.) **Lifespan cognition: mechanisms of change**. Oxford: Nova Iorque, 2006.

FINARDI, K.; WEISSHEIMER, J.; On the relationship between working memory capacity and L2 speech development. **Signótica**, v. 20, n. 2. Goiânia: Editora da UFG, 2008. p. 367-391.

_____; BERGSLEITHNER, J.M. Relationship among individual differences in working memory capacity, noticing, and L2 speech production. **Signo**, v.32, nº 52. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, p.40-53.

HERMANS, D., BONGAERTS, T., DE BOT, K.; SCHREUDER, R. Producing words in a foreign language: can speakers prevent interference from their first language? **Bilingualism: Language and Cognition**, 1 (3), 1998, p. 213-230.

HERNÁNDEZ, M.; COSTA, A.; Fuentes, L. J.; VIVAS, A. B.; SEBASTIÁN-GALLÉS, N. The impacto f bilingualism on the executive control and orienting networks of attention. **Bilingualism: Language and Cognition**, 13 (3), 2010, p. 315-325.

KRISTENSEN, C. H. Funções executivas e envelhecimento. In: PARENTE, Maria A. de Matos et al. **Cognição e envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 97-111.

LEVELT, W. J.M.; ROELOFS, A.; MEYER, A. S. A theory of lexical access in speech production. **Behavioral and brain sciences**, 22. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 1-75.

LEVELT, W. J. M. **Speaking: From intention to articulation**. Cambridge, MA: Bradford/MIT Press. 1989.

MCLAUGHLIN, Barry. Restructuring. **Applied Linguistics**. V.11, (2). Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 113-128.

ORTIZ PREUSS, E. Acesso lexical e produção de fala bilíngue: o processo de seleção linguística. Porto Alegre: **Organon**, nº 51, 2011, p.81-101.

SKEHAN, Peter. **A cognitive approach to language learning**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

WOOD, G. M. de O.; CARVALHO, M. R. S.; ROTHE-NEVES, R.; HAASE, V. G. Validação da Bateria de Avaliação da Memória de Trabalho (BAMT-UFGM). **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 14, nº 2. Porto Alegre, 2001, p. 325-341

AVALIAÇÃO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: A PERCEPÇÃO DO MICRO E PEQUENO EMPRESARIO NO ESTADO DE GOIÁS SOBRE O VALOR DA EMPRESA ¹

Orientanda: Maira Jessika Fernandes Silva

FACE/UFG

maira.ufg@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Moisés Ferreira da Cunha

FACE/UFG

mfccunha@ig.com.br

Resumo

As micro e pequenas empresas são as maiores geradoras de renda e emprego e são de importância significativa no cenário econômico nacional, mas possuem altas taxas de mortalidade, o que ocorre geralmente, devido a má gestão. Neste sentido, a avaliação de empresas pode ajudar a determinar se a empresa está maximizando valor. Esta pesquisa teve como objetivo identificar a percepção dos micro e pequenos empresários no Estado de Goiás sobre o valor da empresa. Para isso, aplicou-se um questionário a 33 micro e pequenos empresários na região metropolitana de Goiânia. Para análise dos dados utilizou-se de análise descritiva e aplicou-se as técnicas de Análise de Correspondência (ANACOR) e de Análise de Homogeneidade (HOMALS). Conclui-se por meio dos dados obtidos que os micro e pequenos empresários, de modo geral, possuem uma noção equivocada sobre o valor da empresa se contraposto com os conceitos defendidos em pesquisas. Assim torna-se necessário maior empenho dos órgãos de apoio às micro e pequenas empresas em orientar os empresários sobre o valor da empresa a fim de melhorar o seu desempenho para criar e maximizar valor.

Palavras-chave: micro e pequenas empresas; avaliação de empresas; valor.

¹ Revisado pelo orientador.

1. INTRODUÇÃO

As micro e pequenas empresas constituem a maioria dos tipos de empresa existentes no Brasil, configuram-se como as maiores geradoras de renda e emprego e são de importância significativa no cenário econômico nacional. São empresas que contribuem para a agregação de valor a produtos e serviços do país, pois representam cerca de 20% do Produto Interno Bruto (PIB). Entretanto, são empreendimentos com altas taxas de mortalidade, principalmente em seus primeiros anos, que ocorre geralmente devido a má gestão.

Segundo o SEBRAE (2011), as empresas da região Sudeste são as que apresentam os melhores índices de sobrevivência (76,4%), seguido pelas regiões Sul (71,7%), Nordeste (69,1%), Centro-Oeste (68,3%) e Norte (66 %), assim a região Centro-Oeste encontra-se em quarto lugar em índices de sobrevivência das micro e pequenas empresas. Analisando os Estados da região Centro-Oeste, os melhores índices são no Distrito Federal (75%), em seguida Goiás (68,0%), Mato Grosso do Sul (67%) e Mato Grosso (65%), logo, Goiás está em segundo lugar na região em índice de sobrevivência.

Alguns dos fatores que interferem para a sobrevivência das micro e pequenas empresas, de acordo com Pereira e Sousa (2009) são as falhas gerenciais, fatores econômicos, despesas excessivas, falta de conhecimento de mercado, entre outras. Neste sentido, Damodaran (1997) frisa a importância da avaliação de empresas para avaliar o impacto das decisões estratégicas, financeiras e operações na consecução do objetivo principal da empresa: a maximização do valor.

Diehl (2010) define valor como “a capacidade de gerar ganho, riqueza econômica e benefícios de caixa futuros”. Os gestores das micro e pequenas empresas, a priori por sua falta de capacitação, podem não entender o real significado de valor e no que isso implica para a boa gestão e continuidade de seu negócio.

Conhecer o significado do valor da empresa é importante para o gestor, pois permite gerir bem sua empresa, ter noções sobre o seu valor no mercado e saber se ela está criando e / ou destruindo sua riqueza. Saber gerenciar direcionadores de valor que maximizam benefícios futuros pode evitar assim, a sua mortalidade.

Diante do exposto, surge a seguinte problemática: Qual a percepção dos micro e pequenos empresários no Estado de Goiás sobre o valor da empresa?

A relevância deste estudo se dá ao considerar a importância da avaliação de empresas para identificar se a empresa está ou não criando valor e maximizando a riqueza dos

acionistas. Pois, essas têm como objetivo a maximização do valor, que leva a um uso mais eficiente dos recursos (WESTON; COPELAND, 1992).

Os gestores de micro e pequenas empresas devem ser instigados a conhecer o valor da empresa por meio de indicadores para obter meios de criar valor e assim, melhorar a eficiência no uso de recursos. Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo identificar a percepção dos micro e pequenos empresários no Estado de Goiás sobre o valor da empresa.

2. PLATAFORMA TEÓRICA

2.1 As micro e pequenas empresas

No Brasil, as micro e pequenas empresas receberam tratamento diferenciado com a instituição da Lei Complementar nº 123/2006. A lei criou uma série de facilidades em termos tributários, por meio do Simples Nacional, com a unificação de tributos federais, estaduais e municipais, e também de negócios como, por exemplo, acesso ao crédito e preferência em licitações públicas.

A lei considera como microempresa aquela que possui receita bruta anual de até R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e empresa de pequeno porte aquela que possui receita bruta anual de até R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais). O Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) utiliza o número de funcionários para a classificação do porte das micro e pequenas empresas. São consideradas microempresas aquelas que possuem até nove funcionários no comércio e serviços, e até dezenove funcionários na indústria e construção. As pequenas empresas têm de dez a quarenta e nove funcionários no comércio e serviços, e de vinte a noventa e nove funcionários na indústria e construção.

As micro e pequenas empresas geralmente possuem estrutura familiar e constituem uma alternativa de ocupação para uma pequena parcela que tem condição de desenvolver seu próprio negócio e uma alternativa de emprego formal ou informal, para uma grande parcela da força de trabalho excedente, em geral, com pouca qualificação que não encontram emprego nas empresas de grande porte (IBGE, 2003).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) desenvolveu em 2003, um estudo no qual identificou as principais características de gestão das micro e pequenas empresas brasileiras. Entre elas estão: baixa intensidade de capital, altas taxas de natalidade e de mortalidade; forte presença de proprietários, sócios e membros da família como mão-de-

obra ocupada nos negócios; poder decisório centralizado; estreito vínculo entre os proprietários e as empresas, não se distinguindo, principalmente em termos contábeis e financeiros, pessoa física e jurídica; registros contábeis pouco adequados; maior dificuldade de acesso ao financiamento de capital de giro, entre outras.

Similarmente, Cavalcante (2010) aponta para o pequeno empreendedor como alguém que possui a influência da baixa escolaridade; pouco contato com as novas tecnologias; pequena quantidade de recursos; administração familiar; cultura de “investimentos no patrimônio”, destinando seus lucros na acumulação de capital físico.

Russo (2002) enfatiza que a “viabilidade de uma empresa está estruturada na figura do empresário - o empreendedor - pois ele é o ponto central que determinará ou não o sucesso do empreendimento”, logo, o nível de conhecimento dele pode interferir em como é feita a gestão do negócio.

2.2 O valor da empresa

Para Assaf Neto (2012) “a continuidade de um empreendimento somente se realiza quando suas decisões financeiras se mostrarem capazes de criar valor econômico para seus acionistas”. O mesmo autor salienta como essencial na busca de valor, a organização repensar o foco de sua atividade empresarial, reestruturar seu lado operacional e estabelecer estratégias.

“Maximizar a riqueza ou o patrimônio dos acionistas significa maximizar a diferença entre o valor da empresa e o capital que os acionistas nela investiram” (PEREZ e MARTINS, 2005). Conforme Assaf Neto (2010) a estrutura de capital de uma empresa é dividida em capital próprio, sendo este os recursos dos acionistas, e capital de terceiros, recursos através de outras entidades.

Entretanto, Assaf Neto (1997) explica que “o valor de uma empresa independe da forma como ela é financiada”. Isto porque “sua riqueza é mensurada pela qualidade de seus investimentos, obtida pela relação de equilíbrio entre retorno e risco esperados” Desta forma, o mesmo autor define a taxa de atratividade da empresa como o custo de suas fontes de recursos. Esta tem seu percentual estabelecido independente da estrutura de capital apresentada, mantendo-se inalterada em todos os níveis de endividamento.

O valor de uma empresa é o valor presente de seus fluxos de caixa previstos ao longo de sua vida, medido pelo montante de recursos financeiros que será gerado no futuro pelo negócio (DAMODARAN, 2002; MARTELANC, PASIN E CAVALCANTE, 2005;

TOLEDO FILHO, OLIVEIRA E ESPESSATTO, 2010). Este pode ser definido através de um dos modelos de avaliação de empresas (MULLER; TELO, 2003). Porém, não existe um único valor para se avaliar uma empresa, ele será determinado a fim de atingir um propósito específico analisando as perspectivas dos interessados (LIMA et al., 2010).

De acordo com Perez e Martins (2005) o valor é uma medida completa para análise de desempenho da empresa, pois considera em seus cálculos a geração operacional de caixa potencial (futura) da empresa, a taxa de atratividade dos proprietários de capital e o risco associado ao investimento.

3. METODOLOGIA

Na abordagem do problema utilizou-se de pesquisa quantitativa e qualitativa. A amostra compõe-se de 33 micro e pequenas empresas da região metropolitana de Goiânia que se dispuseram a contribuir para a pesquisa, estas são de diversos setores e atividades.

Utilizou-se para coleta dos dados um questionário confeccionado, composto de 12 assertivas, entre elas objetivas e subjetivas. O questionário foi aplicado pessoalmente e via e-mail, aos proprietários das empresas durante os meses de maio a julho de 2013.

Inicialmente, fez-se um pré-teste com três proprietários de micro e pequenas empresas e constatou-se que algumas questões subjetivas não estavam dentro da compreensão destes, portanto, foram adaptadas como questões objetivas, com a possibilidade de acréscimos de respostas subjetivas.

Após a aplicação dos questionários, procedeu-se a tabulação dos dados no programa de computadores Excel. Em seguida submeteu-se a análise dos dados com o auxílio do programa SPSS.

Para análise dos dados, realizou-se análise de estatística descritiva. Posteriormente, utilizou-se das técnicas de Análise de Correspondência (ANACOR) e Análise de Homogeneidade (HOMALS) que investigam a relação de interdependência entre variáveis qualitativas.

A ANACOR estuda o comportamento de apenas duas variáveis, enquanto a HOMALS estuda diversas variáveis simultaneamente. (FAVERO *et al.*, 2009). Para utilizar a ANACOR e a HOMALS deve-se aplicar o teste Qui-quadrado e rejeitar a hipótese nula. Este teste possui a hipótese nula de não associação entre as variáveis, portanto, para aplicação das referidas técnicas o teste deve ser rejeitado, indicando a relação de dependência entre as variáveis

(FAVERO *et al.*, 2009). Na aplicação do teste Qui-quadrado, a hipótese nula foi rejeitada a um nível de significância de 5%.

4. RESULTADOS

4.1 Análise descritiva

Conforme pode ser observado na Tabela 1, dentre os respondentes da pesquisa, a maioria possui o ensino médio (45,5%) e os que possuem o ensino superior completo representam 15,2%.

Quanto às características das empresas em que estes são proprietários, o comércio é o setor de atuação de 60,6%, o de serviços 24,2%, e 15,2% atua em setor misto. O tempo de mercado da maioria das empresas é mais de 10 anos (45,5%), seguido por 1 a 5 anos (27,3%) e 5 a 10 anos (24,2%). Portanto, já atuam há um tempo no mercado. Em relação ao porte, 60,6% são microempresas e 39,4% são pequenas.

Tabela 1: Escolaridade dos proprietários e caracterização das empresas.

		Frequência	%
ESCOLARIDADE	fundamental completo	2	6,1
	médio incompleto	4	12,1
	médio completo	15	45,5
	superior incompleto	4	12,1
	superior completo	5	15,2
	pós-graduação	3	9,1
SETOR	comércio	20	60,6
	serviço	8	24,2
	misto	5	15,2
TEMPO DE MERCADO	mais de 10 anos	15	45,5
	5-10 anos	8	24,2
	1-5 anos	9	27,3
	1 ano ou menos	1	3,0
PORTE	micro	20	60,6
	pequena	13	39,4
Total		33	100,0

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 2, encontram-se as assertivas sobre o controle financeiro da empresa. Pode-se inferir que, dentre os respondentes, a maioria destes (72,7%) possui um retorno mínimo requerido pelo investimento na empresa. Para os que afirmaram isto, perguntou-se sobre o percentual deste retorno, a média foi de 25,32%.

Similarmente ao exposto anterior, 70% planejam sua posição no futuro e 88% afirmaram saber que a empresa cria valor. Ainda, 67% afirmaram possuir uma gestão sobre o fluxo de caixa da empresa, para estes perguntou-se como é realizado este controle, sendo as respostas subjetivas, estas se encontram na Tabela 3. Logo, os micro e pequenos empresários possuem perspectivas em relação ao investimento feito na empresa.

Tabela 2: Questões sobre o controle financeiro da empresa.

Você tem um retorno mínimo requerido pelo seu investimento na empresa?			Você tem uma gestão (controle) sobre o fluxo de caixa da empresa?		A empresa planeja sua posição financeira no futuro?		Sabe se sua empresa cria valor, ou seja, se ela vale mais no mercado do que quando você a constituiu?	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
SIM	24	72,7	22	67	23	70	29	88
NÃO	9	27,3	11	33	10	30	4	12
Total	33	100	33	100	33	100	33	100

Fonte: Elaboração própria.

Nota-se pela Tabela 3, que 50% dos empresários realizam o controle do fluxo de caixa por meio da comparação das entradas e saídas da empresa, em geral por anotações à mão ou software de planilhas de cálculo, assim infere-se que o empresário mantém um controle razoável do fluxo de caixa da empresa, pessoalmente. Já 23% dos respondentes o controlam pelo contador e 9% possuem programa interno para este controle. Este último resultado mostra o baixo uso de programas de apoio a decisão.

Tabela 3: Controle do fluxo de caixa da empresa
Como é feito o controle de fluxo de caixa da empresa?

	Frequência	%
Contador	5	23
Entradas e saídas	11	50
Programa interno	2	9
Não responderam	4	18
Total	22	100,0

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 4, encontram-se as assertivas sobre valor e lucratividade. Percebe-se entre os respondentes o conceito de valor- “preço percebido pelo mercado e disposto a pagar”- sendo a opção de 69,7%. De acordo com Fama (1970) “os preços refletem plenamente toda a

informação disponível”, esta é influenciada pela sua disponibilidade e pelos custos de transação e interfere diretamente na eficiência do mercado (FORTI *et al*, 2009). Portanto, tal conceito pode ser utilizado ao se considerar que o mercado é eficiente. Entretanto, pesquisas (SALLES, 1991; SCHIEHL, 1996; GALDÃO E FAMÁ, 1998; BUENO, BRAGA E ALMEIDA, 2000; PEROBELLI E NESS JR, 2000; CERETTA, 2001; PROCIANOY E ANTUNES, 2001; VIEIRA E PROCIANOY, 2001; GARCIA, 2003; CAMARGOS E BARBOSA, 2003) mostram que em mercados emergentes, como o Brasil, o mercado não é tido como totalmente eficiente o que denota que o valor de mercado reflete parcialmente as informações disponíveis.

Tabela 4: Questões sobre valor e lucratividade.

Para você, qual é o conceito de valor?		
	Frequência	%
Custo do investimento	5	15,2
Preço percebido pelo mercado e disposto a pagar	23	69,7
Quantia que posso obter usando o bem	2	6,1
Quantia que consigo ao trocar o bem	1	3,0
Outro	2	6,1
Total	33	100,0
Como você estabelece o valor da sua empresa?		
	Frequência	%
Valor presente dos fluxos de caixa futuros esperados	8	24,2
Valor investido ao constituí-la	12	36,4
Valor similar ao de uma empresa concorrente	6	18,2
Outro	7	21,2
Total	33	100,0
De que modo verifica que o seu negócio é lucrativo?		
	Frequência	%
Comparando as entradas de dinheiro com as saídas	20	60,6
O que excede ao retorno requerido	2	6,1
Relação entre o lucro contábil e o investimento feito	9	27,3
Relação entre a sobra no caixa e o investimento feito	1	3,0
Outro	1	3,0
Total	33	100,0

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se ainda na Tabela 4, no que diz respeito ao modo do empresário estabelecer valor para a sua empresa, um equilíbrio entre as respostas. Porém, ao se considerar a resposta “valor investido ao constituí-la”, compreende-se que tal concepção é equivocada, pois assim,

o valor da empresa para estes não sofre alterações com o passar do tempo, ou seja, avaliam suas empresas pelo valor de custo, resultado que vai de encontro a resposta da maioria sobre “Qual é o conceito de valor”, 24,2% responderam que estabelecem o valor pelo fluxo de caixa futuro, e 18,2% pelo valor similar de outra empresa concorrente (múltiplo) . Neste sentido, admite-se o conceito de valor defendido por Damodaran, 2002; Martelanc, Pasin e Cavalcante, 2005; Toledo Filho, Oliveira e Espessatto, 2010: o valor de uma empresa é o valor presente de seus fluxos de caixa futuros.

Quanto à lucratividade, esta é verificada por 60,6% dos respondentes, comparando-se as entradas de dinheiro com as saídas, ou seja, pelo regime de caixa no qual se reconhece as despesas e as receitas somente quando há entrada ou saída de caixa. Contudo, Augustini (1999), explica que todo processo de apuração de resultado contábil e de posições patrimoniais é realizado pelo regime de competência, logo, o reconhecimento deveria ser feito de acordo com os fatos geradores.

Com o intuito de identificar a compreensão dos micro e pequenos empresários a respeito da composição da estrutura de capital da empresa, perguntou-se o percentual destinado a recursos próprios e a recursos de terceiros. Considerou-se como ‘certo’ a soma dos percentuais 100% e ‘errado’ as somas diferentes de 100%. Neste caso, 82% acertaram e 18% erraram, indicando que há entre o micro e pequeno empresário discernimento a respeito da composição da estrutura de capital.

No que concerne ao risco do negócio, questionou-se a classificação dada pelo empresário em uma escala de 0 a 100%, supondo a primeira para menor risco e a segunda para maior risco. Deste modo, obteve-se uma média de risco de 26%, pela escala pode-se considerar que na percepção dos micro e pequenos empresários os seus negócios possuem um baixo risco. Assaf Neto(2002) classifica o nível de risco em baixo, médio e alto de acordo com a estrutura financeira da empresa, entretanto, para utilizar tal classificação faz-se necessário outro estudo.

4.2 Análise de interdependência

Para analisar as relações de interdependência entre as variáveis qualitativas com as técnicas de Análise de Correspondência (ANACOR) e Análise de Homogeneidade (HOMALS), aplicou-se o teste Qui-quadrado a um nível de significância de 5%. Dentre as possíveis associações, somente as que constam na Tabela 5, rejeitaram a hipótese nula do

teste Qui-quadrado de independência das variáveis, com as quais foi possível a aplicação das técnicas citadas.

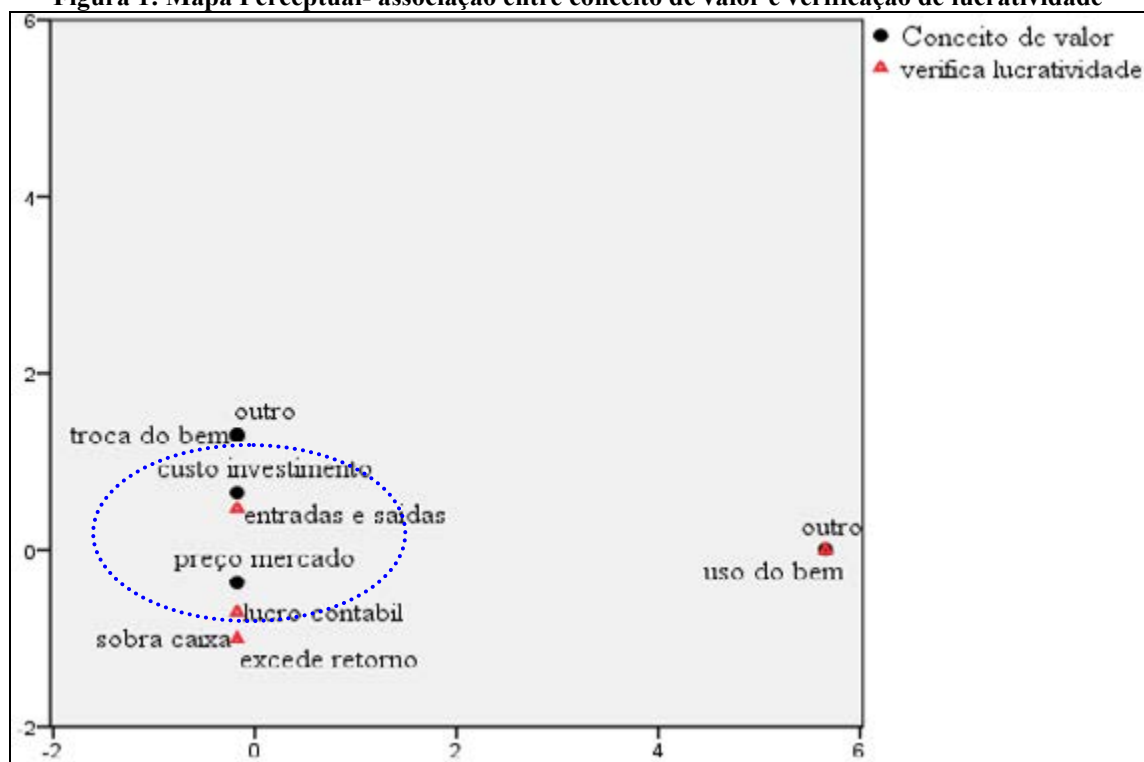
Tabela 5: Teste Qui-quadrado

	Associações aceitas	Significância	Hipótese
ANACOR	conceito de valor * verifica lucratividade	0,002	rejeita
HOMALS	estabelece valor * gestao de fluxo de caixa	0,038	rejeita
	estabelece valor * tempo de mercado	0,039	rejeita
	estabelece valor * setor	0,038	rejeita

Fonte: Elaboração própria.

Na ANACOR, associou-se o conceito de valor do empresário com o seu modo de verificar a lucratividade. Consta-se através do mapa perceptual da Figura 1 associação entre o conceito ‘custo do investimento’ e verificação de lucratividade comparando-se as ‘entradas e saídas’, conforme já exposto, o conceito é equivocado, pois avaliam a empresa a valor de custo e tal verificação é feita pelo regime de caixa, quando deveria ser feita pelo regime de competência. E o conceito de valor ‘preço percebido pelo mercado e disposto a pagar’ associa-se com a verificação de lucratividade ‘relação entre o lucro da contabilidade e o investimento feito’. Portanto, infere-se que o conceito de valor entendido pelo empresário pode interferir em como este verifica se o negócio é lucrativo.

Figura 1: Mapa Perceptual- associação entre conceito de valor e verificação de lucratividade

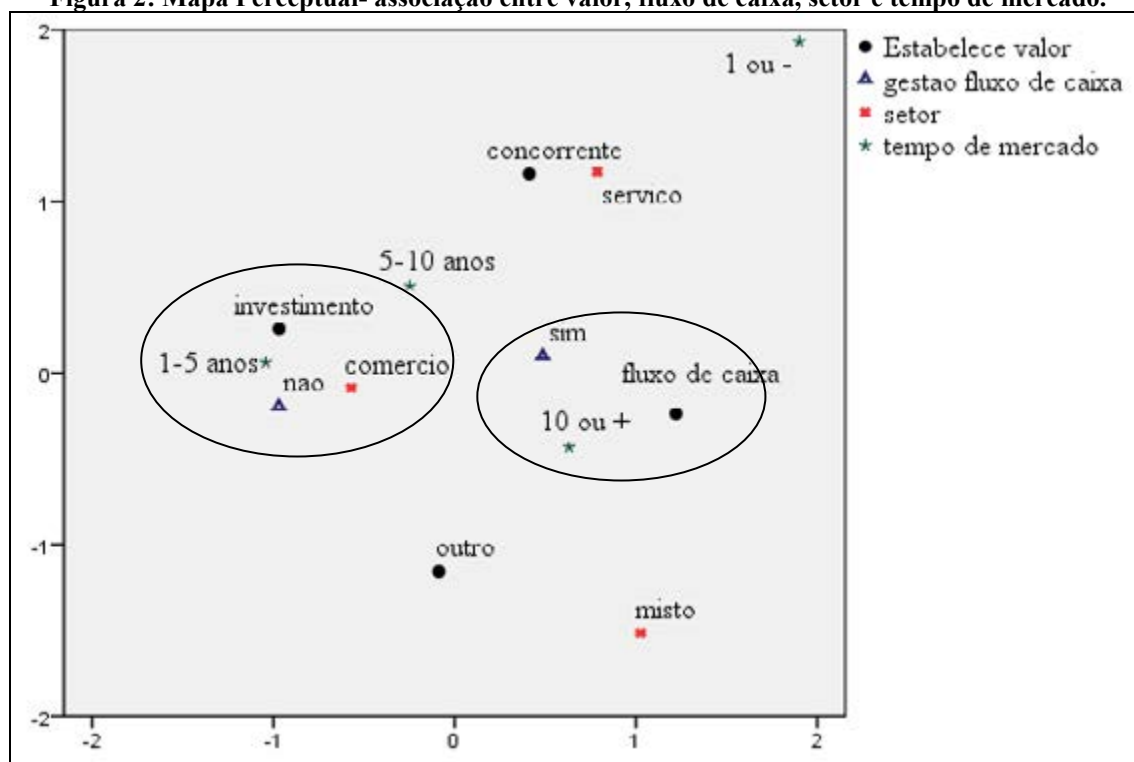


Fonte: Elaboração própria.

Na HOMALS, associou-se o modo como o empresário estabelece valor com o setor, o tempo de mercado e a afirmação de existência ou não de gestão de fluxo de caixa. Percebe-se através do mapa da Figura 2, que o empresário que possui 10 anos ou mais de tempo de mercado, possui gestão de fluxo de caixa e estabelece o valor da empresa por meio do valor presente de seus fluxos de caixa futuros (DAMODARAN, 2002; MARTELANC, PASIN E CAVALCANTE, 2005; TOLEDO FILHO, OLIVEIRA E ESPESSATTO, 2010).

Constata-se ainda na Figura 2, que o empresário que possui de 1 a 5 anos de mercado, não possui gestão de fluxo de caixa e estabelece o valor por meio do custo do investimento, tendo como setor mais próximo o do comércio. Deste modo, pode-se compreender que o tempo de mercado do empresário e a gestão do fluxo de caixa influem em sua concepção de valor.

Figura 2: Mapa Perceptual- associação entre valor, fluxo de caixa, setor e tempo de mercado.



Fonte: Elaboração própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo identificar a percepção dos micro e pequenos empresários no Estado de Goiás sobre o valor da empresa. Por meio dos dados obtidos, verificou-se para a maioria dos micro e pequenos empresários o conceito de valor 'preço

percebido pelo mercado e disposto a pagar’, tal resultado vai de encontro ao conceito defendido em pesquisas de que o valor da empresa é o valor presente de seus fluxos de caixa futuros (DAMODARAN, 2002; MARTELANC, PASIN E CAVALCANTE, 2005; TOLEDO FILHO, OLIVEIRA E ESPESSATTO, 2010). É importante ressaltar a relação do tempo de mercado e o controle de fluxo de caixa com tal conceito.

A análise possibilitou verificar a percepção dos micro e pequenos empresários em relação a alguns conceitos que envolvem o valor da empresa, entre eles retorno requerido, criação de valor, estrutura de capital, fluxo de caixa e lucratividade. Quanto à estrutura de capital, constatou-se que a maioria dos respondentes possui discernimento sobre a composição da estrutura de capital. Foi possível identificar quanto aos controles financeiros da empresa, perspectivas em relação ao investimento feito na empresa.

Portanto conclui-se que, embora os micro e pequenos empresários possuam perspectivas em relação ao negócio, a percepção destes sobre o valor da empresa precisa ser desenvolvida. Neste sentido, nota-se a necessidade de órgãos de apoio às micro e pequenas empresas, como o SEBRAE, por exemplo, de investir em cursos e palestras explicando tais conceitos.

Esta pesquisa teve como limitação a disposição e a disponibilidade dos micro e pequenos empresários em responder ao questionário, o que interferiu no tamanho da amostra. Tendo em vista isto, a amostra foi composta de apenas 33 respondentes, de modo que não se pode generalizar os resultados.

Assim sugere-se para pesquisas futuras, a ampliação da amostra de pesquisa para acrescentar os resultados apresentados. Outra sugestão seria classificar o risco do negócio das micro e pequenas empresas de acordo com Assaf Neto(2002).

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **A dinâmica das decisões financeiras**. Caderno de estudos nº 16. São Paulo. Julho/Dez, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cest/article/view/5615/7145>. Acessado em 25/06/2013.

ASSAF NETO, A. **Bases conceituais do processo de avaliação de empresas**. Disponível em: http://www.institutoassaf.com.br/downloads/ARTIGO_SITE_INSTITUTO_ASSAF_IL.pdf Acesso em: 12/07/2013)

ASSAF NETO, A. **Finanças Corporativas e Valor**. 3. Ed.– São Paulo: Atlas, 2010.

AUGUSTINI, Carlos Alberto Di. **Capital de Giro**. São Paulo: Atlas, 1999.

BRASIL. **Lei Complementar nº. 123 de 14 de dezembro de 2006**. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e Empresa de Pequeno Porte....Disponível em: <http://www.receita.fazenda.gov.br/Legislacao/LeisComplementares/2006/leicp123.htm>. Acessado em 26/12/2012.

BUENO, A. F.; BRAGA, R. F. R.; ALMEIDA, R.J. Pesquisa sobre a eficiência informacional no mercado brasileiro nos casos de fusões e aquisições. XXIV ENANPAD, **Anais...** Florianópolis: ANPAD, set. 2000. 12 p.

CAMARGOS, M.A. de; BARBOSA, F. D. **Teoria e evidência da eficiência informacional do mercado de capitais brasileiro**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 10, nº 1, janeiro/março 2003.

CAVALCANTE, E. M. C. **O planejamento de micro e pequenas empresas comerciais por meio da atuação da controladoria**. 60 fls. Monografia (Curso de Ciências Contábeis) Faculdade Lourenço Filho, Fortaleza, 2010.

CERETTA, P. S. Comportamento das variações de preço nos mercados de ações da América Latina. XXV ENANPAD, 25º, **Anais...** Campinas: ANPAD, set. 2001. 15 p.

CORRÊA, A. C. C.; MATIAS, A. B.; VICENTE, E. F. R. **Balanço Perguntado: Uma metodologia de obtenção de demonstrativos financeiros de micro e pequenas empresas**. IX Semead- Seminário de Administração FEA-USP. 2006. Disponível em: http://www.ead.fea.usp.br/Semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/52.pdf. Acesso em: 22. Fev. 2012

CUNHA, Marcos A. **O perfil da Administração Financeira das pequenas e médias empresas**. Fundação Getúlio Vargas, 2002. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=+vXH7euyrJ>. Acessado em 24/10/2012.

DAMODARAN, A. **A face oculta da avaliação**. São Paulo: Makron Books, 2002.

DAMODARAN, A. **Avaliação de investimentos: ferramentas e técnicas para determinação do valor de qualquer ativo**. Rio de Janeiro: Qualitymark. 1997.

DIEHL, Tania Maria. **Principais métodos de avaliação de empresas: vantagens e desvantagens**. 25 fls. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Ciências Contábeis) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

FAMA, E.F. Efficient capital markets: a review of theory and empirical work. **The Journal of Finance**. Cambridge, v. XXV, p.383-417, May 1970.

FÁVERO, L. P. *et al.* **Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FORTI, C. A. B. *et al.* **Hipótese da Eficiência de Mercado: Um Estudo Exploratório no Mercado de Capitais Brasileiro**. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/947.pdf> Acessado em 17/07/2013.

GALDÃO, A.; FAMÁ, R. **Avaliação da eficiência na precificação de ações negociadas no Brasil, por teste de volatilidade.** Revista de Administração, São Paulo v 33, n. 2, p. 60-68, abril/junho, 1998.

GARCIA, G. M. **Eficiência do mercado implícito de câmbio a termo no Brasil.** 51 fls. Dissertação (Mestrado em Economia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

IBGE. **As micro e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/microempresa/microempresa2001.pdf>. Acessado em 27/07/2012.

IBGE. **Cadastro Central de Empresas.** Disponível em: [http:// www.sidra.ibge.gov.br](http://www.sidra.ibge.gov.br), acessado em 27/07/2012.

KASSAI, J; KASSAI, S. **Balanço perguntado:** uma técnica para elaborar relatórios contábeis de pequenas empresas. Área temática: A mensuração e gestão de custos para micro, pequenas e médias empresas. XI Congresso Brasileiro de Custos. Porto Seguro, Bahia. Julho, 27 a 30, 2004.

LIMA, M. V. A. et al. **Avaliação de micro e pequenas empresas utilizando a metodologia multicritério e o método do fluxo de caixa descontado.** Revista de Ciências da Administração- UFSC, v. 12, n. 26, p. 48-71, jan/abril 2010. Disponível em: <http://stat.contabilidade.periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/14079>. Acesso em: 20. Fev. 2012.

MARTLANC, R; PASIN, R; CAVALCANTE, F. **Avaliação de empresas:** um guia para fusões e aquisições e gestão de valor. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

MATIAS, A.B.; LOPES JÚNIOR, F. **Administração financeira nas empresas de pequeno porte.** – São Paulo: Manole, 2002.

MULLER, A. N.; TELO, A.R. **Modelos de avaliação de empresas.** Rev. FAE, Curitiba, v.6, n.2, p.97-112, maio/dez. 2003.

PEREIRA, Rodrigo C.M; SOUSA, Priscila A. **Fatores de mortalidade de micro e pequenas empresas: um estudo sobre o setor de serviços.** SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2009. Disponível em: http://www.aedb.br/seget/artigos09/195_Mortalidade_nas_MPEs.pdf. Acessado em: 16/04/13.

PEREZ, M. M.; MARTINS, R. C. S. Decifrando a geração de valor ao acionista. IN: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. **Anais...** Brasília: ANPAD, 2005. Disponível: http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2005/FIC/FICD2817.pdf Acessado: 24/07/2013.

PEROBELLI, F. F. C.; NESS Jr., W. Reações do mercado acionário a variações inesperadas nos lucros das empresas: um estudo sobre a eficiência informacional no mercado brasileiro. XXIV ENANPAD, 24º, **Anais...** Florianópolis: ANPAD, set. 2000. 15 p.

PROCIANOY, J. L.; ANTUNES, M. A. Os efeitos das decisões de investimento das firmas sobre os preços de suas ações no mercado de capitais. XXV ENANPAD, 25º, **Anais...** Campinas: ANPAD, set. 2001. 15 p.

RUSSO, D. R. **Problemas das micro e pequenas empresas – Um estudo junto aos clientes do Balcão SEBRAE- Sede/ Porto Alegre.** 116 fls. Dissertação de mestrado (Curso de Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SALLES, A. A. Eficiência informacional do mercado futuro do Ibovespa. XV ENANPAD, 15º, **Anais...** Salvador: ANPAD, p. 151-164, set.1991.

SCHIEHLL, E. O efeito da divulgação das demonstrações contábeis no mercado de capitais brasileiro: um estudo sobre a variação no preço das ações. XX ENANPAD, 20º, **Anais...** Angra dos Reis: ANPAD, p. 289-303, set. 1996.

SEBRAE. **Taxa de sobrevivência das empresas no Brasil. 2011.** Disponível em: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/45465B1C66A6772D832579300051816C/\\$File/NT00046582.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/45465B1C66A6772D832579300051816C/$File/NT00046582.pdf), acessado em 27/07/2012.

TOLEDO FILHO, J. R.; OLIVEIRA, E.L.; SPESSATTO. G. **Fluxo de caixa como instrumento de controle gerencial para tomada de decisão: um estudo realizado em microempresas.** Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online), Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 75 - p. 88, maio/ago., 2010

VIEIRA, K. M.; PROCIANOY, J. L. Reação dos investidores a bonificações: um estudo em países da América Latina. XXV ENANPAD,25º, **Anais...** Campinas: ANPAD, set. 2001. 10p.

WESTON, J. F; COPELAND, T. E. **Managerial Finance.** 9. ed. Florida: Dryden Press, 1992.

STREPTOCOCCUS spp. EM FARINGOTONSILITE AGUDA RECORRENTE:
FREQUÊNCIA E PERFIL DE SUSCEPTIBILIDADE A ANTIMICROBIANOS

Marcos Túlio da Silva¹, Débora Fontoura Rodrigues², Nayara Christina Rita Leandro³,
Maria Cláudia Dantas Porfírio Borges André⁴, Carla Afonso da Silva Bitencourt Braga⁴

Orientando: Marcos Túlio da Silva, mts_2211@hotmail.com

Orientadora: Prof^a Carla Afonso da Silva Bitencourt Braga, carlaafonso@bol.com.br

1. Bolsista PIVIC 2012-2013. Acadêmico do curso de Farmácia/UFG. 2. Acadêmica do curso de Medicina/UFG.

3. Acadêmica do curso de Biomedicina/UFG. 4. Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública/UFG.

RESUMO

Muito frequente em crianças e sem distinção pelo sexo, as infecções das vias aéreas superiores causam vários quadros de infecção por ano, sendo a mais comum a faringotonsilite. Determinar a frequência e o perfil de susceptibilidade a antimicrobianos de bactérias do gênero *Streptococcus* em faringotonsilite aguda recorrente. Estudo epidemiológico descritivo, onde foram coletadas tonsilas de 122 pacientes com média de idade de 11,30 anos, sendo 66 do sexo masculino e 56 do sexo feminino, com histórico de faringotonsilite aguda recorrente associada à hipertrofia tonsilar, submetidos à tonsilectomia em um Hospital Escola. Após isolamento e identificação bacteriana, testes de antibiograma foram realizados para determinar o perfil de susceptibilidade a antimicrobianos. Foram isoladas e identificadas 151 bactérias pertencentes ao gênero *Streptococcus*. Destas, 62 (41,06%) foram *Streptococcus* grupo *viridans* não hemolítico, 59 (39,07%) *Streptococcus* grupo *viridans* α -hemolítico, 11 (7,30%) *Streptococcus* do grupo CFG, 8 (5,30%) *Streptococcus* spp. β -hemolítico, 7 (4,63%) eram *Streptococcus* spp. não hemolítico, 2 (1,32%) *Streptococcus* spp. grupo α -hemolítico e 2 (1,32%) *Streptococcus* do grupo A. Observou-se nos testes de antibiograma resistência a vários antibióticos. É importante o monitoramento da microbiota que coloniza a orofaringe, visto que tem se tornado resistente aos medicamentos mais utilizados no tratamento das faringotonsilites, o que pode contribuir com os processos de recidiva.

Palavras-chave: Microbiota. Tonsilas. Antibióticos.

Revisado pelo orientador

INTRODUÇÃO

As tonsilas palatinas (amígdalas) são órgãos reativos linfoepiteliais que são considerados o primeiro lugar de contato com uma variedade de substâncias antigênicas presentes no ar e alimentos. As tonsilas estão localizadas na orofaringe e durante as recorrentes infecções neste local sua imunidade humoral e celular é alterada (CVETKOVICET al., 2009).

A alta exposição aos alérgenos e poluentes, com que a população está em contato, proporciona o aumento da incidência de infecções das vias aérea superiores (IVAS), sendo predominantemente faringites e tonsilites (DUARTE et.al, 2007).

Entretanto, quanto à denominação correta para faringite e tonsilite, acredita-se que o termo faringotonsilite seja o mais adequado para o quadro clínico, pois dificilmente o paciente terá tonsilite isoladamente, visto que na faringe há cordões laterais com o mesmo tipo de tecido que compõe o anel linfático de Waldeyer, constituído pelas tonsilas faríngea, palatina e lingual (SCHWARTZ, 2001).

Mais comum em crianças e sem distinção pelo sexo, as IVAS podem acarretar de 10 a 12 quadros de infecções por ano, motivando os pais a buscarem consultas médicas (BRICKS, 1996; ELSHERIF;KAESEMULLAH, 1999; WILSON et al., 1999; AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, 2003; SCHINDLER et al., 2003; SIH;CLEMENT, 2005; BERNADE et al., 2010).

Na prática clínica avalia-se subjetivamente a hipertrofia das tonsilas palatinas de acordo com o esquema proposto por Brodsky (1989), e são classificadas de 0 a 4+ dependendo do grau de obstrução da orofaringe. Considera-se como Grau 0 tonsilas situadas na fossa tonsilar, sem causar obstrução da orofaringe; Grau 1+ tonsilas situadas levemente fora da fossa tonsilar, com menos de 25% de obstrução da orofaringe; Grau 2+ tonsilas prontamente visíveis causando 25 a 50% de obstrução da orofaringe; Grau 3+ tonsilas obstruindo 50 a 75% da orofaringe; Grau 4+ tonsilas causando mais de 75% de obstrução da orofaringe.

A hipertrofia é o aumento quantitativo dos constituintes e das funções celulares, o que provoca aumento das células e órgãos afetados (BOGLIOLO, 2006).

Do ponto de vista clínico e levando-se em consideração o tempo de evolução, a infecção pode ser classificada em aguda, aguda recorrente e crônica (BERNADE et al., 2010).

A faringotonsilite aguda é definida como uma infecção que é causada por vírus ou bactéria, e ocorre como episódio único. Dentre as causadas por bactérias merece destaque a

provocada principalmente pelo *Streptococcus pyogenes*, classificado como *Streptococcus* β -hemolítico do Grupo A (SBHGA) de Lancefield, que tem a capacidade de provocar complicações supurativas (adenite cervical; abscesso peritonsilar, retro faríngeo ou cervical) e não-supurativas (febre reumática, glomerulonefrite difusa aguda e desordens neuropsiquiátricas autoimunes) e a antibioticoterapia está indicada com o objetivo de prevenir as sequelas não-supurativas especialmente a febre reumática (BISNO et al., 2002; DISCOLO et al., 2003).

A faringotonsilite aguda recorrente é definida como a ocorrência de 4 a 7 episódios em 1 ano, 5 episódios em 2 anos consecutivos ou de 3 episódios ao ano durante 3 anos consecutivos. No caso de recorrência o agente infeccioso é diferente daquele que causou a infecção precedente, independente do intervalo entre os episódios (BYRON et al., 2006; ALMEIDA; NETO, 2008).

A faringotonsilite crônica tem como característica a infecção persistente das tonsilas, que pode advir de falhas terapêuticas ou reinfecções. Pacientes com faringotonsilite crônica apresentam halitose, irritações crônicas da orofaringe, sensação de corpo estranho e gosto ruim na boca. As tonsilas se apresentam em diversos tamanhos e frequentemente contêm copiosos detritos dentro das criptas. Como o organismo agressor em geral não é o SBHGA, a cultura estreptocócica é negativa para este micro-organismo (BERHMAN et al., 2009).

Frente à faringotonsilite aguda, os antibióticos de primeira escolha indicados para o tratamento são antibióticos β -lactâmicos, como a penicilina benzatina (via intramuscular, dose única) ou amoxicilina (via oral, de duas a três vezes por dia, durante dez dias). Quando há falha terapêutica ou recorrência, o tratamento se dá com o uso de amoxicilina associada ao ácido clavulânico, por dez dias, ou ainda pode-se fazer uso de uma cefalosporina de segunda geração, cinco a dez dias (WECKX; SAKANO, 2003).

Embora haja avanços na terapia medicamentosa, quando há insucesso terapêutico a tonsilectomia (remoção cirúrgica das tonsilas) continua sendo base do tratamento para as faringotonsilites recorrentes (associadas ou não à hipertrofia) e crônicas (DARROW; SIEMENS, 2002; PITREZ; PITREZ, 2003; SEBUSIANI et al. 2003; RAMOS et al. 2004).

Existem várias causas para a falha terapêutica ou a recorrência da faringotonsilite como a presença de micro-organismos produtores de β -lactamase (enzima inativadora de antibióticos β -lactâmicos); internalização bacteriana; dosagem, duração da terapia ou escolha do antibiótico de forma inadequada; não adesão do paciente ao tratamento; reinfecção; estado

de portador assintomático; alterações da microbiota loco-regional (WANNAMAKER, 1980; BROOK, 2001).

Na orofaringe existe um equilíbrio complexo entre os agentes patogênicos, incluindo o SBHGA, bem como o *Haemophilus*, *Moraxella* e *Streptococcus pneumoniae* e a microbiota normal que, segundo Gaffney et al. (1993), é representada principalmente por *Haemophilus* spp., *Streptococcus* spp., *Staphylococcus* spp. e *Neisseria* spp.

A microbiota normal interfere na invasão e posterior colonização e infecção por patógenos, através de vários mecanismos, dentre estes incluem a competição por substâncias nutritivas e produção de bacteriocinas (BROOK, 2001).

Os micro-organismos da microbiota normal desempenham um papel homeostático, colonizando as tonsilas em número suficiente impedindo a invasão, a colonização e infecção pelo SBHGA (BROOK, 2001).

Entretanto, alguns desses micro-organismos que colonizam a orofaringe são capazes de produzir β -lactamase. Em indivíduos que não fizeram o uso recente de antimicrobianos, bactérias produtoras de β -lactamase não são encontradas. No entanto, a exposição a antibióticos, em geral β -lactâmicos, administrados terapêutica ou profilaticamente, pode selecionar bactérias produtoras dessa enzima na orofaringe dos indivíduos tratados, o que pode levar a falhas no tratamento com penicilina, o que dificultaria tanto a erradicação do SBHGA quanto o tratamento das infecções (BROOK, 1988; PICHICHERO, 1998).

Embora o SBHGA seja ainda considerado sensível à penicilina, uma das grandes preocupações em relação às infecções bacterianas de vias aéreas superiores é a mudança na susceptibilidade aos antimicrobianos clássicos apresentados por vários outros micro-organismos na microbiota normal da orofaringe (COSTA et al., 2003).

Portanto, este trabalho teve por objetivo determinar a frequência e os tipos de *Streptococcus* spp. isolados de pacientes com faringotonsilite aguda recorrente submetidos a tonsilectomia, bem como verificar o perfil de susceptibilidade a antimicrobianos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Aspectos éticos da pesquisa

Este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (HC/UFG), sob o número de protocolo CEP/HC/UFG: 071/2011. Também foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para

todos os pacientes para a permissão de participação na pesquisa. Os dados foram obtidos a partir do TCLE e de prontuários desses pacientes.

Amostragem

A coleta de material ocorreu de acordo com a demanda espontânea de tonsilectomias do Setor de Clínica Cirúrgica do Hospital Escola, no período de março de 2010 a abril de 2012, tendo sido coletadas amostras de 122 indivíduos. Os pacientes tinham histórico de faringotonsilite aguda recorrente e /ou hipertrofia, em que o recurso indicado para o tratamento foi a tonsilectomia. Após o procedimento cirúrgico, dois fragmentos de tonsilas, um do lado direito e outro do esquerdo, foram colocados em recipiente esterilizado e enviados rapidamente ao Laboratório de Bacteriologia Médica do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da UFG, onde foram processados.

Processamento do espécime clínico

Inicialmente as tonsilas foram pesadas para se estimar o peso das mesmas. Estas então foram transferidas para uma embalagem plástica esterilizada, na qual foi acrescida água peptonada tamponada a 0,1%, na proporção de 1/10, resultando na diluição 10^1 (Winn Jr. et al., 2008).

Posteriormente, o recipiente foi homogeneizado em *stomacher* por dois minutos, do qual foi retirada uma alíquota de 0,5 mL, sendo esta transferida para tubo contendo 4,5 mL de água peptonada, o que resultou na diluição 10^{-2} . Este tubo foi homogeneizado por 10 vezes e outra alíquota de 0,5 mL foi retirada e transferida para outro tubo contendo 4,5 mL da mesma solução (diluição 10^{-3}) e assim sucessivamente, até a diluição 10^{-5} (Winn Jr. et al., 2008).

Após este processo, 0,1 mL de cada diluição foi transferido para placa de Petri contendo ágar TSA (*Trypticase Soy Agar*), acrescido de 5% de sangue desfibrinado de cavalo (ágar sangue). Feita a semeadura, as placas foram incubadas em microaerofilia, a 37°C por 72 horas (WINN JR. et al., 2008).

Isolamento bacteriano

As placas foram visualizadas e a diluição que permitiu o crescimento de colônias isoladas foi escolhida para a caracterização morfocolonial, classificação do tipo de hemólise, quando presente, e isolamento em ágar sangue, o qual foi incubado a 37°C por 24 a 72 horas em microaerofilia (WINN JR. et al., 2008).

Identificação bacteriana

Posteriormente, foi realizada a coloração de Gram para caracterização morfológica e teste para verificação da produção de catalase, a qual foi obtida colocando-se uma parte da amostra bacteriana em contato com o peróxido de hidrogênio. O *Streptococcus* é uma bactéria em forma de cocos, Gram positiva e Catalase negativa (WINN JR. et al., 2008).

Com a obtenção destes dados e segundo metodologia proposta por Winn Jr. et al. (2008), os seguintes testes foram realizados: crescimento em ágar bile-esculina, hidrólise de esculina e verificação da presença de resistência ou sensibilidade aos antibióticos sulfametoxazol-trimetoprim, bacitracina e optoquina.

Os testes de resistência aos antibióticos sulfametoxazol-trimetoprim, bacitracina e optoquina foram realizados diluindo-se as amostras em dois mililitros de solução salina a 0,9%, até que adquirissem uma turbidez equivalente a 0,5 na escala de Mac-Farland. Com o uso de swab esterilizado a solução salina foi semeada em placas de Petri contendo Ágar Müller-Hinton, acrescido de 5% de sangue desfibrinado de cavalo e, em seguida, incubadas a 37° C por 48h. Após o crescimento, os halos foram medidos em mm e os dados registrados (WINN JR. et al., 2008).

Susceptibilidade a antimicrobianos

O teste de susceptibilidade a antimicrobianos e a interpretação dos resultados foi feita de acordo com o CLSI (Clinical Laboratory Standards Institute, 2012) e BSAC (British Society for Antimicrobial Chemotherapy, 2011), também levou-se em conta àqueles prescritos na rotina clínica do HC/UFG. Para os *Streptococcus* spp. α -hemolíticos foram testados os seguintes antibióticos: penicilina, ceftriaxona, eritromicina, vancomicina e amoxicilina. Para os *Streptococcus* spp. β -hemolíticos, penicilina, ceftriaxona, eritromicina, clindamicina, quinupristin/dalfopristin, linezolida, amoxicilina, amoxicilina + ácido clavulânico e vancomicina.

Para a realização do teste, a cultura bacteriana foi suspensa em solução salina a 0,9% em turbidez de 0,5 na escala de MacFarland. Então, com auxílio de swab, a amostra foi semeada em Ágar Müller-Hinton suplementado com 5% de sangue desfibrinado de cavalo (WINN JR. et al., 2008).

Após semeadura, discos impregnados com os antibióticos supracitados foram depositados sobre o ágar. As placas foram então incubadas em microaerofilia a 37°C por 48 horas em estufa bacteriológica, segundo metodologia de WINN JR. et al. (2008).

Após o período de incubação, as placas foram examinadas e a leitura dos halos foi realizada com auxílio de régua e os resultados comparados com uma tabela padronizada CLSI (2012) e BSAC (2011). Para análise estatística descritiva e tratamento dos dados obtidos foi utilizado o software PASW Statistics 18.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente trabalho, foram coletadas e avaliadas tonsilas de 122 pacientes submetidos à tonsilectomia. A média de idade dos pacientes atendidos foi de 11,30 anos, sendo que 77,87% (95) se concentraram na faixa etária considerada pediátrica, de 3 a 14 anos.

Um dos procedimentos cirúrgicos mais realizados na faixa etária pediátrica é a tonsilectomia. Segundo a literatura, o tecido linfático não é muito evidente na infância precoce, no entanto, evolui gradativamente com hipertrofia e hiperplasia, e alcança um maior tamanho na idade entre 2 a 5 anos (ALCÂNTARA et al., 2008).

Vários são os motivos pelos quais a faixa etária pediátrica é mais acometida por IVAS, como imunidade, desenvolvimento ativo do tecido linfóide e ambiente. Nessa faixa etária há uma maior atividade imunológica das tonsilas associada ou não às infecções agudas ou crônicas. Essa intensa atividade das tonsilas, principalmente das palatinas, apresentam características especiais, com grande quantidade de tecido linfóide em seu interior. A exposição frequente a antígenos provoca uma redução do mesmo, por conseguinte uma redução na produção de imunoglobulinas (CARLINI et al., 2006).

Brodsky et al. (1996) asseguram que há uma correlação entre as alterações na composição imunológica celular e a presença de bactérias potencialmente patogênicas frequentemente encontradas na faringotonsilite aguda recorrente.

Com relação ao sexo, 66 pacientes (54,1%) eram masculinos e 56 (45,9%) do sexo feminino. Como observado, o número de pacientes do sexo masculino foi ligeiramente superior ao do feminino, dado este também constatado na literatura (DELL'ARINGA et al, 2005). Apesar desta diferença, Bernade et al. (2010) não encontrou diferença estatística entre sexo na população avaliada.

Dos 122 pacientes, 92,62% (113) tiveram hipertrofia tonsilar e 7,38% (9) não continham dados nos prontuários. Dos 113 pacientes, 84,07% (95) tiveram hipertrofia

associada à faringotonsilite aguda recorrente, 1,77% (2) somente hipertrofia e 14,16% (16) hipertrofia, mas não constavam dados sobre recorrência. De acordo com os dados obtidos, pode-se observar que a principal causa de indicação para a realização de tonsilectomia foi à associação da faringotonsilite de repetição com hipertrofia.

Dados semelhantes também foram encontrados na literatura consultada, Vidaurre (2005) e Dell'Aringa et al., (2005) encontraram respectivamente, 83,87% e 69,6%.

Com relação ao grau dessa hipertrofia, 11 (9,73%) tiveram grau I, 20 (17,7%) grau II, 32 (28,32%) grau III, 9 (7,96%) grau IV, 36 (31,86%) graus III e IV, e 5 (4,43%) não constavam nenhuma informação sobre o grau de hipertrofia no prontuário.

Segundo Sebusiani et al. (2003), pacientes que apresentam graus III e IV estão entre os mais indicados para a realização do tratamento cirúrgico. Conforme dados da pesquisa destes autores, 85,71% dos pacientes submetidos a tonsilectomia apresentavam hipertrofia tonsilar grau III e IV. No presente trabalho 68,14% dos pacientes também tiveram hipertrofia graus III e/ou IV, dados que se assemelham aos constantes na literatura.

Segundo Brodsky et. al (1988), a hipertrofia tonsilar pode estar relacionada com a colonização da microbiota local, a qual estimularia a proliferação de elementos linfóides. Ao longo da vida, as tonsilas palatinas e faríngeas também podem sofrer alterações histopatológicas advindas de infecções de repetição (Dell'Aringa et al., 2005), as quais poderiam ocorrer por vários motivos, como a falha terapêutica. Por esse motivo, ter conhecimento da frequência de prescrição de antimicrobianos é relevante para avaliar a falha do tratamento e recorrência de infecções (Abrantes et. al, 2008).

Das 122 amostras de amígdalas coletadas foram isoladas 151 bactérias classificadas como cocos Gram positivo e catalase negativa, as quais estão descritas na tabela 1.

Tabela 1: Bactérias do gênero *Streptococcus* isoladas de tonsilas de pacientes submetidos à tonsilectomia.

Micro-organismos (<i>Streptococcus</i>) n = 151	Quantidade (%)
<i>Streptococcus viridans</i> não hemolítico	62 (41,06%)
<i>Streptococcus viridans</i> α-hemolítico	59 (39,07%)
<i>Streptococcus</i> do grupo CFG	11 (7,30%)
<i>Streptococcus</i> spp. β-hemolítico	8 (5,30%)
<i>Streptococcus</i> spp. não hemolítico	7 (4,63%)
<i>Streptococcus</i> spp. grupo α-hemolítico	2 (1,32%)
<i>Streptococcus</i> do grupo A (SBHGA)	2 (1,32%)

Pode-se notar que os *Streptococcus* do grupo *viridans* foi o mais frequente, como observado também por Bista et al. (2006) em sua pesquisa, na qual este mesmo agente apareceu como predominante nos isolados de pacientes com faringotonsilite aguda recorrente. Os autores também destacaram a importância deste micro-organismo na recorrência da infecção e o crescimento exacerbado das tonsilas, visto que os mesmos fazem parte da microbiota tonsilar, o que justifica este achado.

A alta frequência de *Streptococcus* spp. encontrada nas amostras coletadas sugere a participação dos *Streptococcus* na gênese ou recidiva da faringotonsilite, seja como causa determinante ou oportunista. Porém, não se pode garantir que este agente seja o principal responsável pela patogenia da faringotonsilite aguda recorrente, visto que outros micro-organismos podem ser isolados das tonsilas.

Outro ponto importante é que o equilíbrio microecológico da orofaringe está sujeito a diversas influências exógenas multifatoriais, como o uso de antibióticos, os quais provocam alterações rápidas e radicais na microbiota normal como observado nos estudos de Brodsky e Koch (1993).

Quando a terapia com antibiótico é indicada, a penicilina benzatina e amoxicilina são os medicamentos de primeira escolha frente à faringotonsilite aguda. Quando há recorrência da infecção, a segunda opção de escolha é amoxicilina associada ao ácido clavulânico ou cefalosporina de segunda geração (WECKX; SAKANO, 2003),

No presente trabalho observou-se que na prática clínica a amoxicilina foi prescrita tanto para a infecção aguda quanto para a recorrente. Dos 122 pacientes desse estudo, 94 afirmaram o uso de algum antimicrobiano para tratar a faringotonsilite. Os antibióticos mais utilizados foram a amoxicilina, seguida da penicilina G, azitromicina e amoxicilina associada ao ácido clavulânico. Dados semelhantes foram relatados por Abrantes et. al (2008), os quais justificam o uso da amoxicilina como primeira opção por ser um antimicrobiano de amplo espectro, de administração oral e boa tolerabilidade, o que faz deste a primeira escolha para o tratamento de várias condições de atendimento na atenção primária. Segundo os autores, a penicilina G, apesar de seus inconvenientes de formulação e forma farmacêutica, é o segundo antimicrobiano mais utilizado.

Todavia, segundo Dosh et al. (2000) a grande frequência da prescrição de antimicrobianos para as IVAS, inclusive de origem viral, traz pouco ou nenhum benefício, porém contribui para a emergência e seleção de bactérias resistentes.

Nos últimos anos, a transmissão de bactérias resistentes acarretou no aumento dos casos de insucessos da antibioticoterapia notado na prática clínica, demonstrado por Brook e Yocum já em 1984, os quais observaram um aumento da incidência de faringotonsilite não responsiva à terapia convencional. Isto se justifica, pois a administração frequente de antimicrobianos pode acarretar alteração na microbiota da orofaringe, levando a seleção de cepas produtoras de β -lactamase (SCHEIFELE; FUSSEL, 1981).

Em sua pesquisa, Brook (1984) encontrou uma frequência de recorrência entre 20 a 40% nas faringotonsilites estreptocócicas depois de tratamentos convencionais com penicilina, apesar da pouca mudança no padrão de resistência dos estreptococos.

Apesar das dificuldades de se estabelecer a etiologia das infecções, é importante, sobretudo que o diagnóstico seja baseado na história e no exame físico do paciente, usando exames laboratoriais nos casos em que forem essenciais para definir o diagnóstico. Nos casos em que se faz necessária, a disponibilidade e a utilização de técnicas diagnósticas adequadas podem contribuir para o uso racional de antimicrobianos (COLGAN; POWERS, 2001).

Neste contexto, foram realizados testes de antibiograma para poder verificar o comportamento dos *Streptococcus* frente aos antimicrobianos mais prescritos pelos médicos e que constavam no CLSI (2012) e BSAC (2011). Os resultados dos testes de antibiograma para os *Streptococcus* α e β hemolíticos estão nas figuras 2 e 3.

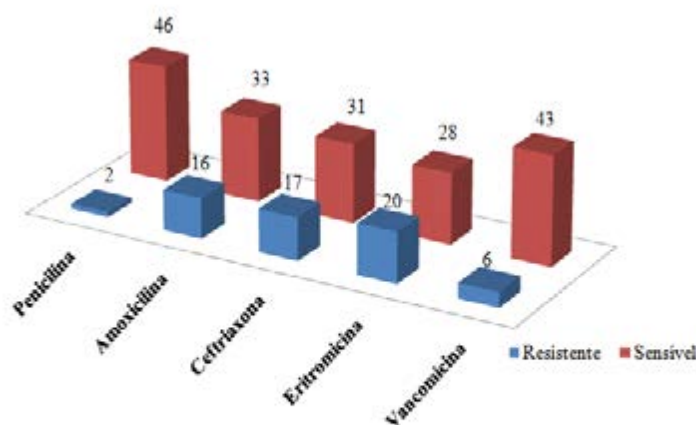


Figura 2: Perfil de susceptibilidade a antimicrobianos de *Streptococcus* α -hemolítico.

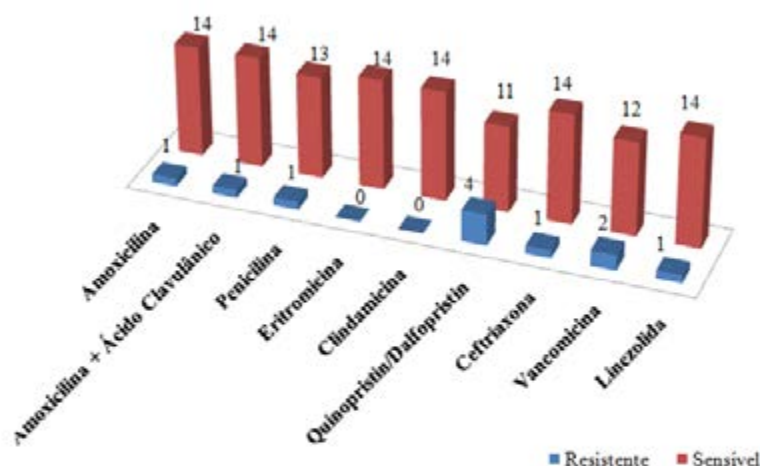


Figura 3: Perfil de susceptibilidade a antimicrobianos de *Streptococcus* β -hemolítico.

De acordo com as figuras acima, a grande maioria das amostras foi sensível aos antibióticos testados, entretanto foi detectada a presença de resistência tanto para os *Streptococcus* α quanto para os β -hemolíticos. Isso mostra que bactérias que fazem parte da microbiota normal da orofaringe estão adquirindo resistência a antimicrobianos importantes utilizados como opções terapêuticas.

Os estudos de Brook (1984) e Dedio et al. (1988), por meio da cultura do core tonsilar após tonsilectomia, demonstraram que micro-organismos produtores de β -lactamase diminuem a eficácia de β -lactâmicos pela sua inativação enzimática possibilitando a persistência da infecção. Para Pichichero (1998) a presença da enzima dificultaria ainda a erradicação do SBHGA.

Sendo assim, é provável que a microbiota que coloniza a orofaringe esteja fortemente relacionada com os quadros de infecções de repetição, falha no tratamento e até mesmo com o seu crescimento exagerado. Portanto, o conhecimento da microbiota que coloniza as tonsilas palatinas e faríngeas vem se tornando cada vez mais importante devido a sua possível participação na patogênese da faringotonsilite aguda recorrente e da hipertrofia tonsilar obstrutiva, devendo ser monitorada com maior frequência. (BRODSKY 1988; KIELMOVITCH et. al, 1989; BRODSKY; KOCH 1993).

CONCLUSÃO

O trabalho destaca que o micro-organismo a *Streptococcus* spp. pode ser relevante na gênese da faringotonsilite aguda recorrente, pois quase metade das amostras bacterianas isoladas foi composta por micro-organismos desse gênero.

Acredita-se que o monitoramento por meio do perfil de susceptibilidade a antimicrobianos da microbiota de indivíduos com ou sem histórico de infecções recorrentes ou presença de hipertrofia possa ser importante para entender os processos de recidiva.

Aliar a antibioticoterapia com exames laboratoriais e técnicas diagnósticas adequadas frente às infecções das vias aéreas superiores pode reduzir a transmissão de bactérias resistentes, o número de cirurgias e contribuir para o uso racional de antimicrobianos.

REFERÊNCIAS

1. ABRANTES, P. M.; MAGALHÃES, S. M. S.; ACÚRCIO, F. A.; SAKURAI, E. A. qualidade da prescrição de antimicrobianos em ambulatórios públicos da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, MG. **Ciênc. Saúde Colet**, v. 13, p. 711-720, 2008.
2. ALMEIDA, E. R.; NETO, L. B. Faringotonsilites Recorrentes. **VII Manual de Otorrinolaringologia Pediátrica da IAPO**, Editora e Gráfica Vida & Consciência, São Paulo, SP, Brasil, p. 71-4, 2008.
3. AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. Group A Streptococcal Infections. In: Pichering LK Ed. Red Book: 2003. Report of the Committee on Infectious Diseases. 26th ed. Elk Grove Village (IL): **Am Acad Pediatr**, p. 573-84, 2003.
4. ALCÂNTARA, L. J. L.; PEREIRA, R. G.; MIRA, J. G. S.; SOCCOL, A. T.; THOLKEN, R.; KOERNER, H. N.; MOCELLIN, M. Impacto na Qualidade de Vida nos Pacientes Adenoamigdalectomizados. **Arq Int Otorrinolaringol**, v. 12, n.2, p.172-178, 2008.
5. BEHRMAN, R. E.; Kliegman R.; JESON, H. B. NELSON: Tratado de Pediatria. 18 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
6. BERNARDE, G. E. C; WINGERT, B.; PEREIRA, G. Como diagnosticar e tratar Amigdalites: Tonsillitis. **Rev. Bras. Med**, v.67, n.10, 2010.
7. BISNO, A. L.; GERBER, M. A.; GWALTNEY, J. M.; KAPLAN, E. L.; SCHWARTZ RH. Infectious Diseases Society of America. Practice guidelines for the diagnosis and management of group A streptococcal pharyngitis. Infectious Diseases Society of America. **Clin Infect Dis**, v.35, p.113-25, 2002.
8. BISTA, M.; AMATYA, R. C. M.; BASNET, P. Tonsillar microbial flora: A comparison of infected and noninfected Tonsils. **Kathmandu Univ. Med. J**, 4(1):18-21, 2006.
9. BOGLIOLO. Patologia Geral. Geraldo Brasileiro Filho. Guanabara Koogan, 7ª edição. 2006.
10. BRODSKY, L.; MOORE, L.; STANIEVICH, J. The role of Haemophilus influenzae in the pathogenesis of tonsils hypertrophy in children. **Laryngoscope**, v. 98, p.1055-1060, 1988.

11. BRODSKY L. Modern assesment of tonsils and adenoids. *Pediatric Clinics of North America*, Philadelphia, v. 36, n. 6, p.1551-1569, 1989.
12. BRODSKY, L.; KOCH, R. J. Bacteriology and immunology of formal and diseased adenoids in children. **Arch Otolaryngo head Neck Surg**, v. 119, p.821-829, 1993.
13. BRODSKY, L. et al. The role of dendritic cells in the development of cronic tonsilar disease in children. **Acta Oto-laryngologica. Supplementum**, Oslo, v. 523, p. 98-100, 1996.
14. BRICKS, L. F. Judicious use of medication in children. *J Ped (Rio J)* 2003; Suppl 1:S107-14. Middleton DB. **Pharyngitis. Prim Car**, v. 23, p. 719-39, 1996.
15. BROOK, I. The role of β -lactamase-producing bacteria in the persistence of streptococcal tonsillar infection. **Rev Inf Disease**, v. 6, n. 5, p. 601-607, 1984.
16. BROOK, I.; YOCUM, P. Bacteriology of chronic tonsillitis in young adults. **Arch Otolaryngol**, v. 110, p.803-805, 1984.
17. BROOK, I. The role of β -lactamase producing bacteria and bacterial interference in streptococcal tonsillitis. **Int. j. antimicrob. Agents**, v. 17, p. 439–442, 2001.
18. BYRON JB, KAREN H, MD. CALHOUN, GERALD B, M.D. HEALY, HAROLD C., III, M.D. PILLSBURY, JONAS TJ, M. EUGENE TARDY, ROBERTK., M.D. **Bailey - Head & Neck Surgery** 4ª ed. Jackler, Philadelphia, Lippincott-Raven, vol III, p. 149, 2006.
19. BSAC. **British Society for Antimicrobial Chemotherapy**. 2011. Methods for Antimicrobial Susceptibility Testing. 10(2):16-19, 2011.
20. CARLINI, D.; PIGNATARI, S.; WECKX L. L. M. Doenças da Faringe. In: **Diagnóstico e Tratamentos**. Ed. Manole. Baurueri-. SP, 2006
21. CLSI. **Clinical Laboratory Standards Institute**. 2012. Performance standards for antimicrobial susceptibility testing. 16th informational supplement M100-S17. Wayne: PA, 2012.
22. COLGAN, R.; POWERS, J. H. Appropriate antimicrobial prescribing: approaches that limit antibiotic resistance. **Am Fam Phys**, v. 18, n. 15, 2001.
23. COSTA, N. F.; SANTOS, O.; LOUIS, L.; WECKX, M.; PIGNATARI, S. S. N. Estudo microbiológico do core e superfície das amígdalas palatinas em crianças portadoras de faringoamigdalites de repetição e hipertrofia adenoamigdaliana. **Rev Bras Otorrinolaringol**, v. 69, n. 2, p. 181-4, 2003.
24. CVETKOVIC, T.; VLAHOVIC, P.; TODOROVIC, M.; STANKOVIC, M. Investigation of oxidative stress in patients with chronic tonsillitis. **Auris Nasus Larynx**, (36):340-344, 2009.

25. DARROWS, D. H.; SIEMENS, C. Indications for tonsillectomy and adenoidectomy. **Laryngoscope**, v. 112, p.6-10, 2002.
26. DEDIO, R. M.; TOM, L. W. C.; MCGOWAN, K. L.; WETMORE, R. F.; HANDLER, S. D.; POTSIC, W. P. Microbiology of the tonsils and adenoids in a pediatric population. **Arch Otolaryngol Head Neck Surg**, n. 114, p. 763-765, 1988.
27. DELL'ARINGA, A. R.; JUARES, A. J. C.; MELO, C.; NARDI, C. J.; KOBARIS, K.; FILHO, R. M. P. Análise histopatológica de produtos de adenotonsilectomia de janeiro de 2001 a maio de 2003. **Rev Bras Otorrinolaringol**, v. 71, n. 1, p. 18-22, 2005.
28. DISCOLO, C. M.; DARROW, D. H.; KOLTAI, P. J. Infectious indications for tonsillectomy. **Pediatr Clin North Am**, v. 50, p. 445-58, 2003.
29. DOSH, S. A.; HICKNER, J. M.; MAINOUS, A. G.; EBELL, M. H. Predictors of antibiotic prescribing for nonspecific upper respiratory infections, acute bronchitis, and acute sinusitis. **J Fam Pract**, v. 49, p. 407-414, 2000.
30. DUARTE, H. N.; SATO, F. R. L.; MORAES, M. Pericoronarite e infecções das vias aéreas superiores: revisão. **Rev. clín. pesq. odontol.**, v. 3, n. 2, p. 125-32, 2007.
31. ELSHERIF, I.; KAESEMULLAH, C. Tonsil and adenoid surgery for upper airway obstruction in children. **ENT J**, v. 78, n.8, p. 617-20, 1999.
32. GAFFNEY, R. J.; TIMON, C. I.; FREEMAN, D. F.; WALSH, M. A.; CAFFERKEY MT. Bacteriology of tonsil and adenoid and sampling techniques of adenoidal bacteriology. **Resp Med**, v. 87, p. 303-308, 1993.
33. KIELMOVITCH, I. H.; KELETI, G.; BLUESTONE, C. D.; WALD, E. R.; GONZALEZ C. Microbiology of obstructive tonsillar hypertrophy and recurrent tonsillitis. **Arch Otolaryngol Head Neck Surg**, v. 115, p. 721-724, 1989.
34. PICHICHERO, M. E. Group A beta-hemolytic streptococcal infections. **Pediatr Rev**, v. 19, n. 9, p. 291-302, 1998.
35. PITREZ, P. M. C.; PITREZ, J. L. B. Acute upper respiratory tract infeccions – outpatient diagnosis and treatment. **J Pediatria**, S77-S86, 2003.
36. RAMOS, F. A.; FERREIRA, R. D. P.; SILVA, R. H.; PRADO, E. P. Estudo comparativo entre duas técnicas de tonsilectomia: bisturi harmônico (ultracision) e dissecação tradicional com bisturi de lâmina fria. **Rev Bras Otorrinolaringol**, São Paulo, v. 70, p. 3, p. 316-322, 2004.
37. SEBUSIANI, B. B.; PIGNATARI, S.; ARMÍNIO, G.; NETO, L. M.; STAMM, A. E. C. Hipertensão pulmonar em pacientes com hipertrofia adenoamigdaliana, **Rev Bras Otorrinolaringol**, v. 69, n. 6, p. 819-23, 2003.
38. SIH, T.; CLEMENT, P. A. R. Pediatric Nasal and Sinus Disorders. **Taylor and Francis Publishing**, Boca Raton, FL, 2005.

39. SCHINDLER, C.; KRAPPWEIS, J.; MORGENSTERN, I.; KIRCH, W. Prescriptions of systemic antibiotics for children in Germany aged between 0 and 6 years. **Pharmaco epidemiol DrugSaf**, v. 12, p. 113-120, 2003.
40. SCHEIFELE, D. W.; FUSSEL, S. J. Frequency of ampicillin resistant *Haemophilus parainfluenzae* in children. **J Infect Dis**, v. 143, p. 495-498, 1981.
41. SCHWARTZ, B. Tonsilite viral ou bacteriana? In: Sih T. Infectologia pediátrica. Rio de Janeiro: **Revinter Ed**, p.47-51, 2001.
42. VIDAURRE, A. S. Microbiologia do core das tonsilas palatinas: comparação entre a punção aspirativa por agulha fina e a biópsia do core tonsilar. 2005. 64 p. Dissertação (Mestrado em Doenças Tropicais e Infecciosas) – UEA; FMTAM, Manaus-AM, 2005.
43. WANNAMAKER, L.W. Bacterial interference and competition, Scand. **J. Infect. Dis.** Suppl. 24 (Suppl.), p. 82-85, 1980.
44. WECKX, L. L. M.; SAKANO, E. Antimicrobianos na prática clínica. **Sociedade Brasileira de Pediatria**, p. 11-12, 2003.
45. WILSON, R. P. H.; HATCHER, J.; BARTON, S.; WALLEY, T. The association of some practice characteristics with antibiotic prescribing. **Pharmaco epidemiol Drug Saf** v. 8, p. 15-21, 1999.
46. WINN JR. W.; ALLEN, S.; JANDA, W.; KONEMAN, E.; PROCOP, G.; SCHRECKENBERGER, P.; WOODS, G. **Diagnóstico Microbiológico - Texto e Atlas Colorido**, 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1565p, 2008.

O MITO DE ENÉIAS E A FORMAÇÃO DA NAÇÃO ROMANA¹

Aluna: Natasha Bastos de Sousa (CAJ/UFG natibsousa@gmail.com)

Orientadora: Dra. Fernanda Cunha Sousa (CAJ/UFG fefajf@ig.com.br)

Co-orientadora: Dra. Tatiana F. R. Zanirato (CAJ/UFG tatianapaschoa@gmail.com)

Resumo

Esse trabalho faz parte de um projeto – integrante do Programa Institucional de Iniciação Científica da UFG – que oferece ao bolsista de graduação na área das Ciências Humanas da UFG (*Campus* Jataí) maior contato com a Cultura Clássica, proporcionando ao aluno novas reflexões sobre sua cultura. O trabalho se propõe a levantar discussões sobre aspectos da cultura clássica e de suas influências para a cultura ocidental a partir da leitura dos mitos latinos presentes na *Eneida*, obra escrita pelo poeta latino Virgílio. Buscamos compreender o que faz com que esse poema ainda nos pareça tão familiar, com seus ideais de herói e de nação. Assim, pretendemos estabelecer algumas possibilidades de reflexão sobre elementos da Cultura Clássica na epopeia virgiliana, cuja narrativa está cheia de episódios que envolvem deuses, semideuses, heróis e homens comuns, a fim de compreender melhor o que chegou até nós sobre a cultura, vida e ideais romanos e como foi construída a visão que temos sobre alguns aspectos dessa sociedade.

Palavras-chave: Literatura Latina; Virgílio; Eneida; Mito.

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é proporcionar ao aluno de graduação na área das Ciências Humanas maior contato e possibilidades de adquirir reflexão sobre elementos da cultura clássica presentes na obra literária a *Eneida* de Virgílio, uma das obras formadoras da cultura ocidental. Para isso, tem sido desenvolvida uma pesquisa sobre aspectos da cultura clássica e de suas influências para a cultura ocidental a partir da leitura dos mitos latinos presentes no poema virgiliano.

A *Eneida* nos permite estudar o que os romanos defendiam como conceitos de uma nação civilizada e seus ideais de cidadão romano. Enéias, o herói do poema, representa esses ideais por possuir as virtudes que os romanos propagavam, tais como *pietas*, *dignitas*, *virtus*, *concordia*, *fides* e *mos maiorum*. Esse herói, que deu início a uma estirpe nascida para conquistar e imperar sobre outros povos, é a própria Roma.

¹ Revisado pelo orientador.

De acordo com Aristóteles, na *Poética*, a estrutura da poesia épica deve diferenciar-se daquela das narrativas históricas. Na *Eneida*, esse distanciamento da História servirá como ponto de partida para narrar o surgimento de uma nação, ou melhor, de um império, o *Imperium romanum*.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, tomamos por base os objetivos propostos: estudar mito e a cultura clássica a partir da obra literária selecionada. A bibliografia básica do projeto de pesquisa prevê ainda a leitura de teóricos dos Estudos Clássicos, Teoria da Literatura e leituras de obras dos poetas greco-romanos.

Com base na seleção de textos teóricos dos pesquisadores da área de estudos Clássicos, podemos levantar discussões sobre o tema proposto e desenvolver trabalhos contextualizando resultados dessas leituras.

RESULTADOS

Esse trabalho, que vem sendo desenvolvido em conjunto com a coordenadora e vice-coordenadora do projeto, tem se concentrado em demonstrar as discussões que surgiram a partir de leituras da *Eneida*. Partimos da noção de que a épica de Virgílio tinha um propósito próprio, que correspondia à história de um povo, à legitimação do *imperium romanum* e à justificativa da *pax romana* como missão civilizadora e de conciliação para Roma, e levantamos nossas hipóteses de leitura.

Dessa forma, trabalhamos principalmente com a compreensão de Maria H. R. Pereira (1987), segundo a qual a *Eneida* é a mais alta expressão da cultura do Século de Augusto, uma cultura que pretendia dominar e governar o mundo. Ao mesmo tempo, na *Eneida*, há um distanciamento da História, como registro, que será decisivo para divinização de Augusto, cumprindo o propósito do poeta, como nos dirá Luiz Costa Lima (2006): narrar os acontecimentos da história romana, desde a queda de Tróia até a era de Augusto.

A partir dessa discussão central, foram elaborados trabalhos para apresentações orais e publicações de artigos em diversos eventos, como: Semana de Letras do CAJ/2012,

Congresso Internacional de História CAJ/2012 e a Semana de Estudos Clássicos da UFJF/2012.

DISCUSSÃO

A época do imperador Augusto é classificada como o segundo *período clássico ou aureo da literatura latina* (LEONI, 1969, p.65), já que o primeiro seria o de César. O período anterior ao *princeps* Augusto fora um período de guerras e instabilidades políticas, protagonizado por César e Pompeu. Após a morte de César, Octávio consagra seu poder, através da derrota de Marco Antônio e de seus sucessivos triunfos em campanhas militares. Assim, o senado *concede-lhe o título de Augusto, palavra do vocabulário religioso que o singularizava acima dos homens* (PEREIRA, 1987, p.219).

O Senado chegou a celebrar, através de um escudo de ouro exposto na cúria, as qualidades do *princeps* tais como a *virtus*, *clementia*, *iustitia* e a *pietas* e Augusto inicia um longo período que ficou conhecido como *Pax Romana*:

A "pax romana" de Augusto não era uma paz baseada na inércia: era a paz obtida depois de graves lutas; era a paz unida à força: significava não tanto a segurança interna, mas também a consolidação e o engrandecimento no exterior e coincidia com o ressurgimento do espírito imperialista, com a certeza de realizar por meio do império uma missão assinalada pelo destino, missão de civilização para ser propagada e imposta aos povos (LEONI, 1969, p.65).

A missão civilizadora de Roma, a *pax romana*, foi uma das fontes inspiradoras da literatura na época de Augusto. Houve um desenvolvimento artístico e, sobretudo, a poesia – a qual o *Imperator* protegia - floresceu, e os maiores escritores de seu tempo o cercavam e o louvavam sem reservas, inclusive Virgílio.

Virgílio, ao se propor a escrever a *Eneida*, buscou um elo na figura mítica de Enéias com o presente glorioso da Roma. O poeta se apropriou do mito de Enéias para dar a este ancestral de Augusto a origem do povo romano e desenvolveu o personagem de acordo com o objetivo de engrandecer Enéias para engrandecer o povo de Roma:

A Eneida [...], é a própria exploração do mito. Quando Virgílio se dispõe a escrever a epopeia romana por excelência - aquela que colocaria Roma em nível de igualdade com a Grécia -, optou pela montagem de um verdadeiro poema-síntese, em vários níveis de elaboração, capaz de resumir imensa multiplicidade de informações (CARDOSO, 1990, p. 22).

A *Eneida* explora muitas histórias mitológicas, como nos diz a professora Zélia Cardoso, as quais os romanos conheciam por contar através delas suas origens, e por isso essas histórias ajudaram na formação da identidade romana. *Enéias*, herói troiano/latino, é descrito como um modelo de virtude, humanidade e correção e une a história desses dois povos, o troiano e o romano, legitimando o primeiro como ancestral do segundo. Virgílio foi atrás da trajetória do herói, pois, de acordo com a tradição da época, a imagem de Enéias era preservada por muitos povos que alegavam ser ele seu fundador. O herói benfeitor não é um simples mortal, pois tem antepassados importantes, não só mortais nobres, mas também deuses estão ligados à sua ascendência.

O poema latino transformou o herói de vários povos em um herói latino e, não por acaso, no mais ilustre antepassado da casa *Iulia*, a casa de Augusto, cujas qualidades eram identificadas com as de Octávio Augusto, o imperador da *pax romana*:

Virgílio usa a lenda como uma espécie de moldura para o fato histórico ou como pedestal que dá sustentação à estátua. Roma é o que importa: sua glória, majestade e grandeza. Roma é o momento presente, o pináculo, o apogeu. Para chegar a tal ponto foi preciso o percurso histórico, o escalar dos degraus. Esses degraus vão surgindo como flores, na selva intrincada formada pelo material lendário, configurados nas profecias, nas visões, nas representações pictóricas e plásticas: ora é o próprio narrador a informar o narratário sobre as futuras realizações da cidade, ora é Júpiter consolando Vênus e falando-lhe dos feitos vindouros dos romanos, ora é Anquises que apresenta a Enéias as almas das figuras ilustres de Roma ainda por nascerem, ora é Vulcano que grava no escudo de Enéias a história dos albanos e a da Cidade Eterna, mostrando que, de Ascânio a Rômulo e de Rômulo a César Augusto, os feitos são grandiosos e brilhantes, fazendo a honra da pátria (CARDOSO, 1990, p.27).

Virgílio conseguiu condensar esses mitos em uma unidade, de forma que Enéias representa os ideais que o Império Romano impunha e que precisava afirmar para si mesmo durante o período de Augusto. *Enéias* e Augusto, o mito do herói troiano e o surgimento de Roma: fatos históricos e lendas se misturam para falar do que importa: Roma. Isto faz da *Eneida* uma obra singular.

Como dissemos anteriormente, a *Eneida* tem um objetivo próprio, ao exaltar os feitos de *Enéias* e Virgílio dar-lhe um tom histórico, como nos diz Costa Lima:

a *Eneida* afasta-se por completo do caráter de *fabula* e não se contenta em se aproximar do *vero simile* assegurado ao *argumentum*, e se compõe *como se* constituísse uma linhagem de *historia* (História, uso a maiúscula para evitar

engano). Mantinha-se nas proximidades da História, resistindo a desenvolver seu reconhecimento como *factio* (COSTA LIMA, 2006, p. 214).

Costa Lima entende por *fabula* características que Quintiliano distinguia na narrativa *que não se encontra nas tragédias e nos poemas [...], não tem espécie alguma de verdade nem de relação com a verdade* (2006, p.214). Assim, Virgílio pode se distanciar de qualquer traço de ficcionalidade com intuito de infundir ao poema *seriedade política* (COSTA LIMA, 2006, p. 215) que fosse digna ao imperador.

A figura de *Enéias* vai ajudar a criar um elo entre o herói e a Roma de Augusto. O herói de Virgílio é um homem idealizado, um exemplo de moral do bom romano, *Enéias* é caracterizado como *pious*, ou seja, detentor de uma importante característica para os romanos: a *pietas*.

Enéias sou, com fama além dos astros,
Que livre de hostil garra os meus penates,
E piedoso os transporto à pátria Ausônia;
Procuro os meus do sumo rei provindos (VIRGÍLIO, 2006, p.44)

Mas devemos lembrar que *Enéias* é, acima de tudo, um homem de missão. Aristóteles, na sua *Poética*, nos diz que entende por poesia épica as que *imitam, tanto quanto possível uma única ação* (1999, p.75). Tudo o mais Aristóteles chama de episódios. A "principal ação" da *Eneida* é o fato de os troianos chegarem a Lavínia para fundar uma cidade, que estaria ligada ao povoado que mais tarde daria origem a Roma. Então, por que Virgílio se concentra na figura de *Enéias*? Diferente de outros heróis, principalmente os homéricos, *Enéias* possui uma missão muito nobre, missão dada a ele pelos próprios deuses: a fundação de uma nova estirpe que dará origem a Roma é uma missão que os deuses lhe reservaram.

[...] Poupa esse medo, Cípria; imotos jazem
Dos teus fados; nas Lavínias torres
Hás de rever-te, e alar sobre as estrelas
Teu grande Enéias. Júpiter não muda.
O herói na Itália (esta ânsia te remorde,
Vou rasgar-te os arcanos do futuro)
Guerras tem de mover e amansar povos,
E instituir cidades e costumes [...] (VIRGÍLIO, 2006, p. 42).

Então, os episódios que são narrados antes de *Enéias* cumprir sua missão e nos mostram o percurso de *Enéias* para alcançar a paz entre os povos que encontra ao chegar ao local onde se fixaria com seu povo (depois de sofrer muito para chegar a esse local ideal), e o

que percebemos mais uma vez é a figura do imperador Augusto e sua propaganda da *Pax Romana* Augusta.

E na selva o lamento amplo reboa.
Turno olha humilde, súplice ergue a destra:
"Bem mereço, é teu jus, perdão não peço;
Mas, se de pai (de Anquises te relembres)
Comove-te a velhice, a Dauno eu rogo
Me entregues, senão vivo, ao menos morto.
Venceste, e viu-me enfim a Itália toda
As palmas levantar: Lavínia é tua;
Os ódios não requintes. O acre Enéias
Pára, os olhos volve, a mão reprime:
Iam-no as preces quase enternecendo,
Quando o infeliz talim mostra ao ombro
E a cavação de cingidouro fulge,
Despojos de Palante, a quem menino
Matara Turno como leal fereza
E essa divisa infesta em si trazia.
Da cruel dor no monumento os olhos
Mal embebe, enfuriado o herói vozeia:
"Quê? tu me escaparás, dos meus compresas!...
Nesta ferida imola-te Palante,
Palante vingá-se em teu ímpio sangue." [...] (VIRGÍLIO, 2006, p. 265).

Nesse trecho, tirado do último Livro na Eneida, reconhecemos que *Enéias é pius*: o herói se mostra relativo, quase poupa seu inimigo da morte certa, mas o reconhecimento das vestes do filho de seu aliado, Palante, que foi morto por Turno, o faz ir adiante e matar seu inimigo. *Enéias não matou Turno por ser sanguinário, ou pelo furor troiano, mas por obrigação pessoal. É o influxo das leis augustanas* (MEDINA RODRIGUES, 2006, p. 18).

Na luta entre a *clementia* tantas vezes demonstrada e exaltada, a *fides* devida ao seu jovem e desditoso amigo, venceu esta última. Não esqueçamos que Enéias prefigura o povo romano, e este, como escrevera Cícero, tornara-se dono do mundo ao defender os seus aliados (PEREIRA, 1984, p. 308).

Se Enéias o matasse, não seria o herói *pio*. Este importante trecho retirado do final da *Eneida* nos mostra, mais uma vez, a maestria de Virgílio em sintetizar a piedade sendo temperada pela lei. A *clementia*, *fides* e a *pietas* fazem parte dos ideais morais e políticos dos romanos, *que contribuíram para assentar as estruturas morais e políticas que governaram o mundo durante séculos* (PEREIRA, 1987, p. 21). Assim, Virgílio nos leva de novo ao âmago da narrativa: a Roma triunfante.

CONCLUSÃO

Virgílio se propõe a narrar os feitos de Enéias, aquele que foi responsável por dar início às origens do povo romano. Esse poema épico tem aspectos históricos *nos quais a lenda se mescla com a realidade e fatos do momento atingem dimensões nitidamente épicas* (CARDOSO, 1990), pois Enéias tinha o destino de, no Lácio, dar origem a uma divina estirpe.

O poeta valeu-se das histórias que os romanos contavam sobre suas origens divinas para enaltecer Augusto César. As origens de Roma, conforme são narradas no poema, podem ser discutíveis para nós, mas na época de Augusto, essas lendas ajudaram os romanos a se manterem superiores em relação a outros povos, o que legitimava suas ações bélicas por todo o mundo conhecido: *o poema apareceria desde logo como a glorificação de Roma, da sua missão civilizadora* (PEREIRA, 1980). A grandiosidade do império romano que Virgílio conta está diretamente ligada ao destino que Enéias tem que cumprir, que chegando a *Ausônia quando funda a cidade e lhe introduz os deuses: donde a nação latina e albanos padres, e os muros vêm da sublimada Roma* (VIRGÍLIO, 2006, p. 37).

A obra, intencionalmente, é escrita para exaltar a grandiosidade do Império, através da grandiosidade de seu fundador mítico: não qualquer império, mas o Império Romano e a grandeza de Roma. A obra ajudou, portanto, a reviver valores morais considerados necessários para a cultura romana no momento em que a obra é escrita, elevando o espírito imperialista romano, unindo a lenda (assim chamada sob a nossa perspectiva) com a história em busca de um passado honrado na figura mítica do herói. Enéias é a unidade, ou seja, em um mundo onde existem os "outros", que precisam ser dominados e civilizados, Roma é a unidade, é o centro do mundo.

A *Eneida* vem corroborar essa necessidade de formação identitária, de volta às origens divinas do povo romano de forma que acaba enaltecendo a própria literatura latina, interagindo com mitos primitivos da Itália e das culturas assimiladas dos povos dominados pelo império romano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto foi renovado e a pesquisa terá continuidade até o ano de 2014. Assim, espera-se dar seguimento às discussões iniciadas, além de aprofundar os debates surgidos a partir das reuniões de orientação sobre a obra em estudo. Na etapa próxima etapa, pretendemos dar continuidade a esse estudo a partir da discussão sobre como se constrói o mito do herói na *Eneida*. Encontram-se mitos sobre heróis em várias culturas, em diferentes épocas. Esses mitos podem apresentar diferença no formato, mas o personagem geralmente assume características que representam sua cultura.

Virgílio nos apresenta um herói com características da "pax romana", que não cai nos campos de batalha levado pela ira, como Aquiles (herói grego), por exemplo, pois tem uma missão civilizadora a cumprir: levar os sobreviventes da destruição de Tróia, seu povo, e seus deuses a uma terra segura onde poderão fundar uma nova nação. Em nome dessa missão, esse herói abre mão de muitas coisas ao longo de sua jornada, como pretendemos abordar em trabalhos futuros. Assim, esse mítico herói vai dando mostras do quão digno é de ser fundador da casa Júlia e fundador do poderio romano, pois sua jornada, além de uma aventura física é psicológica, já que Enéias é perseguido pela deusa Juno, que faz de tudo para dificultar sua chegada ao Lácio. Em determinado ponto da narrativa (Canto IV), seu desejo quase se realizou quando o herói conheceu a rainha Dido. A deusa Juno, por meio do amor de Dido, chegou o mais próximo de fazer com Enéias esquecesse sua missão, seu destino, mas o herói sempre se lembra (ou é lembrado) de sua missão, que deve estar acima de si mesmo.

Esperamos, assim, dar continuidade à divulgação do projeto em andamento e incentivar outros estudantes a se interessarem não somente pela *Eneida*, mas também pelos Estudos Clássicos de maneira mais geral, através da participação em atividades acadêmicas, com apresentação de trabalhos e publicação de artigos em revistas especializadas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *O Mito em Virgílio*. In: SCHULLER, Donaldo & JOETPEMS, Miriam B. (Org.) *O Mito Ontem e Hoje*, Porto Alegre: UFRGS, 1990. Pp. 22-31.

CAVALLO, Guglielmo. FEDELI, Paolo. GIARDINA, Andrea. *O espaço literário da Roma Antiga* v.I. A produção do texto. Tradução de Daniel Peluci Carrara, Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte. Editora Tessitura. 2010.

CALVINO, Italo. *Por que ler os Clássicos*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

LEONI, G. D. *A Literatura de Roma*. Livraria Nobel S.A. 1969.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2006.

PEREIRA, M. H. R. *Estudos de História da Cultura Clássica*. II volume, Cultura Romana. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1987.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Odorico Mendes. Ateliê Editorial, 2006.

O CORPO DISCIPLINADO PELA MÍDIA: CORPO QUE COME¹**Nathanne Ciriaco Pereira**

Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí

nathanne144@hotmail.com

Orientadora: Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago

Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí

lurdinhapaniago@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como finalidade analisar as práticas discursivas de subjetivação, desenvolvidas pela Revista Men's Health, na tentativa de construir um determinado tipo de corpo masculino. Dentre os diversos vieses encontrados no conteúdo da revista, o presente artigo investiga enunciados relacionados à alimentação e analisa duas reportagens, uma do ano de 2011 "Dicas de saúde para você viver até os seus 100" e outra do ano de 2012 "Hormônio rock'n'roll", selecionadas dentre as edições analisadas (de maio de 2011 a dezembro de 2012). Como embasamento teórico, tomam-se os escritos de Michel Foucault, especialmente a relação estabelecida por ele entre poder, saber e verdade, com o objetivo de investigar as estratégias utilizadas pela revista para construir identidades.

PALAVRAS CHAVE: Análise do discurso; identidade; corpo; mídia; práticas de subjetivação; nutrição.

Conforme os estudos de Foucault (2008) pode-se afirmar que passamos pela sociedade de soberania, pela sociedade disciplinar e estamos atualmente na sociedade de controle. Em cada um desses tipos de sociedade o exercício do poder tem certas particularidades.

Na sociedade de soberania, o poder era visível e sua força residia na sua visibilidade. Ao disciplinar o homem seus objetivos estavam direcionados à arrecadação de bens e riquezas, à conservação das terras, à cobrança de taxas etc. E para exercer esse poder, a figura do soberano era fundamental, na medida em que ele se posicionava como um indivíduo superior, detentor de todo poder (FOUCAULT, 2008).

¹ Artigo revisado pela orientadora

Já na sociedade disciplinar, o poder deixa de ser centralizado e se difunde para as instituições como, a família, a escola e a igreja. Essas instituições são as responsáveis por disciplinar o corpo, os hábitos, os costumes e as práticas desse indivíduo. Assim, o poder estava em vários núcleos, distanciando-se da figura do soberano como a única possuidora do poder.

Em paralelo ao poder da sociedade disciplinar, está o poder da sociedade de controle. Na sociedade de controle, o poder continua presente nas instituições, porém, ele também está presente em todo sistema social. Os indivíduos são “vigiados” constantemente, sem saber ao certo, se estão sendo inspecionados ou não. Ou seja, o poder, na sociedade de controle, é tão pulverizado que dificilmente a pessoa sobre a qual é exercido se dá conta das práticas de disciplinamento que a cercam. Sendo assim, os sujeitos vão vivendo sob um falso discurso de saúde, liberdade e bem-estar, porque é dessa maneira que o biopoder tenta subjetivar o homem (FOUCAULT, 1999).

E com base nesse falso discurso da sociedade de controle, o indivíduo vai construído sua identidade e moldando seu corpo e comportamento. Dessa forma, é importante entender como o corpo é visto por Foucault e como esse corpo se constitui em meio às malhas do discurso.

Para Foucault, o corpo é uma massa, uma superfície transformável, composta por carne, ossos e órgãos que se configuram na matéria, no concreto e no físico. E nessa matéria perpassa as técnicas disciplinares e as relações de poder (MENDES, 2006).

Somente por meio desse corpo que o sujeito pode “vir a ser”, isto é, a construção do sujeito é realizada por meio do discurso e das relações de poder-saber, no entanto, o corpo nada mais é que a estrutura que receberá tais intervenções do processo de subjetivação (MENDES, 2006).

O corpo passa a ser visto como uma matéria na qual receberá intervenções e passará a se comportar mediante aos discursos, conforme eles são propagados, evidenciando a força que esse saber detém.

Para compor esse processo de subjetivação, é empregado um conjunto de técnicas e tecnologias que são baseadas na relação entre poder e saber. E a fim de determinar o que o corpo pode ou não fazer, o poder tem técnicas sutis que visam tornar o homem mais produtivo e dócil. Conforme Mendes (2006), “a lógica política da disciplina é criar um ambiente no qual seja impensável outro cenário, quase uma aberração. A disciplina expõe as regras, cabendo aos corpos cumpri-las.” (MENDES, 2006).

Caso o homem não aceite o “contrato social” e se comporte de maneira desviante do padrão, ele é penalizado, e essa punição que antes era física – sociedade de soberania – passa agora para uma punição corporal – sociedade disciplinar e sociedade de controle - mantida pelas leis sociais, pedagógicas e mecânicas (MENDES, 2006).

Essa não aceitação demonstra a resistência do sujeito frente às essas técnicas de disciplinamento que tentam, a todo custo, manter uma ordem e uma padronização. Diante dessa sistematização, o sujeito que não se adéqua passa a ser visto como um indivíduo com condutas desviantes.

Entende-se então que o corpo tem uma função a ser desempenhada, que está atrelada às tecnologias políticas e às “economias” deste corpo. Segundo Foucault, “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (1997, p. 28). Assim, para formar “corpos dóceis” e produtivos, é essencial utilizar-se das tecnologias políticas (MENDES, 2006).

O foco não está mais no corpo que poderá ser mutilado ou supliciado², mas o caminho agora é chegar até a alma desse indivíduo, por meio do discurso das ciências sociais, e sentenciar não as suas infrações, mas aquilo que provavelmente eles são ou serão, as suas “anormalidade” e patologia (MENDES, 2006).

As penalizações são mais sutis, mascaradas e, na maioria das vezes, entendidas e aceitas socialmente sem muitas contestações, como sendo algo necessário para se viver bem em sociedade.

Também está claro que na sociedade moderna existe um modelo estético diferente daqueles apresentados em séculos passados. A diversidade de corpos, de modismos e de tecnologias que suprissem a necessidade de tornar esse corpo belo, acompanharam a historicidade da estética corporal. Pode-se dizer que na cultura ocidental criou-se o “culto ao corpo”, que pelo seu exagero se configurou na “corpolatria”, que significa um conjunto de práticas – dietas, atividade física, práticas medicinais e etc – que buscam por mais beleza. É então, entre a saúde e a estética, que se posiciona a “ditadura da estética” sob o qual os indivíduos vivem hoje e tem como obrigação ser belo e saudável (FILHO e TRISOTTO, 2008).

² “No estudo levado a efeito em “Vigiar e punir” Foucault (1975/1987) mostra que os suplícios medievais são um modo histórico de tratamento dos corpos que exhibe sua destruição em praça pública, expressando a vingança do rei, quando, por exemplo, um súdito desrespeitava um édito real ou era considerado culpado de traição. O tratamento social e político do corpo nesse momento implica a sua destruição num espetáculo público de poder, mostrando exemplarmente que “isto é o que acontece com aqueles que afrontam o poder real” (Filho & Trisotto, 2008, p. 118).

Nesse sentido, ao falar sobre o corpo do homem, é importante considerar sua identidade e o tempo no qual ele habita. A identidade acompanha a instabilidade da modernidade líquida e, por isso, não pode ser considerada estática e única, mas está a todo o momento sujeita a transformações e movimentações que possibilitam ao homem a ocupação de diferentes posições e papéis que nem sempre estarão em harmonia (LACHI e NAVARRO, 2012).

Para caracterizar esses papéis, o indivíduo se utiliza de símbolos que sinalizarão se ele é ou não pertencente a determinado grupo. E além dos símbolos, a identidade também é construída por meio do discurso e, dessa maneira, a identificação está sempre em construção e nunca pode ser vista como um processo acabado (LACHI e NAVARRO, 2012).

E essa identidade está sujeita a várias modificações justamente por conta da própria instabilidade da modernidade líquida. Segundo Bauman (2001), a modernidade pode ser vista em dois cenários diferentes, ora como “sólida”, ora como “líquida”. Líquida porque se movimenta facilmente e logo adquire nova forma, podendo a qualquer momento se reconfigurar (LACHI e NAVARRO, 2012).

Com o advento da modernidade líquida, toda sociedade foi alterada, e assim como as instituições, os sujeitos também passaram por transformações que tiveram ligação direta com o ‘eu’. Dessa forma, a identidade do indivíduo reagiu de maneira congruente a essas intensas ressignificações sociais.

Portanto, não se pode mais falar sobre uma identidade unificada e coerente, mas sim em diferentes identidades que podem adquirir um novo formato em diferentes momentos, visto que elas não são mais fixas ou permanentes, mas sim líquidas e instáveis (LACHI e NAVARRO, 2012).

Diante deste cenário de profundas mudanças e inovações, a tecnologia teve seu papel fundamental no desenvolvimento dos meios de comunicação, tendo os conteúdos midiáticos propagados, nacional e internacionalmente, além dela ser responsável pela divulgação e a recepção das formas simbólicas (LACHI e NAVARRO, 2012).

As diversas mídias exercem esse papel de modeladoras de identidades e condutas, publicando aquilo que julgam como ideal para o homem. Ao receber tais conteúdos o sujeito trava um combate entre os seus aspectos particulares e os aspectos midiáticos considerados como adequados.

E a mídia ocupa uma posição privilegiada, lugar onde a todo o momento está em constante produção de poder, saber e verdade. Foucault explica que o poder não está

centrado nas mãos de uma única pessoa, mas ele é acessível a qualquer indivíduo e ele se mostra nas práticas cotidianas. O poder está associado à verdade, que é um conjunto de procedimentos que permite dizer se um enunciado pode ser ou não considerado verdadeiro. Por meio desses procedimentos é possível identificar o que é falso e o que é verdadeiro. (PANIAGO, 2005).

As formas simbólicas são fixadas e transmitidas pela mídia atingindo diretamente o sujeito na sua forma de ver a si mesmo e de pensar na realidade que o cerca (LACHI e NAVARRO, 2012). E o presente trabalho tem justamente a finalidade de analisar as estratégias discursivas utilizadas pela mídia na tentativa de fabricar identidades.

Análise da revista Men's Health

Ao longo de um ano, a presente pesquisa buscou analisar as práticas discursivas de subjetivação veiculadas pela revista Men's Health para construir um determinado corpo masculino. O foco do trabalho são os enunciados relacionados à alimentação.

Para fundamentar a análise, utilizou-se, principalmente, a teoria de Michel Foucault, sobretudo o que ele formula a respeito do corpo e a complexa relação que esse autor estabelece entre verdade, poder e saber. Além de construtos teóricos formulados por Michel Foucault, serviram de base para as análises os estudos de Hall e Navarro que tomam a produção de identidades como um fato de discurso.

Portanto, trata-se de uma pesquisa que busca analisar os discursos que constroem as subjetividades e produzem identidades por meio de uma fala elaborada pelo poder na sociedade de controle, que se espalha de maneira falsa conduzindo o indivíduo a uma impressão de liberdade. E para exemplificar a maneira como esse discurso opera, extraímos da própria revista alguns trechos nos quais é possível identificar, claramente, o que Foucault fala acerca da relação poder-saber-verdade.



Figura 1 (página 70)

Figura 2 (página 71)

Figura 3 (página 71)

Figura 4 (página 71)

“Hormônio rock’n’roll”, revista número 80, dezembro de 2012.

Os enunciados presentes na figura 1, 2, 3 e 4 ilustram bem o que acontece durante toda a reportagem: cada dica de alimentação que auxilia na manutenção ou elevação do nível de testosterona é acompanhada de informação sobre o instituto de pesquisa supostamente responsável pela pesquisa. Pode-se observar que a chancela da instituição responsável pela pesquisa é utilizada como forma de aumentar a credibilidade da revista, e dessa forma convencer mais facilmente o leitor a fazer o que está sendo recomendado.

Assim, o que mais chama a atenção no fato de as dicas estarem acompanhadas de uma referência científica, é que elas dão alusão de que todo conhecimento propagado na matéria faz menção a algum estudo realizado em uma universidade, geralmente estrangeira, que dê credibilidade àquilo que o sujeito está lendo. E isso pode ser analisado tomando-se como embasamento a relação que Foucault (2000) estabelece entre poder, saber e verdade. Existe um saber que é propagado por um veículo de comunicação – Men’s Health – que estabelece relações de poder e divulga o verdadeiro da época, que no caso dessa matéria é: seja saudável, seja belo, seja um homem que quer fazer sexo.

Segundo Foucault (2008), o poder ocorre em todas as relações humanas, de forma que não se pode separar aqueles que exercem o poder daqueles que não o exercem. O poder, por isso, não se possui.

Na construção de verdades, o discurso científico exerce papel fundamental, já que a ciência é uma das mais reconhecidas instituições para produção do que pode ser considerado verdadeiro, inclusive sobre o corpo. Para reforçar a ideia de como a legitimidade científica é importante para a credibilidade, apresentamos mais um recorte da revista, em que é informado o que é necessário para manter a saúde.

Aposte no chocolate.
Ele aumenta a dilatação
dos vasos sanguíneos
em mais de 10%, uma
boa ajuda para seu
amigão não falhar
justamente na hora do
combate. *Universidade
da Califórnia
(Estados Unidos)*

I. Combata doenças cardíacas com
milho verde. O grão é rico em
cromo: quanto maiores os níveis
desse supermineral no organismo,
menores as chances de encrencas no
amigo do peito. *Universidade de Harvard
(Estados Unidos)*

VI. Fatias de bacon contêm
nitratos suficientes para
ajudar a alargar os vasos
sanguíneos, facilitando o fluxo de sangue
ao coração. Dê um up no seu feijão -
moderadamente, claro. *Universidade do
Texas (Estados Unidos)*

Figura 5 (página 83)

Figura 6 (página 82)

“100 dicas de saúde para você viver até os 100”, junho de 2011.

Outra situação que é bastante comum nas matérias sobre alimentação veiculadas pela revista *Men's Health* é a aproximação do assunto principal com a atividade sexual do homem. Na figura 5, por exemplo, a revista traz informações sobre os benefícios do chocolate para a dilatação dos vasos sanguíneos, explicando que isso é importante para “seu amigão não falar justamente na hora do combate”, e que ele é um alimento que contribui para a ereção peniana e por isso, pode ser um aliado na busca do prazer e da satisfação sexual. Tudo isso com a assinatura autorizada da Universidade da Califórnia.

Mais adiante, na mesma matéria, a revista explica sobre os benefícios do *bacon*, assegurando que esse alimento faz bem para o coração, o que, de certa forma, é uma afirmativa surpreendente. Ainda que venha com a chancela da Universidade do Texas, a pesquisa contraria investigações anteriores que mostram que o bacon é prejudicial à saúde.

Vemos, então, que uma “verdade”, ainda que científica, sobrepõe-se a outra. Como explica Foucault (2008), o verdadeiro de determinada época é construído por uma determinada vontade de verdade, o que faz com que as verdades não sejam sempre as mesmas.

40% Corte nos níveis de colesterol ruim se você aproveitar o poder da casca da laranja. Seja esperto e coloque raspinhas nas refeições para breicar o LDL. *Departamento de Agricultura dos Estados Unidos*

Itens da fruteira ricos em vitamina C (goiaba, acerola, morango, abacaxi, kiwi) são parceiros na luta contra problemas no coração. Quem normalmente os consome estica a vida em mais seis anos. *Universidade da Califórnia (Estados Unidos)*

59% Queda no risco de câncer de próstata caso você beba seis xícaras de café por semana. O hábito favorece o metabolismo da insulina e da glicose, relacionadas à doença. *Universidade de Harvard (Estados Unidos)*

Abacate oferece boa dose de potássio, que, combinado a uma dieta com baixo teor de sódio, livra você de perrengues como pressão alta e derrame. *Agência de Controle para Alimentos e Remédios (Estados Unidos)*

Figura 7 (página 84)

Figura 8 (página 86)

Lute já contra o diabetes

Desperte legal

Quem investe no café da manhã tem 50% menos chances de apresentar um “sobe e desce” nos níveis de açúcar no sangue. Aposte em cereais fontes de fibras, pois impedem que o colesterol se fixe nas paredes das artérias. *Escola de Medicina de Harvard (Estados Unidos)*

Figura 9 (página 82)

“100 dicas de saúde para você viver até os 100”, junho de 2011.

Quando Men's Health publica matérias como essas, conjugam-se dois tipos de discurso, o científico e o midiático. Se considerarmos que tanto a ciência como a mídia são instâncias consideradas legítimas para a produção de discursos considerados verdadeiros, podemos entender que há mais de um motivo para dar credibilidade a esse tipo de informação: porque trata-se de uma pesquisa científica e porque está publicado na revista.

Valer-se de discursos científicos é a principal estratégia discursiva utilizada pela Men's Health na produção das verdades que quer propagar.

Considerações finais

Pode-se concluir que a mídia fabrica muitas verdades, principalmente quando se utiliza, para dar credibilidade ao que diz, de discursos supostamente científicos. Essas verdades são o principal mecanismo utilizado nas práticas de subjetivação desenvolvidas pela revista Men's Health na tentativa de fabricar um determinado homem: másculo, saudável, sarado e garanhão.

Referências

- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 255 p.
- Dicas de saúde para você viver até os seus 100. In: Revista Men's Health, número 62, São Paulo: Abril, junho de 2011.
- FILHO, P. K.; TRISOTTO, S. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 6ª Edição, 2000.
- _____. Aula de 17 de março de 1976. In: _____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975 – 1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 285 – 315. (Coleção tópicos).
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 25ª Edição, 2008.
- _____. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Hormônio rock'n'roll. In: Revista Men's Health, número 80, São Paulo: Abril, dezembro de 2012.
- LACHI, P.; NAVARRO, P. O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetivação. In: TASSO, I.; NAVARRO, P (Orgs). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem, 2012.
- MENDES, C. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 39, p. 167-181, 2006.
- PANIAGO, M. *Práticas discursivas de subjetivação em contexto escolar*. 2005. 346 f. Tese (Doutorado em linguística) – Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2005.

O INCONSCIENTE E SUAS MANIFESTAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO NO PERIÓDICO PERCURSO: REVISTA DE PSICANÁLISE /INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE DE 2007 À 2011¹

Leilyane Oliveira Araújo Masson (orientadora)

Rafaela Brandão Alves (orientanda PIVIC/CNPq)

Henrique Batista Almeida (orientando PIVIC/CNPq)

Lucienne de Almeida Machado (orientanda de IC)

NEPPEC/FE/UFG

leilyaneomasson@gmail.com

rafaelinha_brandao@hotmail.com

henrique.psicologia@gmail.com

lucienne_1990@hotmail.com

RESUMO

O artigo propõe-se a apresentar o percurso traçado durante um ano de estudos vinculados à pesquisa “Os Dispositivos de uma Temporalidade Outra: A Psicanálise Freudiana frente aos Desafios da Clínica na Contemporaneidade”, desenvolvida no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Educação e Cultura (NEPPEC), da Faculdade de Educação – UFG. O plano de trabalho em questão se pautou pela leitura do Periódico Percurso: Revista de Psicanálise/ Instituto Sede Sapientiae nos anos de 2010 à 2012 por considerar que esses artigos abordam as discussões sobre a clínica contemporânea. O objetivo da pesquisa foi o mapeamento dos desafios/limites/possibilidades enfrentados pela intervenção clínica diante às demandas atuais, com fins a investigar se as questões apresentadas seriam inéditas ao contexto atual ou se seriam problematizações características do fazer analítico e, portanto, não restritas às particularidades históricas. A importância dos estudos desenvolvidos se reflete pela necessidade de sustentação de uma postura crítica e questionadora frente ao que é apresentado como “novo”, postura essa característica daqueles que primam pela pesquisa e pelo desenvolvimento da ciência.

Palavras-chave: psicanálise; Freud; Percurso: Revista de Psicanálise; técnica psicanalítica; inconsciente.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a elucidar o trajeto percorrido durante os anos de 2012 e 2013 em que se desenvolveu a pesquisa vinculada ao projeto “Os Dispositivos de uma

¹ Revisado pelo orientador

Temporalidade Outra: A Psicanálise Freudiana frente aos Desafios da Clínica na Contemporaneidade” desenvolvida no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Educação e Cultura (NEPPEC), da Faculdade de Educação – UFG. A pesquisa se propôs a mapear os desafios, limites e possibilidades que se apresentam na clínica psicanalítica por meio da leitura de artigos do Periódico Percurso: Revista de Psicanálise/ Instituto Sede Sapientiae nos anos de 2010 a 2012.

A Percurso é uma revista semestral de psicanálise editada em São Paulo pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae desde 1988. De circulação nacional com 25 anos de publicação ininterrupta, esse periódico firmou-se como uma das principais revistas de Psicanálise do Brasil. A proposta inicial do plano de trabalho era analisar os últimos cinco anos, no entanto houve uma modificação no projeto geral da pesquisa e, visando coerência com a próxima etapa, foi decidido que a análise se restringiria aos anos de 2010 à 2012, considerando que os artigos publicados nestes anos abordam as discussões atuais, dentre elas o que os autores dizem sobre o “novo” e suas repercussões na clínica.

A proposta de estudar as implicações que o sujeito moderno traz à clínica analítica corrobora com a concepção de que o contexto sócio-histórico constitui sua singularidade, ou seja, que as condições objetivas e as subjetividades dos indivíduos são mutuamente constituídas. Sobre a relação dialética entre sujeito e sociedade diz Rezende (2008) “A vida psíquica não é autônoma, independente e absoluta diante da realidade objetiva que, da mesma forma, não é com relação à subjetividade.” (p. 188). Muito tem sido discutido sobre esse “novo” sujeito, inserido em “novas” formações culturais, arranjos familiares e relações afetivas, colocando tais mudanças como responsáveis por dificuldades enfrentadas nas intervenções clínicas. Para tanto, propõe-se investigar até que ponto essas novas configurações são os reais fatores complicadores ou se desafios já não eram propostos por Freud desde o início de sua produção, demarcando tais questões como universais e que, portanto, não se restringiriam ao contexto vivido.

Como o objetivo do plano se caracteriza pelo mapeamento dos desafios/limites/possibilidades enfrentados pela intervenção clínica diante às demandas atuais, o critério para a seleção dos artigos foi que o resumo contemplasse a clínica a partir de um olhar articulado à prática analítica, não se restringindo aos conceitos metapsicológicos. Os artigos lidos foram mapeados quanto ao caráter desafio, limite e/ou possibilidade decorrentes do mundo, sujeito ou da clínica. A fim de melhor compreender a classificação cada caráter foi

referenciado com um trecho do artigo que justificasse a escolha do mesmo, por último, cada trecho foi definido em categorias que resumissem a problemática discutida.

Como o plano de trabalho em questão se propôs investigar a contemporaneidade a partir das discussões vinculadas pelos artigos publicados na Revista *Percurso*, fez-se necessário que a análise fosse anteriormente fundamentada pela leitura de textos clássicos² da teoria psicanalítica. Pôde-se assim, construir uma base conceitual que permitisse questionar o “novo” a fim de desvendá-lo ou como questões presentes desde os tempos de Freud com a “roupagem” da modernidade ou se seriam realmente desafios/limites/possibilidades inaugurais à clínica atual. Por fim, foi com esta posição crítica e questionadora que o estudo se direcionou, primando pelo cuidado em considerar as transformações sócio-históricas sem, porém, tomá-las como fatores determinantes dos desafios enfrentados pelo analista no seu trabalho clínico.

METODOLOGIA

O estudo realizado se caracterizou como uma pesquisa bibliográfica com análise qualitativa dos dados coletados. O trabalho foi organizado em três momentos interrelacionados:

- 1) Continuidade à leitura, análise e discussão dos estudos realizados em 2011 acerca dos conceitos inconsciente, associação livre e transferência na obra freudiana nas obras clássicas de Freud.
- 2) Elaboração de uma planilha para coleta de dados a fim de mapear os desafios/possibilidades/limites da intervenção clínica na contemporaneidade presentes nos artigos do periódico *Percurso: Revista de Psicanálise/ Instituto Sedes Sapientiae* nos anos de 2010 a 2012.
- 3) Análise dos artigos do periódico *Percurso: Revista de Psicanálise/ Instituto Sedes Sapientiae* a partir da planilha confeccionada enfocando no conceito de inconsciente e suas manifestações na contemporaneidade.

A planilha construída foi dividida em quatro colunas que contemplam o caráter (desafio, limite ou possibilidade), a natureza (mundo, sujeito, clínica), o trecho do artigo que

² “A interpretação dos sonhos” (1900), “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (1901), “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905), “Os artigos sobre a técnica” (1911-1915[1914]), “Análise terminável e interminável” (1937) e “Construções em análise” (1937).

elucida as colunas anteriores, por último, uma categoria que sintetiza o trecho selecionado (diagnóstico diferencial, manejo técnico, por exemplo).

Para melhor compreender a composição da planilha faz-se necessário uma descrição das colunas elaboradas. O caráter desafio/limite/possibilidade refere-se respectivamente ao que os autores apontam como dificuldade, uma questão que se depararam na intervenção clínica, o limite refere-se a algum impasse encontrado, mas diferentemente ao desafio, apresenta um entrave ao qual o analista não encontra saída, já a possibilidade aborda o que os autores encontram como solução diante do desafio apresentado. Quanto à natureza mundo/sujeito/clínica é importante ressaltar que, considerando a relação dialética entre subjetividade e objetividade, não há uma separação efetiva entre mundo, sujeito e clínica, esse item foi criado apenas para que ficasse mais clara a fonte do que era apresentado nos artigos como questão. Objetivou-se, assim, enquadrar o caráter em relação às temáticas abordadas, quando se referiam as questões da contemporaneidade, como sintomas atuais (pobreza de simbolização, por exemplo) a natureza seria “mundo”, quando eram discutidas questões relativas à constituição subjetiva (formações do inconsciente, por exemplo) a natureza seria “sujeito”, já quando o desafio/limite/possibilidade relacionava-se ao fazer clínico do analista (manejo transferencial, por exemplo) a natureza seria “clínica”.

Por fim, para fundamentar o estudo e coleta de dados, foram desenvolvidas outras atividades além de encontros diários com o grupo de pesquisa e encontros semanais com a professora orientadora, como a participação em atividades de pesquisa e formação do NEPEEC e na FE, como o Grupo de Estudos de Psicanálise Freudiana, discussões temáticas, Eventos da Pós-Graduação, entre outras.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

Como a coleta de dados foi realizada a partir da construção de uma planilha, tornou-se possível a quantificação tanto do caráter como das naturezas elencadas, o que contribuiu para o mapeamento dos desafios/limites/possibilidades relacionados ou à contemporaneidade ou às questões “clássicas”. Os resultados obtidos foram apresentados em tabelas para melhor visualização.

Tabela 1 Quantitativo do caráter e natureza encontrados na Revista Percurso

Natureza\ Caráter	DESAFIO	LIMITE	POSSIBILIDADE
CLÍNICA	10	2	10
SUJEITO	2	2	0
MUNDO	1	1	0
TOTAL	13	5	10

Fonte: Levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa “Os Dispositivos de uma Temporalidade Outra: A Psicanálise Freudiana frente aos Desafios da Clínica na Contemporaneidade” organizados a partir do site da Opção Lacaniana, disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/>.

Foi construída também uma tabela com a quantidade de artigos lidos nos anos de publicação de 2010 à 2012, tendo como base o critério de que o artigo deveria abordar a clínica em interlocução com a prática. Assim, com esta tabela seria possível relacionar os números obtidos na tabela 1 com a quantidade de artigos lidos para posteriormente, analisar a proporção de desafios/limites/possibilidades encontrados em cada ano de publicação.

Tabela 2 Análise quantitativa dos artigos da Revista Percurso em cada ano

ANO	2010	2011	2012
Nº DE ARTIGOS	7	6	2

Fonte: Levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa “Os Dispositivos de uma Temporalidade Outra: A Psicanálise Freudiana frente aos Desafios da Clínica na Contemporaneidade” organizados a partir do site da Opção Lacaniana, disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/>.

Considerando-se o objetivo de investigar o que se apresenta como “novo” na contemporaneidade fez-se necessária a construção de uma tabela que enquadrasse as categorias relacionadas aos desafios/limite/possibilidade. Para tanto, tais categorias (manejo técnico, ausência de representação do corpo, postura do analista, clínica do trauma, dentre outras) foram distribuídas em duas categorias maiores de acordo com a questão discutida: a contemporaneidade como fator responsável pelo desafio/limite/possibilidade ou as dificuldades presentes desde os tempos de Freud, aqui intituladas como “clássicas”.

Tabela 3 Quantitativo das categorias encontradas na Revista Percurso em cada ano

Ano \ Categoria	CONTEMPORANEIDADE	“CLÁSSICO”
2010	10	8
2011	1	3
2012	4	2

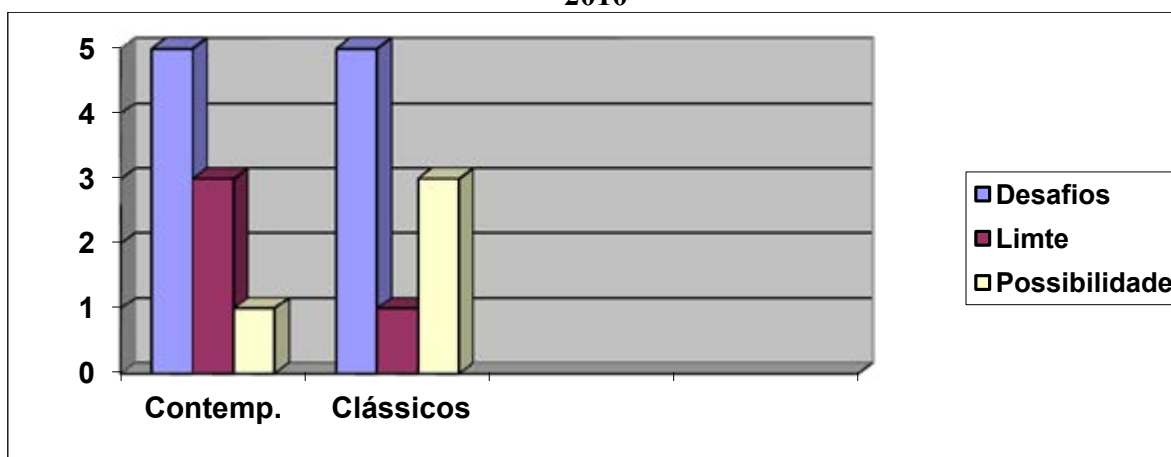
TOTAL	15	13
-------	----	----

Fonte: Levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa “Os Dispositivos de uma Temporalidade Outra: A Psicanálise Freudiana frente aos Desafios da Clínica na Contemporaneidade” organizados a partir do site da Opção Lacaniana, disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/>.

A partir da tabela 3 constata-se a maior quantidade de categorias relacionadas à contemporaneidade no ano 2010, o que se articula ao artigo “*A clínica como testemunho de corporeidade diante do traumático da experiência*”, pois este contribui com nove das 10 categorias. Dos sete artigos selecionados neste ano somente este abordou a temática da contemporaneidade levantando, para tanto, diversos desafios/limites/possibilidades. No ano de 2012 foram encontradas quatro categorias, mas que também são oriundas da discussão de um único artigo “*O padre-nosso da psicanálise*”, assim, de dois artigos lidos neste ano, um deles trabalhou a contemporaneidade. Quanto à discussão de desafios/limites/possibilidades relacionados aos aspectos “clássicos” percebe-se que mesmo em menor quantidade, foram discutidos em um maior número de artigos, estando mais distribuídos que os referentes à contemporaneidade.

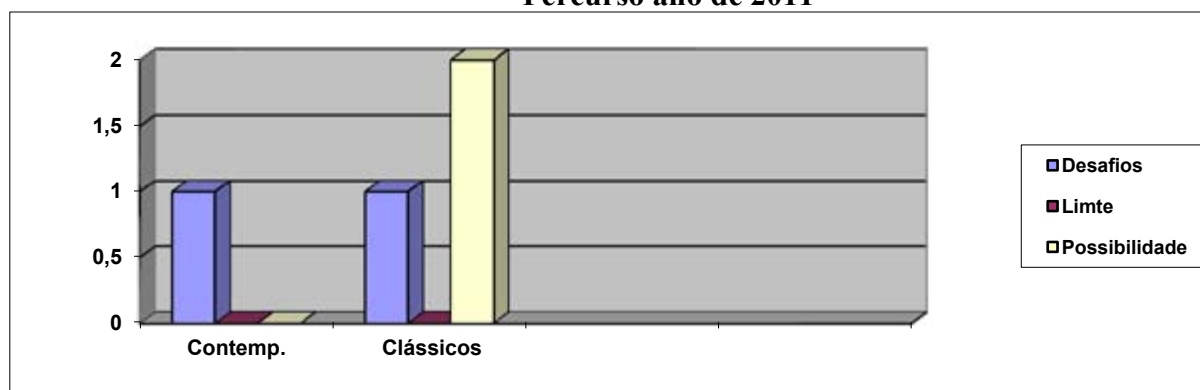
Por fim, objetivando melhor elucidar os dados obtidos e transpostos para as tabelas construíram-se gráficos que relacionam as categorias contemporaneidade/clássicos com o caráter desafio/limite/possibilidade.

Gráfico1 - Quantitativo do caráter e categoria encontrados na Revista Percurso ano de 2010



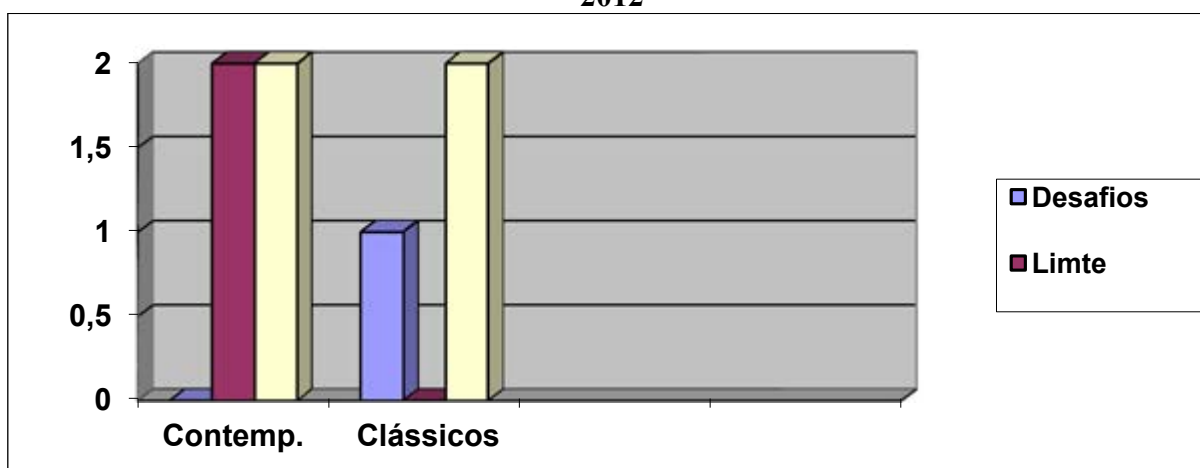
Fonte: Levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa “Os Dispositivos de uma Temporalidade Outra: A Psicanálise Freudiana frente aos Desafios da Clínica na Contemporaneidade” organizados a partir do site da Opção Lacaniana, disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/>.

Gráfico 2 Quantitativo do caráter e categoria encontrados na Revista Percurso ano de 2011



Fonte: Levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa “Os Dispositivos de uma Temporalidade Outra: A Psicanálise Freudiana frente aos Desafios da Clínica na Contemporaneidade” organizados a partir do site da Opção Lacaniana, disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/>.

Gráfico 3 Quantitativo do caráter e categoria encontrados na Revista Percurso ano de 2012



Fonte: Levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa “Os Dispositivos de uma Temporalidade Outra: A Psicanálise Freudiana frente aos Desafios da Clínica na Contemporaneidade” organizados a partir do site da Opção Lacaniana, disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/>.

A partir dos gráficos expostos observa-se uma maior quantidade de categorias extraídas dos artigos do ano de 2010, havendo uma redução nos anos de 2011 e 2012. Ao relacionar estes gráficos com a tabela 1 percebe-se que os desafios e possibilidades se referem majoritariamente à clínica e que as possibilidades apontadas pelos autores vinculam-se prioritariamente à categoria dos “clássicos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante os dados coletados podem ser feitas algumas considerações confluentes ao objetivo do plano de trabalho desenvolvido. Buscou-se investigar as dificuldades apresentadas pelos autores que discutem a clínica analítica, com fins a desvendá-las quanto à sua originalidade ou sua existência desde os tempos de teorização da psicanálise.

Conforme demonstrado nas tabelas e gráficos dos 15 artigos lidos apenas três apontaram desafios/limites/possibilidades encontrados nas intervenções clínicas como consequentes das transformações do contexto atual. Os demais artigos discutiram dificuldades outras como sendo características do fazer analítico e que, portanto, não se circunscrevem à contemporaneidade.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que há menos artigos abordando a contemporaneidade como causa das dificuldades na intervenção analítica, os autores problematizaram mais o assunto e assim mais desafios/limites/possibilidades foram apresentadas, enquanto os artigos que trabalharam as dificuldades como inerentes à clínica levantaram menos questões quando comparados àqueles. A partir dessas considerações pode-se questionar se parte das produções atuais não estariam aderindo à lógica mercadológica de vender o “novo” e, assim, considerações já existentes estariam sendo tidas como ultrapassadas e, portanto, estariam sendo menos problematizadas ou mesmo considerando como novo algo que se refere a um desafio intrínseco à prática clínica psicanalítica. Nesse mesmo sentido, deve-se ressaltar que dos 15 artigos lidos, quatro não discutiram a prática clínica, conforme esperado pelo resumo, a temática fora abordada apenas teoricamente. Diante de tais dados questiona-se o lugar designado à clínica por alguns autores atuais que em grande parte a problematizam apenas por meio dos conceitos, distanciando-a da realidade prática,

Na psicanálise, por sua vez, há algum tempo está presente um sentimento de hipertrofia de sua metapsicologia, de abandono da força clínica, quer pela desconfiança no empirismo de suas descrições, quer pela sua submissão a uma hermenêutica relativista (DUNKER, 2001, p.106).

Os desafios e possibilidades foram majoritariamente vinculados à clínica sendo, portanto, os aspectos referentes às intervenções o cerne das discussões publicadas nesses artigos. Conforme observado, as possibilidades encontradas pelos autores referem-se a caminhos que já estão, em grande parte, postos teoricamente como recomendações freudianas frente aos entraves clínicos,

No que se segue esforçar-me-ei por reunir, para uso de psicanalistas militantes, algumas das regras para o início do tratamento. Entre elas estão algumas que podem parecer pormenores insignificantes, como na verdade são. Sua justificativa é serem simplesmente regras que adquirem importância por sua relação com o plano geral do jogo. Penso estar sendo prudente, contudo, e chamar estas regras de “recomendações” e não reivindicar qualquer aceitação incondicional para elas (FREUD, 1987a, p. 139).

Não obstante, dizer que existem produções acerca da técnica não implica que esta seja de fácil manejo por parte do analista, pelo contrário, o fato de haver tantas publicações sobre o tema seria indício de o fazer analítico ser perpassado por inúmeros desafios. Assim, desvendar o inconsciente e restaurar a capacidade do analisando em levar uma vida ativa com prazeres (FREUD, p.261, 1987b) exige que o analista exerça diariamente a arte de driblar resistências, de manejar a transferência e de interpretar, técnicas estas de grande relevância à psicanálise,

Sem dúvida, o tratamento psicanalítico faz grandes exigências tanto ao doente quanto ao médico; do primeiro reclama o sacrifício da sinceridade total, mostrando-se demorado, e, por isso mesmo, também custoso, é igualmente demorado, e em vista da técnica que ele tem de aprender e praticar, é bastante trabalhoso. (FREUD, 1987c, p. 249).

Dificuldades, desafios, limites e entraves são, portanto, qualificações utilizadas para se referirem à clínica analítica não só da contemporaneidade, mas à clínica desde seu surgimento com as históricas de Viena final do século XIX. Os dados obtidos permitem concluir, portanto, que muitas questões vendidas como “novas” referem-se a desafios já apontados pela teoria psicanalítica, e que assim o continuam, devido à condição de ser humano do sujeito, condição esta marcada pelo sacrifício de desejos e prazeres às normas culturais que retornam sob a forma de sofrimento e mal-estar,

Assim como um planeta gira em torno de um corpo central enquanto roda em torno de seu próprio eixo, assim também o indivíduo humano participa do curso do desenvolvimento da humanidade, ao mesmo tempo em que persegue o seu próprio caminho na vida. (FREUD, 1987d, p. 165).

Por outra via, da mesma maneira como o sujeito encontra satisfações substitutivas e formas outras permitidas socialmente de alcançar prazer, a clínica também não se mantém estagnada frente aos desafios e limites, ela desvenda possibilidades. Alguns caminhos já foram percorridos e caminhos outros podem ser inaugurados. A pesquisa e a ciência são um dos meios disponíveis ao homem para a produção de conhecimentos que levem a superação de dificuldades e limites teórico-práticos, esse foi o objetivo pelo qual a presente pesquisa se

orientou, a busca por produzir saberes que instiguem o posicionamento crítico e que promovam o caminhar da ciência,

Lançando um olhar retrospectivo, portanto, ao mosaico que são labores da minha vida, posso dizer que comecei muitas vezes e joguei fora muitas sugestões. Algo surgirá deles no futuro, embora eu mesmo não possa dizer se será muito ou pouco. Posso, contudo, expressar a esperança de que abri um caminho para importante progresso em nossos conhecimentos. (FREUD, 1987e, p. 72).

REFERÊNCIAS

- DUNKER, C. I. L. *Clínica, Linguagem e Subjetividade. Distúrbios da Comunicação*. V.12, p. 39-61, 2001.
- FREUD, S. Artigos sobre técnica. In: *Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.
- FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização. In: *Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006d.
- FREUD, S. *O Método Psicanalítico de Freud*. In: *Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006b.
- FREUD, S. Sobre a Psicoterapia. In: *Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006c.
- FREUD, S. *Um Estudo Autobiográfico*. In: *Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006e.
- RESENDE, A. C. A. Subjetividade: A contribuição da Psicanálise ao debate. In: MIRANDA, G. M.; RESENDE, A. C. A. *Escritos de Psicologia, Educação e Cultura*. Goiânia: Editora da UCG, 2008.